

# **A Herdeira**

**Henry James**

## CAPÍTULO 1

Durante alguns anos da primeira metade deste século, e mais precisamente nos últimos, prosperou e exerceu na cidade de Nova York um médico que gozou de um quinhão excepcional daquela consideração com que sempre têm sido distinguidos os membros da classe médica nos Estados Unidos. Na América, esta profissão é tida em grande conta e, com mais êxito do que em qualquer outro país, tem reivindicado o epíteto de "liberal". Numa nação onde, para ter importância social, ou se ganha um ordenado ou se finge que se ganha, a arte de curar parecia combinar em alto grau duas fontes de crédito reconhecidas. Pertence ao domínio do prático, o que nos Estados Unidos é uma enorme garantia; e é tocada pela luz da ciência — mérito este muito apreciado numa comunidade onde o amor pelo saber nem sempre tem sido acompanhado de disponibilidade de tempo e de oportunidades.

Na reputação do Dr. Sloper havia a particularidade de a sua erudição e a sua habilidade se equilibrarem perfeitamente; ele era o que podíamos chamar um médico erudito, e no entanto nada havia de abstrato na sua medicamentação — receitava sempre qualquer coisa. Embora fosse tido como muito metucioso, não era incomodamente teórico; e, se muitas vezes explicava as coisas com mais minúcia do que seria útil para o paciente nunca ia ao ponto de, como muitos dos seus colegas confiar apenas na explicação, e deixava sempre uma receita incompreensível. Havia médicos que deixavam a receita sem dar qualquer explicação; mas ele também não pertencia a essa categoria, que era afinal a mais vulgar. Compreender-se-á que estou a descrever um homem inteligente; e essa é afinal a razão pela qual o Dr. Sloper se tinha tornado uma celebridade local.

Na altura em que nos ocupamos dele teria uns cinquenta anos, e a sua popularidade estava no auge. Era muito espirituoso e entre a melhor sociedade de Nova York passava por ser um homem com muito mundo — o que de fato era, em grau suficiente.

Apresso-me a acrescentar, para me antecipar a possíveis más interpretações, que não era de modo algum um charlatão. Era um homem inteiramente honesto — honesto numa medida que nunca teve oportunidade de dar a conhecer completamente; e, pondo de parte o bom feitio do círculo de pessoas onde exercia, que muito gostava de se gabar de que tinha o médico "mais brilhante" do país, ele justificava diariamente os talentos que lhe eram atribuídos pela voz do povo. Era um observador e mesmo um filósofo, e ser brilhante era para ele tão natural e (como dizia a voz do povo) tão fácil, que nunca tinha em mente o mero efeito, e não usava nenhum dos pequenos truques e pretensões das reputações de segunda categoria. Deve confessar-se que a sorte o favorecera e que o caminho para a prosperidade lhe parecia bem fácil. Aos vinte e sete anos casara com uma moça encantadora, Miss Catherine Harrington que, além dos seus encantos, lhe trouxera um sólido dote. Mrs. Sloper era amável, graciosa, muito prendada e elegante, e em 1820 fora uma das bonitas moças da pequena mas promissora capital que se estendia à volta da Battery e ficava sobranceira à baía e cujos limites mais elevados eram marcados pelas valetas arrelvadas de Canal Street. Embora tivesse apenas vinte e sete anos, Austin Sloper já se tinha imposto o suficiente para atenuar a anomalia de ter sido escolhido entre uma dúzia de pretendentes por uma jovem da alta sociedade, que tinha dez mil dólares de rendimento e os olhos mais fascinantes da ilha de Manhattan. Durante cerca de cinco anos, esses olhos e alguns dos seus acompanhantes constituíram uma fonte de extrema satisfação para o jovem médico, que era ao mesmo tempo um marido devotado e muito feliz.

O fato de ter casado com uma mulher rica não alterara o rumo que tinha traçado para si próprio, pelo que cultivou a sua profissão com tanto empenho como se ainda não tivesse outros recursos além da sua fracção do patrimônio modesto que, quando da morte do pai, dividira com os irmãos e irmãs. Esse empenho não fora principalmente fazer dinheiro — fora antes aprender alguma coisa e fazer alguma coisa. Aprender alguma coisa interessante e fazer alguma coisa útil — era este, de uma maneira geral, o programa que estabelecera e cuja validade não lhe parecia de modo nenhum alterada pelo fato de a mulher ter rendimentos. Gostava da sua profissão e de exercer uma capacidade de que estava agradavelmente consciente, e isto era uma verdade tão patente (se não fosse médico, nada mais haveria que pudesse ser), que teimou em ser médico nas melhores condições possíveis. Está claro que a sua situação doméstica lhe evitou excessos de trabalho e que o fato de sua mulher pertencer à melhor sociedade lhe trouxe muitos daqueles doentes cujos sintomas são, se não mais interessantes em si mesmos do que os das classes mais baixas, pelo menos exibidos com maior persistência. Queria experiência, e ao longo de vinte anos teve bastante. Deve acrescentar-se que ela surgiu sob formas que, independentemente do seu valor intrínseco, foram o oposto de bem-vindas. O seu primeiro filho, um rapazinho que muito prometia, como o doutor (que não era dado a entusiasmos fáceis) acreditava firmemente, morreu com três anos, apesar de tudo que a ternura da mãe e a ciência do pai puderam inventar para o salvar. Dois anos depois Mrs. Sloper deu à luz outra criança — uma criança cujo sexo, no entender do doutor, a tornava um substituto inadequado do seu chorado primogênito, de quem ele prometera a si próprio fazer um homem admirável. A menina foi uma desilusão: mas isso não foi o pior. Uma semana depois do parto a jovem mãe que, como costuma dizer-se, tivera um parto feliz, apresentou subitamente sintomas alarmantes e, em menos de uma semana, deixou Austin Sloper viúvo.

Para um homem cujo ofício é manter as pessoas vivas, ele fez realmente pouco pela própria família; e um médico brilhante que no espaço de três anos perde a mulher e o filho deveria talvez estar preparado para ver postos em causa ou a sua perícia ou o seu afeto.

O nosso amigo, porém, escapou às críticas; quer dizer, escapou a todas as críticas excepto à sua, que era de longe a mais competente e a mais temível. Viveu sob o peso desta censura muito particular durante o resto dos seus dias, e conservou para sempre as cicatrizes de um castigo com que o mimoseou a mão mais poderosa que conhecia, na noite que se seguiu à morte da mulher. O mundo que, como já disse, o apreciava, lamentou-o demasiado para ser por ironia; a sua infelicidade tornou-o mais interessante e até o ajudou a estar na moda. Disse-se que mesmo as famílias dos médicos não podem escapar às formas mais insidiosas de doença e que, afinal, o Dr. Sloper já tinha perdido outros doentes, além dos dois que mencionei, o que constituía um honroso precedente. Restou-lhe a filhinha; e embora ela não fosse o que desejara, propôs-se fazer dela o melhor possível. Tinha disponível uma boa dose de autoridade armazenada da qual a criança, logo nos seus primeiros anos, aproveitou largamente. Tinham-lhe dado o nome da mãe, evidentemente, e mesmo quando ainda era um bebezinho o pai nunca lhe chamou senão Catherine. Cresceu robusta e saudável e o pai, quando olhava para ela, dizia muitas vezes a si próprio que, tal como era, não precisava, pelo menos, de ter medo de a perder. Digo "tal como era" porque, para dizer a verdade. — Mas esta é uma verdade cuja revelação vou adiar.

## CAPÍTULO 2

Quando a criança tinha uns dez anos, ele convidou a irmã, Mrs. Penniman, a ir viver com eles. As Slopers eram só duas, e ambas tinham casado cedo. A mais nova, de seu nome Mrs. Almond, era mulher de um próspero comerciante e mãe de uma família florescente. Na verdade também ela florescia, e era uma mulher agradável, tranquila e razoável, a favorita do irmão inteligente que, em matéria de mulheres e mesmo quando se tratava de parentes próximas, era homem de nítidas preferências. Ele preferia Mrs. Almond à irmã, Lavinia, que tinha casado com um pobre pastor de constituição enfermiça e um estilo floreado de eloquência, que a deixou viúva aos trinta e três anos — sem filhos, sem dinheiro — sem nada a não ser a recordação das flores do discurso de Mr. Penniman, cujo vago aroma pairava à volta da sua própria conversa. No entanto, o doutor oferecera-lhe um lar debaixo do seu próprio teto, o que Lavinia aceitara com a alegria de uma mulher que

passara os dez anos da sua vida de casada na cidade de Poughkeepsie. O doutor não propusera a Mrs. Penniman que fosse viver com eles indefinidamente: sugerira que fizesse da sua casa abrigo enquanto procurava alojamento sem mobília. Não se sabe se Mrs. Penniman procurou ou não alojamentos sem mobília, mas é indiscutível que nunca os encontrou. Instalou-se em casa do irmão e nunca mais se foi embora; e, quando Catherine tinha vinte anos, a tia Lavinia era ainda um dos elementos da maior importância da sua família mais próxima. A versão de Mrs. Penniman sobre o caso era que tinha ficado para se encarregar da educação da sobrinha. Tinha apresentado esta versão a toda a gente menos ao doutor, que nunca lhe pediu explicações que ele mesmo se entreteria a inventar qualquer dia. Ainda por cima, Mrs. Penniman, embora possuísse uma boa dose de certo tipo de ousadia artificial, não se atrevia a mostrar-se ao irmão como uma fonte de instrução. Não tinha grande sentido de humor, mas tinha o suficiente para a impedir de cometer semelhante erro: e o irmão, por sua vez, tinha o bastante para a desculpar, dada a sua situação, por lhe impor a sua presença durante grande parte da vida. Por isso, acedeu tacitamente ao plano que ela implicitamente estabelecera: que era importante que a pobre criança sem mãe tivesse por perto uma mulher brilhante. Esta cedência só podia ser tácita, visto que ele nunca ficara ofuscado pelo fulgor intelectual da irmã. Exceto quando se apaixonou por Catherine Harrington, a verdade é que nunca ficara deslumbrado por quaisquer características femininas: e, embora em certa medida fosse o que se chama um médico de senhoras, sua opinião particular sobre o sexo mais complicado não era propriamente exaltada. Considerava essas complicações mais curiosas do que edificantes e tinha uma ideia da beleza da irmã que era, de uma maneira geral, muito pouco corroborada pelo que observava nas suas doentes. A esposa tinha sido uma mulher razoável, mas fora uma feliz exceção: entre as várias coisas de que ele tinha certeza, esta era talvez a principal. Uma tal convicção pouco contribuía, evidentemente, para confortar ou abreviar a sua viuvez: e punha um limite ao reconhecimento das possibilidades de Catherine e da contribuição de Mrs. Penniman, quando muito.

Todavia, passados seis meses ele aceitou a presença permanente da irmã como um fato consumado, e à medida que Catherine se fazia mulher apercebeu-se de que havia de fato boas razões para que ela tivesse uma companheira do seu próprio e imperfeito sexo. Era extremamente delicado com Lavinia escrupulosamente formalmente delicado: e ela nunca o vira enfurecido senão uma vez na vida, quando ele perdeu a cabeça numa discussão teológica com o seu falecido marido. Com ela nunca ele discutiu teologia nem, na verdade, fosse o que fosse. Contentava-se com fazer-lhe saber, muito claramente e sob a forma de um lúcido ultimato, os seus desejos no que tocava a Catherine.

Uma vez, quando a moça tinha cerca de doze anos, ele dissera-lhe: — Tenta fazer dela uma mulher inteligente, Lavinia: gostaria que ela fosse uma mulher inteligente. Mrs. Penniman ficou pensativa por um momento e depois perguntou: — Austin, achas que é melhor ser inteligente do que ser bom? — Bom para quê? — inquiriu o doutor — Não serve para nada ser bom se não se for inteligente.

Desta afirmação Mrs. Penniman não viu razão para discordar: pensou provavelmente que o seu sucesso era devido à sua aptidão para muitas coisas.

— Está claro que quero que a Catherine seja boa — disse o doutor no dia seguinte — mas não será menos virtuosa por não ser estúpida. Não tenho medo de ela ser má: ela nunca terá no seu carácter uma pitada de malícia. É tão boa como bom pão", como dizem os franceses: mas daqui a seis anos não quero ter de a comparar com bom pão com manteiga.

— Tens medo de que ela seja insípida? Sou eu que forneço a manteiga, meu querido irmão: por isso não tens que ter medo! — disse Mrs. Penniman que tomara a seu cargo as "prendas" da criança, vigiando-a ao piano onde Catherine revelava um certo talento, e acompanhando-a às lições de dança onde, deve confessar-se, ela fazia uma figura apagada.

Mrs. Penniman era uma mulher alta e magra, bastante gasta e com um temperamento perfeitamente amigável, um alto grau de gentileza. um certo gosto pela literatura ligeira. e um carácter tola mente dissimulado e pouco reto. Era uma romântica: era uma sentimental: tinha uma paixão por segredinhos e mistérios. uma paixão bem inocente, pois os seus segredos tinham-se revelado até então tão estéreis como ovos podres. Não era totalmente sincera: mas este defeito não tinha grandes consequências visto que nunca tivera nada para

esconder. Gostaria de ter tido um amante e de se corresponder com ele usando um nome inventado, em cartas deixadas numa loja. Atrevo-me a afirmar que a sua imaginação nunca levou a intimidade mais longe do que isto. Mrs. Penniman nunca tivera um amante, mas o irmão, que era muito perspicaz, compreendeu o seu pensamento. "Quando Catherine estiver perto dos dezessete anos," disse consigo mesmo, "Lavinia vai tentar convencê-la de que qualquer jovem de bigode está apaixonado por ela. o que não será de modo nenhum verdade: nenhum jovem, com bigode ou sem ele, se apaixonará por Catherine. Mas Lavinia achará que sim e falará com ela a esse respeito: talvez até fale comigo, se o seu gosto por operações clandestinas não levar a melhor. Catherine não verá nada disso e não acreditará nisso felizmente para a sua paz de espírito: a pobre Catherine não é uma romântica.

Era uma criança saudável e bem constituída, sem um único traço da beleza da mãe. Não era feia: apenas possuía um semblante comum, triste e gentil. O máximo que já se opinara acerca dela era que tinha um rosto "simpático: e, embora fosse uma herdeira, nunca ninguém se lembrara de a considerar uma beldade.

A opinião do pai sobre a sua pureza moral justificava-se inteiramente: era excelentemente, imperturbavelmente boa: afetuosa, dócil, obediente e muito inclinada a dizer a verdade. Quando mais nova, era bastante arrapazada e, embora seja uma confissão um tanto embaraçosa sobre uma heroína de romance, tenho de acrescentar que era muito comilona. Que eu saiba, nunca roubou passas da despensa. Mas usava os seus "alfinetes" na compra de bolos com creme. Porém, quanto a isto, uma atitude crítica não estaria de acordo com uma referência inocente à história dos primeiros anos de qualquer biógrafo. Decididamente, Catherine não era inteligente: não era de raciocínio rápido. Não era anormalmente destituída, e obrigou-se a aprender o suficiente para dar boa conta de si nas conversas com os seus contemporâneos – entre os quais, porém, ocupava um lugar secundário, deve dizer-se. É bem sabido que em Nova York é possível uma jovem ocupar um lugar de primeira categoria.

Catherine, que era extremamente modesta, não desejava brilhar e, na maioria das reuniões mundanas, como são chamadas, era vê-la escondida em segundo plano. Era extremamente amiga do pai, de quem tinha muito medo: achava que ele era o mais inteligente, o mais bonito e o mais célebre dos homens. A pobre moça realizava-se tão completamente no exercício das suas afeições que o pequeno frêmito de medo que se misturava com a sua paixão filial dava à coisa um sabor extra, em vez de lhe embotar o gume. O seu anseio mais profundo era agradar-lhe. e a sua concepção de felicidade era saber que tinha conseguido satisfazê-lo. Nunca o conseguiu além de certa medida. Embora, de um modo geral, ele fosse muito afável com ela. Catherine tinha perfeita consciência disto. e ir além dessa medida parecia-lhe realmente ser algo para que era natural viver-se. O que ela não podia saber, está claro, era que o desapontava, embora por três ou quatro vezes o doutor tivesse sido quase franco a este respeito. Cresceu próspera e tranquilamente: mas, quando já tinha dezoito anos, Mrs. Penniman não conseguira ainda fazer dela uma mulher inteligente. O Dr. Sloper bem teria gostado de ter orgulho da filha: mas nada havia na pobrezinha da Catherine que motivasse qualquer orgulho. Também nada havia, evidentemente, que motivasse vergonha: mas isso não bastava ao doutor, que era um homem orgulhoso e que teria gostado de pensar que a filha era uma moça fora do vulgar. Teria sido natural que fosse bonita e graciosa, inteligente e distinta — porque a mãe fora a mulher mais encantadora da sua curta época — e, quanto ao pai, ele bem sabia quanto valia. Tinha momentos de irritação por ter gerado uma criança banal, e por vezes chegava ao ponto de tirar uma certa satisfação da ideia de que a mulher não vivera o bastante para a conhecer. Foi naturalmente lento a fazer esta descoberta, e só quando Catherine já era uma senhora ele considerou o assunto arrumado. Deu-lhe o benefício de muitas dúvidas: não tinha pressa de chegar a conclusões. Mrs. Penniman assegurava-lhe muitas vezes que a filha tinha uma maneira de ser deliciosa: mas ele sabia como interpretar esta afirmação. Queria dizer, em sua opinião, que Catherine não era suficientemente esperta para descobrir que a tia era uma pateta — limitação de espírito que não podia deixar de agradar a Mrs. Penniman. Porém, tanto ela como o irmão exageravam as limitações da pobre moça: pois Catherine, embora fosse muito amiga da tia e soubesse a gratidão que lhe era devida, olhava-a sem uma partícula daquele temor suave que marcava a sua admiração pelo pai. Para ela, nada havia de extraordinário em Mrs. Penniman: Catherine viu-a logo tal como era e não ficou deslumbrada com o que viu; enquanto as faculdades do pai pareciam, à medida que se expandiam,

perder-se numa espécie de imprecisão luminosa que indicava não que tinham cessado mas que a mente de Catherine deixara de as seguir.

Não se deve pensar que o Dr. Sloper manifestava à pobre moça o seu desapontamento ou que alguma vez a deixara suspeitar de que ela lhe pregara uma partida.

Pelo contrário, receando ser injusto para com ela, cumpria o seu dever com um zelo exemplar e reconhecia que ela era uma criança leal e afetiva. E depois, ele era um filósofo: fumou muitos charutos sobre o seu desapontamento e com o correr do tempo habituou-se a ele. Contentava-se com nada esperar embora, na verdade, com uma argumentação um tanto excêntrica. "Não espero nada — dizia consigo: "de maneira que, se ela me fizer uma surpresa, tudo será lucro: se não, não haverá prejuízo. Isto na altura em que Catherine chegara aos dezoito anos: e assim se verá que o pai não fora precipitado no seu juízo: nessa época ela não parecia somente incapaz de fazer surpresas: quase era de perguntar se alguma vez teria recebido uma — de tão calma e impassível que se mostrava. As pessoas que falavam na generalidade diziam-na fleumática. Mas ela era impassível porque era tímida, incomodamente, dolorosamente tímida. Nem sempre isto era compreendido, e por vezes ela dava uma impressão de insensibilidade. Na realidade era a criatura mais compassiva do mundo.

### CAPÍTULO 3

Em criança prometia vir a ser alta; mas aos dezesseis anos deixou de crescer e a sua estatura, tal como outras das suas particularidades, nada tinha de invulgar. Era forte, contudo, e bem constituída e, felizmente, tinha excelente saúde. Já se disse que o doutor era um filósofo, mas eu não responderia pela sua filosofia se a pobre moça se revelasse uma pessoa doentia e sofredora. A sua aparência de saúde constituía a sua principal pretensão de beleza; e a pele, clara e fresca, onde o branco e o vermelho estavam harmoniosamente distribuídos, era, na verdade uma excelente coisa de se ver. Os olhos eram pequenos e tranquilos, as feições um pouco gradas, o cabelo castanho e macio. Uma moça apagada e simplória, era o que lhe chamavam os críticos mais severos — uma moça calma e senhoril, diziam-na os mais imaginativos; mas por nenhuns deles era muito discutida. Quando a convenceram de que já era uma senhora — e foi muito antes de ela poder acreditar em tal — desenvolveu subitamente um vivo gosto pelos vestidos: vivo gosto é bem a expressão a usar. Sinto-me como se devesse escrever isto em letras pequeninas, pois a sua opinião nesta matéria não era de maneira nenhuma infalível e antes estava sujeita a confusões e embaraços. O prazer que tirava do que vestia era na realidade o desejo reprimido de se manifestar; procurava ser eloquente no vestuário e compensar o seu acanhamento para falar com a sinceridade do que vestia. Mas, mesmo exprimindo-se nas roupas, é certo que não havia que culpar os outros por não a acharem uma pessoa espirituosa. Deve acrescentar-se que, embora esperasse herdar uma fortuna — o Dr. Sloper ganhara durante muito tempo vinte mil dólares por ano e pusera de parte metade — o montante de dinheiro à sua disposição não era maior do que o dote de algumas moças pobres. Nessa época, em Nova York, havia ainda algumas velas de altar tremeluzindo no templo da simplicidade republicana, e o Dr. Sloper teria gostado de ver a filha apresentar-se, com uma graça clássica, como sacerdotisa desta branda doutrina. Pensar que uma filha sua era ao mesmo tempo feia e vestida com espanto levava-o a fazer caretas quando estava sozinho. Porque ele gostava das coisas boas da vida e fazia delas um uso considerável; mas tinha o horror da vulgaridade, e até a teoria de que ela estava aumentando na sociedade que o rodeava.

Além disto, o padrão de luxo há trinta anos, nos Estados Unidos, não era de modo nenhum levado tão longe como presentemente, e o inteligente pai de Catherine tinha pontos de vista à moda antiga quanto à educação dos jovens. Não tinha nenhuma teoria especial sobre o assunto; porque na época ainda não era uma necessidade de autodefesa ter uma coleção de teorias. Simplesmente, parecia-lhe próprio e razoável que uma jovem bem nascida não trouxesse às costas metade da sua fortuna. As costas de Catherine eram largas e bem podiam transportar grande parte dela; mas, para acrescentar ao desagrado do pai, ela nunca se aventurou a mostrá-las, e a nossa heroína já tinha vinte anos quando se ofereceu uma túnica de cetim vermelho enfeitada com uma guarnição dourada para usar à noite, embora se tratasse de um artigo que, durante muitos anos, cobiçara em segredo. Quando a vestia parecia uma mulher de trinta anos; mas curiosamente, apesar do seu

fraco por vestidos bonitos, não tinha um grão de coqueteria e a sua ânsia quando os usava era que eles e não ela parecessem bem. Há um ponto onde a história não é explícita, mas a hipótese é legítima; foi no traje real acabado de mencionar que ela se apresentou numa pequena festa dada pela tia, Mrs. Almond. A moça estava então nos seus vinte e um anos, e a festa de Mrs. Almond foi o início de algo muito importante.

Uns três ou quatro anos antes disto, o Dr. Sloper mudara a sua residência para a parte alta da cidade. Desde o casamento vivera sempre num edifício de tijolo vermelho, com remates em granito e um enorme candeeiro em forma de leque por cima da porta, situado numa rua a cinco minutos de City Hall, e que tivera os seus melhores dias (do ponto de vista social) cerca de 1820. Depois disso, a maré da moda começou a instalar-se a norte como, graças ao estreito canal em que corre, é obrigada a fazer em Nova York; e o enorme ruído do trânsito deslocou — se para mais longe, para a direita e para a esquerda da Broadway. Na época em que o doutor mudou de residência o murmúrio do tráfego tinha-se transformado num barulho intensíssimo, que era música para os ouvidos de todos os bons cidadãos interessados no desenvolvimento comercial, como se deliciavam em lhe chamar, da sua ilha afortunada. O interesse do Dr. Sloper neste fenómeno era apenas indireto — embora, perante ele e quando metade dos seus doentes se tornavam homens de negócios atarefadíssimos, à medida que os anos passavam, pudesse ter sido mais direto e quando a maioria das habitações vizinhas (também ornamentadas com remates de granito e grandes candeeiros em forma de leque) foram transformadas em escritórios e armazéns, ou de qualquer modo adaptadas para fins comerciais, ele decidiu-se a procurar uma casa mais sossegada. O seu ideal para um retiro calmo e elegante encontrou-o ele em Washington Square em 1835, e lá o doutor mandou construir uma casa bonita, moderna, com uma grande fachada e uma enorme varanda em frente das janelas da sala de estar, e um lanço de escadas em mármore branco que subiam até um pórtico também revestido de mármore branco. Esta estrutura e muitas outras das proximidades, com as quais se parecia muito, eram há oitenta anos consideradas a materialização das últimas consequências da ciência arquetônica, e continuam ainda hoje a ser habitações bem sólidas e ilustres.

Em frente delas estava a Praça que continha uma grande quantidade de vegetação barata rodeada por uma cerca de madeira, o que aumentava a sua aparência rural e acessível; para lá da esquina situava-se a parte mais majestosa da Quinta Avenida, que começava neste local com um aspeto espaçoso e ousado que anunciava já os seus altos destinos. Não sei se será — devido à ternura de antigas reminiscências, mas esta parte de Nova York é para muita gente, a mais agradável. Tem uma espécie de sossego institucionalizado que não é frequente noutros locais da cidade longa e barulhenta; e uma aparência mais limpa, mais propícia e mais respeitável do que qualquer das ramificações superiores da grande via longitudinal — a aparência de ter possuído alguma história social. Foi aqui, como já se sabe de fontes autorizadas, que se entrou num mundo que parecia oferecer uma variedade e motivos de interesse; foi aqui que viveram em solidão venerável, as nossas avós, oferecendo uma hospitalidade igualmente louvável para a imaginação e para o gosto das crianças; foi aqui que demos os primeiros passeios ao exterior, seguindo a ama com passos desiguais, e aspirando o estranho perfume dos aliantos que, na época, forneciam as sombras principais à Praça, espalhando um aroma que só não detestávamos como merecia, porque não éramos ainda suficientemente críticos; finalmente, foi aqui que a nossa primeira escola dirigida por uma velhota com grandes seios, longos pés e uma palmatória, que constantemente bebia chá por uma chávena azul e um pires que não condizia, alargou o círculo das nossas observações e das nossas sensações. De qualquer modo, foi aqui que a minha heroína passou muitos anos da sua vida; o que constitui a justificação para este parêntesis topográfico.

Mrs. Almond vivia na parte da cidade, numa rua ainda em embrião, com um número alto de porta, uma região onde a extensão da cidade começava a assumir um aspeto teórico, onde cresciam papoilas ao lado do pavimento (quando este existia), misturando a sua cor com a dos telhados inclinados de casas holandesas desgarradas, e onde porcos e galinhas se divertiam nas valetas. Estes elementos de pitoresco rural desapareceram completamente das ruas de Nova York; mas podem encontrar-se na memória de pessoas de meia-idade em bairros que agora corariam de vergonha se lhos fizessem lembrar. Catherine tinha imensos primos, e com os filhos da tia Almond, que eram nove, convivia em termos de considerável intimidade. Quando era mais nova, eles tinham medo dela, pois dizia-se que era refinadamente educada, e uma pessoa que vivia na

intimidade da tia Penniman possuía um certo reflexo de grandeza. Entre os pequenos Almonds, Mrs. Penniman era objeto mais de admiração do que de simpatia. As suas maneiras eram estranhas e infundiam respeito, e os trajes de luto — andou vestida de preto durante vinte anos após a morte do marido e depois, de repente, apareceu uma manhã com rosas cor-de-rosa no chapéu — eram enfeitados nos lugares mais estranhos e inesperados com fivelas, vidrilhos e pregas que desencorajavam qualquer familiaridade. Levava as crianças demasiado a sério, tanto para bem como para mal, e tinha o ar assustador de quem esperasse delas coisas misteriosas; de maneira que ir visitá-la parecia-se muito com ir à igreja e sentar-se num lugar da frente. Porém, em breve se descobriu que a tia Penniman era apenas um acidente na existência de Catherine e não parte da sua essência, e quando a moça foi passar um sábado com os primos prestou-se a brincar com eles às escondidas e até a saltar ao eixo.

Nesta base, chegou-se facilmente a um entendimento e durante vários anos, Catherine confraternizou com os seus jovens parentes. Digo jovens parentes porque sete dos pequenos Almonds eram rapazes, e Catherine tinha uma certa preferência por aqueles jogos que é mais conveniente jogar com calças compridas. Mas aos poucos as calças dos pequenos Almonds foram ficando mais compridas e os donos começaram a dispersar-se e a instalar-se na vida. Os mais velhos eram mais velhos do que Catherine, e os rapazes foram para a Universidade ou colocaram-se em escritórios. Das moças, uma casou bem pontualmente e a outra pontualmente ficou noiva. Foi para celebrar este último acontecimento que Mrs. Almond deu a festazinha que já referi. A filha ia casar com um corretor da Bolsa jovem e entroncado, o que era considerado uma coisa ótima.

## CAPÍTULO 4

Mrs. Penniman, com mais fivelas e pulseiras do que nunca, foi evidentemente à festa acompanhada pela sobrinha; também o doutor prometera aparecer mais tarde. Ia dançar-se muito e antes da dança já ir muito adiantada Marian Almond aproximou-se de Catherine na companhia de um rapaz alto. Apresentou o rapaz como alguém que tinha um grande desejo de conhecer a nossa heroína, e como primo de Arthur Townsend, seu noivo.

Marian Almond era uma bonita de dezessete anos, com uma figura muito pequena e uma enorme faixa, a cuja elegância de maneiras o casamento nada tinha a acrescentar. Já arvorava todo o ar de uma anfitriã, recebendo as pessoas e abanando o leque, afirmando que, com tanta gente para receber, não teria tempo para dançar. Fez um grande discurso acerca do primo de Mr. Townsend a quem deu uma pancadinha com o leque, antes de ir cumprir outras obrigações.

Catherine não percebera tudo o que ela dissera; a sua atenção dedicava-se a apreciar o à-vontade de maneiras e o fluxo de ideias de Marian, e a olhar para o jovem, que era notavelmente bonito. Conseguira apanhar o seu nome ao contrário do que costumava acontecer-lhe quando alguém lhe era apresentado, nome que lhe parecia ser o mesmo do corretorzinho de Marian.

Catherine ficava sempre aflita com o começo da conversa: parecia-lhe um momento difícil e perguntava-se como algumas pessoas — a que lhe fora apresentada, por exemplo — podiam preocupar-se tão pouco com isso. Pensou o que havia de dizer, e quais seriam as consequências se não dissesse nada. Para já, as consequências foram bem agradáveis. Mr. Townsend, não lhe dando tempo para embarços, começou a falar com ela com um sorriso natural, como se já a conhecesse há um ano.

— Que bonita festa! Que maravilha de casa! Que família interessante! E que linda moça é a sua prima! Estas observações, que em si não tinham grande profundidade, Mr. Townsend parecia fazê-las por aquilo que valiam e como contributo para uma apresentação. Olhou de frente para os olhos de Catherine. Ela não respondeu; apenas escutava e olhava para ele; e ele espera como se não fosse nenhuma resposta especial, continuou dizendo muitas outras coisas no mesmo jeito fácil e natural. Catherine, embora sentisse a língua paralisada, não tinha consciência de qualquer embarço; parecia-lhe apropriado que ele falasse e ela só olhasse para ele. O que tornava isso natural era o fato de ele ser tão bonito, ou antes, conforme disse para si própria, tão belo. A música parara por uns momentos mas recomeçou de repente; ele então perguntou-lhe, com um sorriso

mais profundo e mais intenso, se lhe dava a honra de dançar com ele. Mesmo a este convite ela não deu qualquer concordância audível; deixou-o simplesmente pôr o braço à volta da cintura — e, ao fazê-lo, ocorreu-lhe com mais nitidez do que nunca que aquele era um estranho lugar para um cavalheiro pôr o braço — e num instante ele conduzia-a à volta da sala, no rodopio harmonioso da polca. Quando pararam, ela achou que estava vermelha; e depois, por uns momentos, deixou de olhar para ele.

Abanou-se com o leque e mirou as pinturas de flores. Morris perguntou-lhe se queria recomeçar e ela hesitou em responder, continuando a olhar para as flores.

— Ficou tonta? — perguntou muito delicadamente.

Catherine levantou os olhos para ele; era de fato belo, e não estava nada vermelho.

— Fiquei — disse ela; não sabia por que, porque dançar nunca a pusera tonta.

— Ah, bom, então nesse caso, disse Mr. Townsend, vamos sentar-nos e conversar. Vou procurar um lugar bom. Encontrou um bom lugar, um lugar encantador; um pequeno sofá que parecia destinado só a duas pessoas.

Nessa altura os salões estavam muito cheios; os dançarinos aumentavam em número, e as pessoas estavam de pé, em frente e muito perto deles, voltando-lhes as costas, de maneira que Catherine e o seu companheiro pareciam isolados e despercebidos. Vamos conversar, dissera o jovem; mas continuava a ser ele a fazer todas as despesas da conversa. Catherine estava encostada para trás, no seu lugar com os olhos fixos nele, sorrindo e achando-o muito inteligente. Tinha feições parecidas com as dos atores de cinema.

Catherine nunca vira feições assim — tão delicadas, tão bem cinzeladas e perfeitas — nos nova-iorquinos com que cruzava na rua ou encontrava nos bailes. Era alto e esguio, mas parecia extremamente forte. Catherine pensou que ele era como uma estátua. Mas uma estátua não falaria assim, e, acima de tudo, não teria uns olhos com uma cor tão rara.

Nunca tinha ido a casa de Mrs. Almond; sentia-se como um estranho; e era muito amável da parte de Catherine ter pena dele. Era primo de Arthur Townsend — não muito próximo mas em vários graus — que o trouxera para o apresentar à família. A verdade é que se sentia muito estranho em Nova York; nascera lá, mas há muito que lá não ia. Tinha andado pelo mundo e vivido em estranhas paragens; regressara apenas um ou dois meses antes. Nova York era bem agradável, mas o pior era sentir-se muito sozinho.

— Bem vê, as pessoas nos esquecem — disse ele sorrindo para Catherine com o seu maravilhoso olhar, enquanto se inclinava para a frente obliquamente, voltado para ela, com os cotovelos sobre os joelhos. Pareceu a Catherine que ninguém que o visse uma vez o esqueceria; mas embora fizesse esta reflexão, guardou-a para si, como se guardasse algo precioso.

Ali ficaram sentados durante algum tempo. Ele era muito divertido, fez-lhe perguntas sobre as pessoas que os rodeavam; tentou adivinhar quem eram algumas e cometeu erros engraçadíssimos. Criticou-as com muito à vontade, de uma maneira positiva e espontânea. Catherine nunca ouvira ninguém — especialmente um rapaz — falar assim. Era a maneira como um jovem poderia falar num romance; ou, melhor ainda, numa peça teatral, num palco, mesmo à boca de cena, olhando o público e com toda a gente a olhar para ele, espantada com a sua presença de espírito. E no entanto Mr. Townsend não se parecia com um ator; parecia tão sincero, tão natural. Tudo isto era muito interessante: mas no meio surgiu Marian Almond rompendo por entre a multidão, com um gritinho irônico, ao ver os dois ainda juntos, o que fez com que toda a gente se voltasse, e custou a Catherine um rubor consciente. Marian interrompeu a conversa e disse a Mr. Townsend — que tratava como se já fosse casada e ele fosse seu primo, para ir ter com a mãe dela, que durante a última meia hora estivera com vontade de o apresentar a Mr. Almond.

— Havemos de nos encontrar outra vez — disse para Catherine ao deixá-la, e Catherine achou aquilo muito original.

A prima levou-a pelo braço e fê-la dar uma volta.

— Não é preciso perguntar que tal achou Morris — exclamou a jovem.

— É esse o nome dele?

— Não estou perguntando o que achou do nome dele, mas dele próprio — disse Marian.

- Ora, nada especial — respondeu Catherine, disfarçando pela primeira vez na vida.
- Vou dizer isso a ele! — exclamou Marian. — Vai fazer bem; é tão convencido.
- Convencido? — disse Catherine pasma.
- É o que diz Arthur, e Arthur conhece-o bem.
- Olha, não diga! — murmurou Catherine implorando.
- Não lhe digo que é convencido? Já disse uma dúzia de vezes.

Perante esta profissão de audácia Catherine olhou a sua pequena companheira, muito admirada. Pensou que era porque ia casar que Marian se tinha em tão grande conta. Mas também perguntou a si mesma se esperariam dela proezas destas quando ficasse noiva.

Meia hora depois viu a tia Penniman sentada no vão e uma janela, com a cabeça um pouco inclinada e o lornhão dourado nos olhos, que se passeavam pelo salão. À sua frente estava um cavalheiro um pouco inclinado para ela e de costas para Catherine. Conheceu mediatamente suas costas, embora nunca as tivesse visto, e quando ele a deixou, a convite de Marian, recuara da melhor maneira, sem se voltar. Morris — o nome já se lhe tinha tornado muito familiar, como se alguém lho tivesse repetido ao ouvido durante a última meia hora — Morris Townsend estava a transmitir as suas impressões sobre o grupo à tia Penniman, como fizera consigo; estava a dizer coisas inteligentes, e Mrs. Penniman sorria como se as aprovasse. Logo que se apercebeu deles, Catherine afastou-se; não teria gostado que ele se voltasse e a visse. Mas deu-lhe prazer toda a cena. Que ele estivesse a conversar com Mrs. Penniman, com quem ela morava, que via e com quem falava todos os dias — isso parecia mantê-lo por perto e torná-lo ainda mais fácil de contemplar do que se fosse ela o objeto das suas atenções; e que a tia Lavinia gostasse dele, que não ficasse chocada com o que ele dizia, isso também parecia à moça um lucro pessoal; pois o padrão da tia Lavinia era extremamente elevado, plantado como estava sobre o túmulo do seu falecido marido onde, conforme convencera toda a gente, estava sepultado o próprio gênio da arte da conversação. Um dos rapazes Almond, como os chamava Catherine, convidou a nossa heroína para dançar uma quadrilha, e, durante um quarto de hora, pelo menos os pés dela estiveram ocupados. Desta vez não fiou tonta; tinha a cabeça bem lúcida. Quando a dança acabou, ela encontrou-se no meio da multidão, cara a cara com o pai. O Dr. Sloper tinha geralmente um pequeno sorriso nunca um grande; e com esse pequeno sorriso brincando nos olhos claros e nos lábios bem barbeados, olhou para o vestido carmesim da filha.

— Será possível que esta pessoa esplendorosa seja a minha filha? Se alguém lhe tivesse dito que sim tê-lo-ia surpreendido; mas é um fato que ele quase nunca se dirigia à filha senão de uma maneira irônica. Sempre que se lhe dirigia, dava-lhe prazer; mas ela tinha de ignorar o prazer. Ficavam pedacinhos dele, ligeiros resquícios e fragmentos de ironia, de que ela nunca sabia que fazer, que pareciam demasiado delicados para seu uso; e no entanto Catherine, lamentando as limitações do seu entendimento, sentia que eles eram valiosos demais para serem desperdiçados, e acreditava que, mesmo se lhe passassem por cima da cabeça, ainda contribuía para o somatório geral da sabedoria humana.

— Não estou esplendorosa — disse ela suavemente, desejando ter posto outro vestido.

— Estás sumptuosa, opulenta, dispendiosa, — insistiu o pai. — Pareces como se tivesses oitenta mil dólares por ano.

— Bem, como não tenho... — disse Catherine sem lógica. A concepção que tinha da sua fortuna em perspectivas era como que indefinida.

— Como não tens, não devias parecer que tens. Tens gostado da festa? Catherine hesitou por um instante; e depois, olhando para outro lado, murmurou: — Estou um pouco cansada.

Já afirmei que esta festa foi o início de algo importante para Catherine. Pela segunda vez na sua vida ela dava uma resposta indireta; e o começo de um período de dissimulação é decerto uma data significativa. Catherine não se cansava tão facilmente como isso.

No entanto, na carruagem quando iam para casa, tava tão calada como se realmente a fadiga tivesse tomado conta dela. A maneira de o Dr. Sloper se dirigir à sua irmã Lavinia tinha muitas semelhanças com o tom que adoptava para com Catherine.

— Quem era o rapaz que estava a fazer-te namoro. — perguntou ele passado pouco tempo.

— Oh, meu irmão — murmurou Mrs. Penniman em desaprovação.

— Parecia desusadamente terno. Sempre que eu olhava para ti, durante meia hora, ele tinha um ar devotadíssimo.

— A devoção não era para mim — disse Mrs. Penniman. — Era para a Catherine; estava a falar-me dela. Catherine escutava com todos os ouvidos.

— Ora, tia Penniman! — exclamou ela vagamente.

— É muito bonito; é muito inteligente; exprimia-se com muito, com muito a propósito — continuou a tia.

Então está apaixonado por esta magnificente criatura? perguntou o doutor, trocista.

— Oh, pai — exclamou a moça ainda mais vagamente, muito agradecida por estar escuro dentro da carruagem.

— Isso não sei. Mas admirou o vestido dela.

Catherine não disse para si mesma no escuro "Só o meu vestido? A informação de Mrs. Penniman chocou-a por excesso, não por defeito.

— Bem vêes — disse o pai — ele pensa que tens oitenta mil dólares por ano.

— Não acredito que ele pense isso — disse Mrs. Penniman — é demasiado bem educado.

— Deve ser tremendamente bem educado para não pensar isso! — E é mesmo! — exclamou Catherine sem pensar.

— Julguei que tinhas adormecido — respondeu o pai. Chegou a hora — disse a si próprio. Lá vai a Lavinia arranjar um romance para a Catherine.

É uma vergonha pregar partidas destas à moça.

— Como é que se chama o cavalheiro? — continuou em voz alta.

— Não compreendi bem e não quis perguntar-lhe. Foi ele que pediu para me ser apresentado — disse Mrs. Penniman, com certo orgulho — mas bem sabes como Jefferson fala sem se aperceber. — Jefferson era Mr. Almond — Catherine, querida, qual é o nome do cavalheiro?

Durante um minuto e se não fosse o barulho da carruagem poder-se-ia ouvir cair um alfinete.

— Não sei, tia Lavinia — disse Catherine suavemente. E, com toda a sua ironia, o pai acreditou nela.

## CAPÍTULO 5

Veio a saber o que perguntara três ou quatro dias depois, quando Morris Townsend, com o primo, apareceu em Washington Square. À vinda para casa, Mrs. Penniman não tinha dito ao irmão que dera a entender ao tal simpático jovem cujo nome não sabia que, tal como a sobrinha, teria muito prazer em o receber; mas fiou muito satisfeita, e até um pouco lisonjeada, quando, ao fim da tarde de domingo, os dois cavalheiros apareceram. O fato de vir com Arthur Townsend tornou a visita mais natural e fácil; este último estava na fase de se relacionar com a família, e Mrs. Penniman comentara para Catherine que, como ia casar com Marian, seria delicado da sua parte fazer-lhe uma visita. Estes acontecimentos ocorreram no fim do Outono, e Catherine e a tia tinham estado as duas sentadas na penumbra, junto da lareira, na saleta das traseiras.

Arthur Townsend foi para junto de Catherine, enquanto o companheiro se sentava no sofá ao lado de Mrs. Penniman. Até então Catherine nunca fora de críticas severas; era fácil de contentar — gostava de conversar com rapazes. Mas naquela tarde o prometido de Marian fê-la sentir-se um tanto exigente; estava sentado a olhar para as chamas e esfregava os joelhos com as mãos. Quanto a Catherine, nem sequer fingia querer fazer conversa; a sua atenção fixara-se no outro lado da sala; escutava o que se ia passando entre o outro Mr. Townsend e a tia. De vez em quando procurava Catherine com os olhos e sorria-lhe, como que para indicar que o que dizia era também para ela. Catherine teria gostado de mudar de lugar e de ir sentar-se perto deles, onde pudesse vê-los e ouvi-los melhor. Mas tinha receio de parecer atrevida, de dar a ideia de estar impaciente; e, de resto, não seria delicado para o pretendente de Marian. Tentava entender porque o outro cavalheiro teria escolhido a tia, como tinha tanto que dizer a Mrs. Penniman de quem, habitualmente, os rapazes não gostavam. Não tinha de todo ciúmes da tia Lavinia, mas tinha um pouco de inveja e, acima de tudo, procurava entender; porque Morris Townsend constituía um objeto sobre o qual ela sentia que a sua imaginação se podia exercitar indefinidamente. O primo estava a descrever uma casa que comprara tendo em vista o seu casamento com Marian, e as comodidades domésticas com que tencionava dotá-la; que Marian quisera uma maior e Mrs. Almond recomendara uma mais pequena e como ele próprio estava convencido de que conseguira a casa mais elegante de Nova York.

— Não faz mal — disse — é só por três ou quatro anos. Depois mudamo-nos. É a maneira de se viver em Nova York — mudar de casa de três em três ou de quatro em quatro anos. Assim tem-se sempre o mais recente. É porque a cidade está a crescer tão rapidamente — temos de manter o mesmo ritmo. Está a estender-se para a parte mais alta — é para lá que vai. Se não tivesse medo de que a Marian se sentisse muito sozinha, iríamos, mesmo para a parte mais alta, e esperávamos pela cidade. Era apenas esperarmos dez anos e todos iriam atrás de nós. Mas a Marian diz que quer ter vizinhos — não quer ser pioneira. Diz que se tivesse de ser a primeira pessoa a habitar uma região, seria preferível ir para Minnesota. Acho que irei cada vez mais para cima aos poucos; quando nos cansarmos de uma rua mudamo-nos mais para cima. Vai ver que teremos sempre uma casa nova; é uma grande vantagem ter uma casa nova; tem-se sempre o que há de mais recente. Inventam sempre coisas novas aí de uns cinco em cinco anos, e é bom estarmos a par delas. Eu tento sempre estar a par das coisas novas de todos os gêneros. Não acha que é bom lema para um casal jovem — ir cada vez mais para cima? Como é que se chama aquele poema, como é que se chama? Excelsior? Catherine prestava ao seu jovem visitante apenas aquela atenção suficiente para sentir que não fora assim que Mr. Morris Townsend falara na outra noite

ou que estava agora a falar com a sua afortunada tia. Mas de repente o seu futuro parente tornou-se mais interessante. Parecia ter tomado consciência de que ela fora afetada pela presença do seu companheiro, e achou que era conveniente explicá-la.

— O meu primo pediu-me para o trazer, se não eu não me teria atrevido. Parecia que queria muito vir; sabe, ele é extremamente sociável. Disse-lhe que teria de vos pedir licença primeiro, mas ele informou-me de que Mrs. Penniman já o convidara. Não nos podemos fiar no que ele diz, quando se trata de obter qualquer coisa. Mas parece que Mrs. Penniman acha que está certo.

— Temos muito prazer em o receber — disse Catherine. E quis dizer mais qualquer coisa sobre ele, mas não sabia o quê. — Nunca o tinha visto — acrescentou em seguida.

— Não? Mas ele disse-me que na outra noite esteve a conversar consigo mais de meia hora.

— Eu queria dizer antes dessa noite. Foi essa a primeira vez.

— Sabe, ele não tem estado em Nova York. Tem andado por todo o mundo. Não conhece cá muita gente mas como é muito sociável quer conhecer todas as pessoas.

— Todas as pessoas? — perguntou Catherine.

— Bom, as que valem a pena. Todas as senhoras ainda jovens e bonitas, como Mrs. Penniman! — E Arthur Townsend riu consigo.

— Minha tia gosta muito dele — disse Catherine. — Como a maioria das pessoas. Ele é tão brilhante.

— Parece mais um estrangeiro — alvitrou Catherine.

— Nunca conheci nenhum estrangeiro — disse o jovem Townsend num tom que parecia indicar que esta ignorância fora uma opção.

— Nem eu — confessou Catherine, com mais humildade. — Dizem que são geralmente brilhantes — acrescentou distraidamente.

— Bom, as pessoas desta cidade são suficientemente inteligentes para mim. E conheço algumas que acham que são inteligentes demais para mim; mas não são.

— Suponho que não se pode ser inteligente demais — disse Catherine, ainda com humildade.

— Não sei. Conheço alguns que acham o meu primo inteligente demais. Catherine escutou esta afirmação com muitíssimo interesse, e com a impressão de que se Morris Townsend tinha algum defeito seria naturalmente este. Mas não se comprometeu e perguntou logo: — Agora que ele regressou vai cá ficar sempre? — Se conseguir encontrar alguma coisa para fazer — disse Arthur.

— Alguma coisa para fazer? — Qualquer emprego, algum negócio.

— Ele não tem nenhum? — perguntou Catherine, que nunca tinha ouvido falar de um jovem, da classe mais alta, nessa situação.

— Não; anda à procura. Mas não consegue arranjar nada.

— Tenho muita pena — permitiu-se observar Catherine.

— Ai, ele não se importa — disse o jovem Townsend. — Não se aflige, não tem pressa. Ele é muito especial.

Catherine pensou que naturalmente o seria; e por alguns momentos entregou-se à contemplação desta ideia, em várias das suas facetas.

— Então o pai dele não o mete nos seus negócios, ou no escritório? perguntou ela por fim.

— Ele não tem pai, só tem uma irmã. E as irmãs não são grande ajuda.

Catherine pensou que, se fosse ela essa irmã, desaprovava este axioma.

— E ela é. é simpática? — perguntou imediatamente.

— Não sei. Acho que é muito respeitável — disse o jovem Townsend. E depois olhou para o primo e começou a rir.

— Olha lá, estamos a falar de ti — acrescentou.

Morris Townsend fez uma pausa na conversa com Mrs. Penniman, e ficou a olhar, com um sorrisinho. Depois levantou-se como se quisesse aproximar-se. — No que te diz respeito não posso retribuir o cumprimento — disse para o companheiro de Catherine. Mas quanto a Miss Sloper o caso é outro.

Catherine achou este pequeno discurso maravilhosamente bem respondido; mas ficou embaraçada com ele e levantou-se também. Morris Townsend ficou de pé olhando para ela e sorrindo; estendeu a mão para se despedir. Ia embora sem lhe ter dito nada; mas mesmo nestas condições ela ficou contente por o ter visto.

— Vou contar-lhe o que me disse. Quando tiver ido embora! — disse Mrs. Penniman com um risinho significativo. Catherine corou porque se sentiu como se estivessem a fazer troça dela. Que diabo podia este belo rapaz ter dito? Ele continuava a olhá-la, apesar do seu rubor, mas muito delicadamente e com muito respeito.

— Não cheguei a falar consigo — disse ele — e foi para isso que cá vim. Mas será uma boa razão para voltar noutra altura; um pequeno pretexto, se é que preciso dum. Não tenho medo do que a sua tia lhe vai contar depois de eu ter ido embora.

E com isto os dois jovens partiram; após o que, Catherine, ainda corada, dirigiu a Mrs. Penniman um olhar sério e interrogativo. Era incapaz de artifícios complicados e não recorreu a qualquer expediente jocoso — a qualquer simulação de receio de terem dito mal dela — para saber o que desejava.

— O que foi que disse que havia de me contar? perguntou.

Mrs. Penniman aproximou-se dela sorrindo e acenando um pouco com a cabeça, mirou-a toda e endireitou o laço de fita que ela tinha ao pescoço.

— É um grande segredo, minha menina; mas ele vem fazer-te a corte! Catherine continuava séria.

— Foi isso que ele lhe disse? — Não disse exatamente; mas deu a entender. E eu sou uma boa entendedora.

— Está a dizer que ele vem fazer-me a corte? — Com certeza que não é a mim, menina; embora deva dizer que ele é muito mais amável, para uma pessoa que já não tem uma grande juventude a recomendá-la, do que a maioria dos rapazes. Ele pensa é noutra pessoa.

— E Mrs. Penniman deu à sobrinha um beijinho delicado. — Tens de ser muito atenciosa com ele.

Catherine arregalou os olhos, estava desorientada.

— Não a entendo, ele nem me conhece.

— Conhece, sim; mais do que pensas. Conte-lhe tudo a teu respeito.

— Oh, tia Penniman! — murmurou Catherine como se aquilo tivesse sido uma falta de lealdade. — Ele é absolutamente um estranho. Nós nem o conhecemos.

Havia uma infinita modéstia no "nós" da pobre moça.

Porém, Mrs. Penniman não fez caso dela; falou até com um pouco de acrimônia.

— Minha querida Catherine, sabes muito bem que o admiras.

— Oh, tia Penniman! — foi tudo que Catherine conseguiu murmurar novamente. Podia muito bem ser que ela o admirasse, embora isso não lhe parecesse coisa para se falar assim. Mas que este estranho fascinante, esta súbita aparição que mal tinha ouvido o som da sua voz, tivesse por ela esse gênero de interesse expresso nas palavras românticas que Mrs. Penniman acabara de usar, bom, isso só podia ser uma invenção do cérebro irrequieto da tia Lavinia, que toda a gente sabia ser uma mulher de grande imaginação.

## CAPÍTULO 6

Por vezes Mrs. Penniman até partia do princípio de que as outras pessoas tinham tanta imaginação como ela; e assim, quando passada meia hora o irmão entrou, dirigiu-se-lhe movida por esse princípio.

— Ele esteve aqui mesmo agora, Austin; que pena não o teres encontrado.

— Mas quem foi que eu não encontrei? — perguntou o doutor.

— Mr. Morris Townsend; fez-nos uma visita tão simpática! — E quem, neste mundo, é Mr. Townsend? — A tia Penniman refere-se ao cavalheiro. o cavalheiro de cujo nome eu não me lembrava — disse Catherine.

— O cavalheiro que na festa da Elizabeth estava tão interessado na Catherine — acrescentou Mrs. Penniman.

— Ai o nome dele é Morris Townsend? E veio cá propor-te casamento, foi? — Oh pai! — murmurou a moça em resposta voltando-se para a janela, onde a penumbra já se transformara em escuridão.

— Espero que ele não faça isso sem a tua permissão — disse Mrs. Penniman com indulgência.

— Afinal, minha cara, parece que a tua já ele tem — respondeu-lhe o irmão.

Lavinia sorriu-se, como se isto não fosse suficiente e Catherine, com a testa encostada à vidraça, escutava esta troca de galhardetes tão calada como se cada um deles não constituísse uma alfinetada no seu próprio destino.

— Na próxima vez que ele vier — acrescentou o doutor — é melhor chamares-me. Pode gostar de me ver.

Morris Townsend voltou uns quatro dias depois; mas não chamaram o Dr. Sloper que se encontrava ausente na altura. Catherine estava com a tia quando anunciaram o nome do jovem, e Mrs. Penniman, eclipsando-se e protestando, fez questão de a sobrinha ir sozinha para a sala de visitas.

— Desta vez é para ti! Só para ti — disse ela. Da outra vez, quando falou comigo, foi só um preliminar, foi para ganhar a minha confiança. É mesmo assim, minha querida; eu hoje não teria coragem para me mostrar.

O que era perfeitamente verdade. Mrs. Penniman não era uma mulher corajosa, e Morris Townsend dera-lhe a impressão de ser um homem com grande força de carácter e notáveis capacidades satíricas — uma natureza arguta, decidida e brilhante com a qual era preciso ter muito tato. Disse para consigo que ele era "imperioso" e gostou da palavra e da ideia. Não estava nada com ciúmes da sobrinha, fora perfeitamente feliz com Mr. Penniman, mas no fundo do coração permitiu-se a observação de que "Era este o gênero de marido que eu gostaria de ter tido". Era certamente muito mais imperioso — acabou por lhe chamar imperial — do que Mr. Penniman.

Assim Catherine esteve sozinha com Mr. Townsend e a tia não apareceu nem sequer no fim da visita. E a visita foi demorada: ele ficou sentado na sala da frente, na poltrona maior, durante mais de uma hora. Desta vez parecia estar mais à vontade, mais familiar; um pouco recostado na cadeira, dando com a bengala pancadinhas numa almofada que estava perto, e olhando toda a sala e para os objetos que ela continha, assim como para Catherine. Havia um sorriso de devoção respeitosa nos seus lindos olhos que pareciam a Catherine quase solenemente belos; fê-la pensar num cavaleiro de um poema. Contudo, o que dizia não era especialmente cavalheiresco: era leve, natural e amigável; depois voltou-se para as coisas práticas e fez-lhe várias perguntas — quais eram os gostos dela — se gostava disto e daquilo — quais eram os seus hábitos. Disse-lhe, com o seu sorriso encantador, "Fale-me de si; faça-me uma pequena descrição".

Catherine tinha muito pouco a dizer e não tinha jeito para descrições; mas antes de ele se ir embora já lhe tinha confessado que tinha uma secreta paixão pelo teatro, só escassamente satisfeita, e que gostava de música de ópera — especialmente de Bellini e de Donizetti, (deve lembrar-se, em abono desta jovem simples, que já tinha estas opiniões numa idade geralmente ignorante) — que raramente tinha oportunidade de ouvir, excepto no órgão manual. Confessou que não apreciava particularmente literatura. Morris Townsend concordou com ela, que os livros eram coisas enfadonhas; só que, acrescentou, era preciso ler muitos para se chegar a essa conclusão. Já estivera em sítios sobre os quais se tinha escrito e que não se assemelhavam nada às descrições. Ver com os próprios olhos — isso é que valia a pena: ele sempre tentava ver com os seus próprios olhos. Já tinha visto todos os melhores atores -já estivera nos melhores teatros de Londres e Paris. Mas os atores eram como os autores — exageravam sempre. Ele gostava de tudo que era natural. De súbito calou-se, olhando para Catherine com o seu sorriso.

— É por isso que gosto de si; você é tão natural! Desculpe — acrescentou: — como vê eu também sou natural.

E antes que ela tivesse tempo de pensar se o desculparia ou não — do que depois, descansadamente, teve certeza que sim — ele começou a falar de música, dizendo que ela era o seu maior prazer na vida. Já ouvira todos os grandes cantores em Paris e Londres — Pasta, Rubini e Lablache — e quando se fez isto pode dizer-se que se sabe o que é cantar.

— Eu também canto qualquer coisa, qualquer dia hei-de mostrar-lhe. Hoje não, noutra altura.

E então levantou-se para sair. Esquecera-se, por acaso, de dizer que cantaria para ela se ela tocasse para ele. Pensou nisto depois de já estar na rua; mas bem podia ter-se poupado a este pesar, pois Catherine não

notara o lapso. Pensava apenas que "noutra altura" tinha um som delicioso; parecia até projetar-se no futuro.

Esta era mais uma razão por que, embora envergonhada e inquieta, devia contar ao pai que Mr. Morris Townsend voltara a visitá-la. Anunciou o fato abruptamente, quase violentamente, logo que o doutor entrou em casa; e depois de o ter feito — era o seu dever — tomou medidas para sair da sala. Mas não conseguiu sair com a rapidez suficiente; o pai fê-la parar mesmo quando ela ia a chegar à porta.

— Então, minha querida, foi hoje que ele te pediu em casamento? — perguntou o doutor.

Era isto precisamente que ela receava que o pai perguntasse: e no entanto não tinha a resposta preparada. Teria gostado, evidentemente, de o ter considerado um gracejo — o que devia ser a intenção do pai; porém, também teria gostado de, ao negá-lo, ser um pouco categórica, um pouco incisiva, para que ele não voltasse a fazer a pergunta. Não gostava — tornava-a infeliz. Mas Catherine nunca podia ser incisiva; e, por um momento, limitou-se a ficar ali com a mão no puxador da porta, olhando o pai trocista e soltando uma pequena gargalhada.

"Decididamente, disse o doutor para consigo, a minha filha não é brilhante". Mal ele tinha acabado de fazer esta reflexão, Catherine encontrou qualquer coisa para dizer; decidira tomar a coisa como um gracejo.

— Talvez me peça na próxima vez — exclamou repetindo a gargalhada; e saiu rapidamente da sala.

O doutor ficou espantado, perguntando a si mesmo se a filha estaria a falar a sério. Catherine foi direita para o quarto e quando lá chegou lembrou-se de que havia outra coisa — uma coisa melhor — que poderia ter dito. Nesse momento quase desejou que o pai voltasse a perguntar-lhe o mesmo, para ela poder responder: "Pois foi, Mr. Morris Townsend propôs-me casamento e eu recusei".

Todavia o pai começou a fazer perguntas a outras pessoas, tendo-lhe naturalmente ocorrido que seria bom informar-se devidamente a respeito desse jovem que adquirira o hábito de entrar e sair de sua casa. Dirigiu-se à irmã mais velha, Mrs. Almond — mas não foi procurá-la de propósito; não havia assim tanta pressa como isso; tomou nota do caso para a primeira oportunidade. O doutor nunca estava ansioso, nunca era impaciente nem nervoso; mas tomava nota de tudo e consultava regularmente as suas notas. Entre elas encontrava-se a informação que obteve de Mrs. Almond sobre Morris Townsend.

— A Lavinia já veio perguntar-me isso e está excitadíssima: nem percebo. Afinal não é sobre ela que o rapaz parece ter intenções. É muito especial.

— Ai, minha querida — replicou o doutor — ela não viveu comigo estes doze anos sem que eu tenha dado por isso.

— Tem um espírito tão artificial — disse Mrs. Almond, que sempre aproveitava a ocasião para discutir as peculiaridades de Lavinia com o irmão. — Ela não queria que eu te contasse que me tinha vindo fazer perguntas a respeito de Mr. Townsend; mas eu disse-lhe que te contava. Quer sempre esconder tudo.

— Mas em certos momentos ninguém diz as coisas com tanta crueza como ela. Parece um farol giratório, escuridão de breu alternando com um brilho estonteante! Mas o que foi que tu lhe disseste? — perguntou o doutor.

— O que te digo a ti: que sei muito pouco a respeito dele.

— A Lavinia deve ter ficado desapontada com isso — disse o doutor; — devia preferir que ele fosse culpado de algum crime romântico. Mas devemos sempre pensar o melhor das pessoas. Dizem-me que o nosso cavalheiro é primo do rapazinho a quem vais confiar o futuro da tua filha.

— O Arthur não é um rapazinho; é um homem muito velho; tu e eu nunca seremos tão velhos! É um parente afastado do protégé de Lavinia. O nome é o mesmo, mas deram-me a entender que há Townsends e Townsends. É o que me diz a mãe do Arthur; falou de "ramos" -ramos mais novos, ramos mais velhos, ramos inferiores — como se fosse uma casa real. Parece que o Arthur pertence à linha reinante, mas o jovem da pobre Lavinia não. Além disto, a mãe do Arthur pouco sabe a respeito dele; só conhece uma vaga história de que ele tem sido um valdevinos. Mas conheço um pouco a irmã dele, que é uma senhora muito simpática. Chama-se Mrs. Montgomery; é viúva, tem alguns bens e cinco filhos. Mora na Segunda Avenida.

— E o que é que Mrs. Montgomery diz dele?

— Que possui talentos pelos quais se poderia distinguir.

— Só que é preguiçoso, não é?

— Ela não diz isso.

— É por orgulho de família — disse o doutor. Qual é a profissão dele? — Não tem nenhuma; anda à procura de alguma coisa. Julgo que em tempos esteve na Marinha.

— Em tempos? Que idade tem ele?

— Suponho que tem mais de trinta anos. Deve ter entrado para a Marinha muito novo. Julgo que o Arthur me disse que herdou uns pequenos bens — foi talvez por isso que deixou a Marinha — e que gastou tudo em poucos anos. Viajou por todo o mundo, viveu no estrangeiro, divertiu-se. Acho que era uma espécie de sistema, uma teoria que ele tinha. Regressou à América recentemente com a intenção de começar a vida a sério, conforme diz ao Arthur.

— Então está a sério em relação à Catherine?

— Não sei por que não há de acreditar — disse Mrs. Almond. — Parece-me que nunca fizeste justiça à Catherine. Deves lembrar-te de que ela tem em perspectiva trinta mil por ano.

O doutor olhou para a irmã por um momento, e depois disse, num leve tom de amargura: — Você, pelo menos, a aprecia.

Mrs. Almond corou.

— Não quero dizer que seja o seu único mérito; digo simplesmente que é um grande mérito. Muitos rapazes pensam assim; e parece-me que tu nunca te deste bem conta disso. Tens tido sempre um jeitinho de te referires a ela como uma moça incasável.

— As minhas referências são tão amáveis como as tuas, Elizabeth — disse o doutor com franqueza. Quantos pretendentes já teve a Catherine, com todas as suas perspetivas, quanta atenção lhe têm prestado? A Catherine não é incasável, mas não é absolutamente nada atraente. Que outra razão há para a Lavinia estar tão encantada com a ideia de que apareceu um apaixonado lá em casa? Nunca houve nenhum até agora e a Lavinia, com a sua natureza sensível e compreensiva, não está habituada à ideia. Afeta-lhe a imaginação. Devo fazer aos rapazes de Nova York a justiça de afirmar que me parecem desinteressados. Preferem moças bonitas, moças alegres, moças como as tuas filhas. A Catherine não é bonita nem alegre.

— A Catherine está muito bem; tem um estilo próprio, o que é mais do que a minha pobre Marian, que não tem estilo nenhum — disse Mrs. Almond. — A razão por que a Catherine tem recebido tão pouca atenção é o fato de parecer a todos os rapazes mais velha do que eles. É tão grande e veste-se tão pomposamente. Penso que eles têm um certo medo dela; tem aspeto de já ser casada e sabes que eles não gostam de mulheres casadas. E, se os nossos jovens parecem desinteressados — prosseguiu a irmã mais sensata do doutor -, é porque casam geralmente muito novos: antes dos vinte e cinco anos, na idade da inocência e da sinceridade — antes da idade do calculismo. Se esperassem mais um pouco, a Catherine teria melhor sorte.

— Com o calculismo? Não, muito obrigado — disse o doutor.

— Espera até aparecer um homem inteligente com quarenta anos, e ele logo ficará encantado com a Catherine — continuou Mrs. Almond — Então Mr. Townsend não tem idade suficiente? Os seus motivos podem ser puros.

— É muito possível que os seus motivos sejam puros; teria muita pena de partir do princípio contrário. A Lavinia está certa disso; e, como ele é um jovem muito cativante, podias conceder-lhe o benefício da dúvida.

O Dr. Sloper refletiu por um instante.

— Que meios de subsistência tem ele atualmente? — Não faço ideia. Como já te disse, vive com a irmã.

— Uma viúva com cinco filhos? Queres dizer que vive à custa dela? Mrs. Almond levantou-se e inquiriu com certa impaciência: — Não seria melhor perguntares à própria Mrs. Montgomery? — Talvez venha a fazê-lo — disse o doutor. — Disseste que era na Segunda Avenida? — E tomou nota da Segunda Avenida.

## CAPÍTULO 7

Mas não estava, de maneira nenhuma, a falar tão a sério como tal parecia indicar; a verdade é que, mais

do que tudo, se divertia com a situação. Não estava nem por sombras em estado de tensão ou de vigilância no que toca às perspectivas de Catherine; estava até atento ao ridículo que poderia resultar do espetáculo de uma casa lançada na confusão por a sua filha e herdeira ter recebido atenções sem precedentes nos seus anais. Mais do que isso, chegou a prometer a si próprio tirar algum divertimento do pequeno drama — se é que era drama onde Mrs. Penniman desejava apresentar o hábil Mr. Townsend como herói. Até ao momento não tinha qualquer intenção de controlar o desenvolvimento da ação. Conforme sugerira Elizabeth, tinha toda a boa vontade de conceder ao jovem o benefício de todas as dúvidas; não havia nisso grande perigo, pois Catherine, aos vinte e dois anos, era afinal uma flor bem desabrochada, que só poderia ser arrancada da haste com um puxão vigoroso.

O fato de Morris Townsend ser pobre não constituía necessariamente uma desvantagem; o doutor nunca se convencera de que a filha casaria com um homem rico.

A fortuna que ela herdaria parecia-lhe mais do que suficiente para duas pessoas razoáveis, e se viesse a fazer parte da lista um pretendente sem cheta que desse boas referências, seria apreciado segundo os seus méritos pessoais. Havia outras coisas para além do dinheiro.

O doutor achava muito deselegante precipitar-se a acusar pessoas de motivações mercenárias, tanto mais que a sua porta ainda não fora de todo assediada por caçadores de fortunas; e, finalmente, tinha grande curiosidade de verificar se Catherine poderia realmente ser amada pelas suas qualidades morais. Sorriu ao pensar que afinal o pobre Mr. Townsend só lá fora a casa duas vezes, disse a Mrs. Penniman que, na próxima vez que ele viesse, o convidasse para jantar. Ele voltou muito pouco tempo depois, e Mrs. Penniman teve, evidentemente, grande prazer de cumprir esta missão. Morris Townsend aceitou o convite com igual prazer, e o jantar teve lugar passados alguns dias.

O doutor dissera consigo, e com razão, que não deviam convidar apenas o jovem; isso poderia parecer que estavam a encorajá-lo. Assim, foram convidadas mais duas ou três pessoas; mas Morris Townsend, embora não fosse de modo algum quem mais se evidenciou, foi a verdadeira atração da festa. Há todas as razões para supormos que ele desejava causar boa impressão; e, se não o conseguiu, não foi por falta de muito e inteligente esforço. Durante o jantar o doutor falou muito pouco com ele; mas observou-o atentamente, e depois de as senhoras terem saído, ofereceu-lhe vinho e fez-lhe várias perguntas. Morris não era pessoa que precisasse de ser instada, e a superior qualidade do clarete constituiu para ele encorajamento bastante. O vinho do doutor era admirável, e pode comunicar-se ao leitor que, enquanto o saboreava, Morris cogitava que uma adega com bons vinhos — era evidente que havia uma adega — constituía num sogro uma idiossincrasia muitíssimo atraente. O doutor ficou impressionado com o seu hóspede apreciador; viu logo que ele não era um jovem vulgar.

Tem capacidade, disse o pai de Catherine, uma nítida capacidade; tem uma boa cabeça, se quiser usá-la. É invulgarmente bem parecido; o gênero de figura que agrada às senhoras; mas acho que não gosto dele.

O doutor, contudo, guardou para si estas reflexões e conversou com as visitas acerca de terras estrangeiras; a este respeito Morris forneceu-lhe mais informações do que ele estava preparado para engolir, conforme se exprimiu mentalmente. O Dr. Sloper tinha viajado pouco, e tomou a liberdade de não acreditar em tudo o que o seu hóspede falador narrava. Orgulhava-se de ser bastante fisionomista; e, enquanto o jovem tagarelava com uma natural segurança, tirando baforadas do charuto e enchendo novamente o copo, o doutor permanecia sentado com os olhos tranquilamente fixos no seu rosto inteligente e expressivo. "Tem a segurança do próprio diabo!" pensou o anfitrião de Morris; "parece-me que nunca vi tanta segurança. E o seu poder de invenção é extraordinário. Sabe muito; no meu tempo não se sabia tanto. É uma boa cabeça, disse eu? Julgo que sim — depois de uma garrafa de Madeira e uma e meia de clarete".

Depois do jantar Morris Townsend foi juntar-se a Catherine, que estava de pé em frente da lareira com o seu vestido de cetim vermelho.

— Ele não gosta de mim, não gosta mesmo nada — disse o jovem.

— Quem é que não gosta de si? — perguntou Catherine.

— O seu pai. Que homem extraordinário! — Não percebo como é que sabe — disse Catherine corando.

— Sinto; sou muito rápido a sentir.

- Talvez esteja enganado.
- Ah, bom! Pergunte-lhe e verá.
- Prefiro não perguntar, se há algum perigo de ele responder como você pensa.

Morris olhou para ela com um ar de melancolia trocista.

- Dar-lhe-ia algum prazer contradizê-lo? — Eu nunca o contradigo — afirmou Catherine.
- Vai ouvir dizer mal de mim sem abrir a boca em minha defesa? — O meu pai não vai dizer mal de si.

Não o conhece suficientemente.

Morris Townsend deu uma grande gargalhada e Catherine corou de novo. — Nunca vou mencioná-lo — disse ela para fugir à sua confusão.

— Está bem; mas isso não é o que eu queria ouvi-la dizer. Gostaria que tivesse dito: "Se o meu pai não pensa bem de si, o que é que isso importa?" — Ah, mas importaria; não posso dizer isso! — exclamou a moça.

Ele olhou-a por um momento, sorrindo; e se o doutor os estivesse vendo nesse instante, teria notado um brilho de autêntica impaciência na doçura amável dos olhos dele. Mas não havia impaciência na sua réplica: — pelo menos excepto a que se exprimiu num pequeno suspiro significativo. "Ah bem! então não devo desistir da esperança de o convencer." Mais tarde nessa noite expressou isto mais francamente a Mrs. Penniman.

Mas antes cantou duas ou três canções a um tímido pedido de Catherine; não que se convencesse de que isso ajudaria o pai dela a mudar de ideias. Tinha uma vozinha fraca de tenor e, quando terminou, todos fizeram algumas exclamações — isto é, todos exceto Catherine, que ficou muito calada. Mrs. Penniman declarou que aquela maneira de cantar era muitíssimo artística, e o Dr. Sloper disse que era "muito agradável, muito agradável realmente". falou alto e nitidamente, mas com uma certa secura.

— Não gosta de mim, não gosta nada de mim — disse Morris Townsend dirigindo-se à tia da mesma maneira como tinha feito com a sobrinha. — Acha que em mim tudo é mau.

Ao contrário da sobrinha, Mrs. Penniman não pediu explicações. Apenas sorriu muito docemente, como se compreendesse tudo; e, também ao contrário de Catherine, não fez nenhuma tentativa para o contradizer.

— E diga-me lá o que é que isso importa? — murmurou ela brandamente.

— O que a senhora diz é que está certo — exclamou Morris para grande satisfação de Mrs. Penniman, que se orgulhava de dizer sempre a coisa certa. Na primeira vez que esteve com a irmã Elizabeth, o doutor informou-a de que tinha conhecido o protégé de Lavinia.

— Fisicamente é invulgarmente bem parecido. Como anatomista, é realmente um prazer para mim ver uma estrutura tão bela; mas se todos fossem como ele, que pouca necessidade haveria de médicos! — Não vêes mais nada nas pessoas senão os ossos? — perguntou Mrs. Almond. — Como pai, o que pensas dele? — Como pai? Graças a Deus não sou pai dele! — Pois não, mas és da Catherine. A Lavinia disse-me que ela está apaixonada.

— Terá de se curar disso. Ele não é um cavalheiro.

— Olha, toma cuidado! Lembra-te que ele pertence a um ramo dos Townsend.

— Não é o que eu chamo um cavalheiro; não tem alma disso. É extremamente insinuante; mas tem uma natureza vulgar. Compreendi-o num minuto. É demasiado familiar; e eu detesto familiaridades. Provavelmente é um pretensioso.

— Ah, bem — disse Mrs. Almond — se tiras conclusões tão facilmente, é uma grande vantagem.

— Não tiro conclusões facilmente. O que digo é resultado de trinta anos de observação; e para ser capaz de formar uma opinião numa única noite tive de passar toda a vida estudando.

— Possivelmente tem razão. Mas a questão é que a Catherine veja isso! — Hei de oferecer-lhe uns óculos! — disse o doutor.

## CAPÍTULO 8

Se era verdade que estava apaixonada, o fato é que se mantinha muito serena; mas o doutor estava evidentemente preparado para admitir que a sua serenidade podia significar muita coisa. Dissera a Morris

Townsend que não o mencionaria ao pai, e não via razão para faltar a este voto de discrição. Mais não era, evidentemente, do que boa educação que, depois de ter jantado em Washington Square, Morris lá voltasse; e não era, evidentemente, mais do que natural que, depois de ter sido recebido amavelmente, continuasse a aparecer. Catherine nada disse ao pai a respeito destas visitas, embora elas se tivessem tornado rapidamente a coisa mais importante, a coisa mais absorvente, da sua vida. Estava muito feliz. Ainda não sabia no que aquilo resultaria; mas o presente tornara-se de súbito rico e importante. Se lhe dissessem que estava apaixonada ficaria bastante surpreendida, pois tinha a ideia de que o amor era uma paixão ansiosa e exigente, e nesta altura o seu coração estava repleto de impulsos de autoapagamento e de sacrifício. Logo que Morris Townsend saía, a imaginação dela projetava-se, com toda a sua força, na ideia do rápido regresso dele; mas se nesse momento lhe dissessem que ele não voltaria durante um ano, ou mesmo que nunca mais voltaria, ela não se lamentaria nem revoltaria, antes teria aceitado humildemente a decisão e procuraria consolar-se, lembrando as vezes que já o vira, as palavras que ele dissera, o som da sua voz, dos seus passos, a expressão do seu rosto. O amor exige certas coisas como direitos; mas Catherine não tinha a noção dos seus direitos; tinha apenas a consciência de uma dádiva enorme e inesperada. A sua gratidão por ela era silenciosa, pois que lhe parecia algo de impudico fazer do seu segredo um espetáculo. O pai suspeitava das visitas de Morris Townsend e notava a reserva da filha, que parecia pedir perdão por elas; mirava-o constantemente em silêncio, como se quisesse dizer que não falava porque tinha medo de o irritar. Mas a muda eloquência da pobre moça irritava-o mais do que qualquer outra coisa, e ele deu consigo a murmurar por mais de uma vez que era uma enorme pena que a sua única filha fosse pateta. Porém, os seus murmúrios não eram audíveis; e durante algum tempo não disse nada a ninguém. Teria gostado de saber quantas vezes exatamente o jovem Townsend viera vê-la; mas decidira não fazer perguntas à própria filha — não lhe dizer mais nada que indicasse que ele a observava. O doutor estava convencido de ser muito justo: queria deixar à filha a sua liberdade, e interferir somente quando o perigo fosse real. Não estava na sua maneira de ser obter informações por processos indiretos, e nunca lhe ocorreu interrogar os criados. Quanto a Lavinia, detestava falar com ela sobre o assunto; ela aborrecia-o com o seu pretenso romantismo. Mas teve de recorrer a isso. As convicções de Mrs. Penniman a respeito das relações da sobrinha com o jovem e inteligente visitante, que salvava as aparências visitando ostensivamente ambas, tinham evoluído para uma fase mais madura e mais rica. Nada havia já de intempestivo na maneira como Mrs. Penniman lidava com a situação; tornara-se tão reservada como a própria Catherine. Saboreava as doçuras da dissimulação; adoptara uma atitude misteriosa.

— Ficaria encantada se pudesse provar a si própria que está a ser assediada — disse o doutor; e quando finalmente a interrogou ficou com certeza de que ela arranjará maneira de extrair das suas palavras um pretexto para essa convicção.

— Faz o favor de me informar sobre o que se passa nesta casa — disse-lhe num tom que, atendendo às circunstâncias, ele próprio considerou genial.

— O que se passa, Austin? — exclamou Mrs. Penniman. — Olha que não sei. Acho que na noite passada a gata cinzenta teve gatinhos.

— Com a idade dela? — disse o doutor. — A ideia é surpreendente. Quase chocante. Tem a bondade de providenciar para que sejam todos afogados. Mas o que aconteceu mais? — Oh, os pobres gatinhos! — exclamou. — Não os afogarei por nada deste mundo!

Durante alguns momentos o irmão tirou baforadas do charuto em silêncio.

— A tua pena dos gatinhos, Lavinia — atalhou ele — vem de um elemento felino do teu próprio temperamento.

— Os gatos são muito graciosos e limpos — disse Mrs. Penniman sorrindo.

— E muito dissimulados. Tu és a personificação da graça e do asseio; mas falta-te a franqueza.

— A ti decerto que não, irmão querido.

— Não pretendo ser gracioso embora me esforce por ser asseado. Porque foi que não me contaste que o Morris Townsend está a vir cá a casa quatro vezes por semana? Mrs. Penniman arqueou as sobrancelhas: — Quatro vezes por semana! — Então três vezes ou cinco, se preferes. Estou fora todo o dia e não vejo nada. Mas

quando acontecem coisas destas devias contar — me.

Mrs. Penniman, ainda com as sobrancelhas arqueadas, refletiu muito concentrada.

— Caro Austin, — disse por fim — sou incapaz de trair uma confiança. Prefiro sofrer por isso.

— Ai não tenhas receio! não vais sofrer. Referes-te a uma confiança de quem? A Catherine obrigou-te a fazer voto de segredo eterno? — De modo nenhum. A Catherine disse-me menos do que podia dizer. Não teve grande confiança em mim.

— Então foi o rapaz que fez de ti sua confidente? Deixa-me dizer-te que é extremamente imprudente da tua parte fazer alianças secretas com rapazes; não sabes onde podem levar-te.

— Não sei o que queres dizer com alianças — disse Mrs. Penniman. — Interesse-me muito por Mr. Townsend; não nego isso. Mas é tudo.

— E já é bastante, dadas as circunstâncias. Qual é a razão do teu interesse por Mr. Townsend?

— Ora — disse Mrs. Penniman sonhadora e depois arvorando o seu sorriso — é que ele é tão interessante! O doutor sentiu que precisava de ter paciência.

— E o que é que o faz interessante? O ter bom aspeto?

— As suas desventuras, Austin.

— Ah, ele teve desventuras? Claro que isso é sempre interessante. E tens licença para mas contar?

— Não sei se ele gostaria — disse Mrs. Penniman. — Disse-me muitas coisas a seu respeito, contou-me realmente toda a sua história. Mas acho que não devo repetir essas coisas. Tenho certeza de que também tas contaria se achasse que ias escutá-lo com simpatia. Com simpatia consegue-se tudo dele.

O doutor deu uma gargalhada.

— Hei-de pedir-lhe com muita simpatia que deixe a Catherine em paz.

— Ah! — disse Mrs. Penniman espetando o dedo indicador para o irmão e encolhendo o mindinho — se calhar a Catherine já lhe disse alguma coisa mais simpática do que isso! — Disse-lhe que o amava? É isso que julgas? Mrs. Penniman pôs os olhos no chão.

— É como te digo, Austin, ela não confia em mim.

— Mesmo assim, suponho que tens a tua opinião. É esta que te peço; embora não te esconda que não a considerarei decisiva.

Os olhos de Mrs. Penniman continuavam pregados no tapete; mas por fim levantou-os, e então o irmão considerou-os muito expressivos.

— Julgo que a Catherine está muito feliz; é tudo o que posso dizer.

— O Townsend está a tentar casar com ela! É isso que pensas? — Está muitíssimo interessado nela.

— E acha-a muito atraente, é?

— A Catherine tem uma maneira de ser encantadora, Austin — disse Mrs. Penniman — e o Townsend teve a habilidade de descobrir isso.

— Com uma ajudazinha tua, suponho eu. Minha querida Lavinia — exclamou o doutor — és uma tia admirável!

— É o que diz Mr. Townsend — observou Lavinia sorrindo.

— Achas que é sincero? — perguntou o irmão.

— Quando diz isso?

— Não; aí claro que é. Mas na admiração que tem pela Catherine?

— Profundamente sincero. Disse-me as coisas mais elogiosas e encantadoras a respeito dela. Também tas diria a ti, se tivesse certeza de que o escutarias com afabilidade.

— Duvido que possa garantir isso. Parece que ele exige afabilidade a mais.

— Tem uma natureza sensível e compreensiva — disse Mrs. Penniman.

O irmão tirou mais baforadas do charuto em silêncio.

— Essas delicadas qualidades sobreviveram às suas vicissitudes, não foi? E tu que ainda não me contaste os seus infortúnios!

— É uma longa história — disse Mrs. Penniman — e considero-a uma confiança sagrada. Mas acho que

não fará mal eu dizer que ele foi um estouvado, confessa-o francamente. Mas pagou por isso.

— E foi assim que perdeu a fortuna?

— Não me refiro só ao dinheiro. Está muito sozinho no mundo.

— Queres dizer que se portou tão mal que os amigos o puseram de parte? — Teve amigos falsos que o enganaram e o traíram.

— Julgo que também os tem bons. Tem uma irmã dedicada e meia dúzia de sobrinhos e sobrinhas.

Mrs. Penniman ficou calada durante um minuto.

— Os sobrinhos e as sobrinhas são crianças e a irmã não é uma pessoa simpática.

— Espero que ele não te fale mal dela — disse o doutor — é que me afirmaram que vive à custa dessa irmã.

— Vive à custa dela?

— Vive com ela e não faz nada; vem a dar no mesmo.

Está à procura de emprego com muita vontade — disse Mrs. Penniman -. Espera encontrar alguma coisa a todo o momento.

— Precisamente. Está à procura aqui em casa, além, na sala da frente. O emprego de marido de uma mulher fraca de espírito e com uma grande fortuna deve servir-lhe na perfeição! Mrs. Penniman era sempre calma, mas nesse instante começou a dar sinais de indignação. Levantou-se muito depressa e por um momento ficou a olhar para o irmão.

— Meu caro Austin — observou — se consideras a Catherine uma mulher de espírito fraco estás redondamente enganado! — E com isto afastou-se majestosamente.

## CAPÍTULO 9

Era costume a família de Washington Square passar as tardes de domingo em casa de Mrs. Almond. No sábado que se seguiu à conversa que acabo de narrar este costume não foi interrompido; e nessa altura, pelo meio da tarde, o Dr. Sloper teve oportunidade de se retirar para a biblioteca com o cunhado, para discutirem negócios. Esteve ausente uns vinte minutos, e quando regressou ao grupo que estava reforçado pela presença de vários amigos da família, verificou que Morris Townsend tinha aparecido e não perdera tempo para se sentar num pequeno sofá ao lado de Catherine. No grande salão, onde se tinham formado pequenos grupos e onde ressoava o barulho de vozes e gargalhadas, estes dois jovens podiam trocar confidências — como o doutor pensou consigo — sem despertarem as atenções. Porém constatou logo que a filha estava dolorosamente consciente de que ele a observava. Estava sentada muito quieta, com os olhos pregados no leque aberto que tinha no colo, muito corada, contraída como que para minimizar a ousadia de que se confessava culpada.

O doutor quase teve pena dela. A pobre Catherine não era atrevida; não tinha feitio para fanfarronices e, como sentia que o pai encarava as atenções do seu companheiro com antipatia, só experimentava desconforto com o fato de parecer desafiá-lo. O doutor teve tanta pena dela, que se afastou para lhe evitar a sensação de estar a ser observada; e foi tão compreensivo que, em pensamento, rendeu uma espécie de justiça poética à situação dela.

"Deve ser imensamente agradável para uma moça simplória e apagada que um tipo jovem e bonito venha sentar-se a seu lado, e lhe segrede que é seu escravo — se é isso que este lhe está a segredar. Não admira que ela goste e que me ache um tirano cruel; o que acha, com certeza, embora receie — não possui a ousadia necessária — admiti-lo para si própria. Pobrezinha da Catherine! — meditou o doutor; — até acredito que ela é capaz de me defender se o Townsend disser mal de mim".

E, para já, a força desta reflexão de tal maneira lhe fez sentir a natural oposição entre o seu ponto de vista e o de uma mocinha apaixonada, que disse para consigo que talvez estivesse a levar as coisas demasiado a sério e a queixar-se antes de ser atingido. Não devo condenar Morris Townsend; sem o ouvir. Tinha uma enorme aversão a levar as coisas demasiado a peito; pensava que parte das inquietações e dos desapontamentos da vida provinham disso; e, por um instante, perguntou — se se não pareceria ridículo aos olhos daquele jovem

inteligente, cuja percepção especial para tais incongruências suspeitava ser muitíssimo apurada. Ao fim de um quarto de hora Catherine libertou-se dele, e Townsend estava agora em pé em frente do fogão de sala em conversa com Mrs. Almond.

— Vou experimentá-lo outra vez — disse o doutor; e atravessou a sala para se juntar à irmã e ao seu companheiro, fazendo-lhe a ela um sinal para que os deixasse sozinhos. O que ela fez imediatamente, enquanto Morris olhava para ele sorrindo, sem indícios de atrapalhão no olhar afável.

"É espantosamente convencido! pensou o doutor; e depois disse em voz alta: Consta-me que anda à procura de uma situação.

— Bom, uma situação é mais do que eu me atrevo a chamar-lhe, respondeu Morris Townsend. — Soa a coisa muito importante. Gostaria de um trabalho calmo — qualquer coisa onde ganhar uns tostões honestamente.

— Que gênero de coisa preferiria? — Quer dizer para que estou apto? Receio bem que para muito pouca coisa.

Não tenho senão os meus braços, como se diz nos melodramas.

— É modesto demais — disse o doutor; — além dos braços tem o seu espírito arguto. Não sei nada de si além daquilo que vejo; mas vejo pela sua fisionomia que você é extremamente inteligente.

— Ah — murmurou Townsend — não sei que responder quando diz isso. Aconselha-me então a não desesperar? E olhou para o seu interlocutor como se a pergunta tivesse um duplo sentido. O doutor entendeu o olhar e avaliou-o por um momento antes de responder: — Lamentaria muito ter de admitir que um jovem forte e animoso alguma vez iria desesperar. Se não for bem sucedido numa coisa, pode tentar outra. Apenas, devo acrescentar, tem de escolher o seu caminho com prudência.

— Ah, sim, com prudência — repetiu Morris Townsend concordando. — Bom, até agora tenho sido bastante imprudente; mas suponho que já ultrapassei isso. Agora estou muito regrado. E ficou por um momento a olhar para baixo, para os sapatos notavelmente brilhantes. E finalmente inquiriu olhando para cima e sorrindo.

— Estava a querer propor-me qualquer coisa vantajosa? — Diabo de atrevimento! — exclamou o doutor para dentro. Mas logo refletiu que ele mesmo tinha, afinal de contas, sido o primeiro a tocar nesse ponto delicado, e que as suas palavras poderiam ter sido entendidas como uma oferta de ajuda.

— Não tenho nenhuma proposta especial a fazer-lhe — disse imediatamente; — mas ocorreu-me dizer-lhe que me vou lembrar de si. Às vezes surgem oportunidades. Por exemplo, teria alguma objecção a sair de Nova York, a ir para longe?

— Receio bem que tal não me seja possível. Tenho de tentar a minha sorte aqui ou então em parte alguma. Bem vê — acrescentou Morris Townsend — tenho ligações, tenho responsabilidades cá. Tenho uma irmã, viúva, de quem estive separado muito tempo e para quem represento quase tudo. Não gostaria de lhe dizer que tinha de partir. Ela depende um pouco de mim, está a ver.

— Ah, bem, isso é muito respeitável; os sentimentos de família são muito respeitáveis — disse o Dr. Sloper. — Penso muitas vezes que na nossa cidade não há muito disso. Parece-me que já ouvi falar da sua irmã.

— É possível, mas duvido um pouco; ela tem uma vida muito pacata.

— Muito pacata continuou o doutor com uma ligeira gargalhada — se é possível dizê-lo de uma senhora que tem vários filhos pequenos.

— Ah, sim, os meus sobrinhos e sobrinhas! É justamente o caso! Estou a ajudá-la a educá-los — disse Morris Townsend. — Sou uma espécie de tutor amador; dou-lhes lições.

— Isso é muito respeitável, como já disse; mas não é precisamente uma carreira.

— Não vai fazer a minha fortuna — confessou o jovem.

— Você não deve ser muito inclinado a fazer fortunas — disse o doutor; — mas asseguro-lhe que vou lembrar-me de si; não vou perdê-lo de vista.

— Se a minha situação se tornar desesperada tomarei talvez a liberdade de me fazer lembrado — acrescentou Morris Townsend, elevando um pouco a voz com um sorriso mais aberto, enquanto o seu

interlocutor se afastava.

Antes de sair o doutor trocou umas palavras com Mrs. Almond.

— Gostaria de conhecer a irmã dele — disse. Como foi que lhe chamaste, Mrs. Montgomery? Gostaria de ter uma conversinha com ela.

— Vou tratar de arranjar isso — respondeu Mrs. Almond. — Vou aproveitar a primeira oportunidade para a convidar, e tu vens também e conhece-la; a não ser — acrescentou Mrs. Almond — que se lhe meta primeiro na cabeça adoecer e te mande chamar.

— Ah, não, isso não; ela já deve ter preocupações suficientes sem ainda mais essa. Mas teria as suas vantagens, porque então conheceria os filhos.

Gostaria muito de conhecer os filhos.

— Estás muito meticoloso. Queres catequizá-los a respeito do tio? — Precisamente. O tio disse-me que está encarregado da sua educação, e que faz a mãe poupar as despesas com a escola. Gostaria de lhes fazer umas perguntas sobre assuntos comuns.

— É bem verdade que ele não tem ar de mestre-escola — disse Mrs. Almond para consigo um pouco depois, quando viu Morris Townsend a um canto curvado para a sobrinha, que estava sentada. E nada havia realmente, nas palavras do jovem, naquele momento, que soasse a pedagogia.

— Pode encontrar-se comigo em qualquer sítio, amanhã ou no dia seguinte? — disse ele a Catherine num tom grave.

— Encontrar-me consigo? — perguntou ela erguendo os olhos assustados.

— Tenho uma coisa muito particular para lhe contar, muito particular.

— Não pode ir lá a casa? Não pode contar-me lá?

Townsend abanou a cabeça melancolicamente. — Nunca mais posso entrar em sua casa.

— Oh, Mr. Townsend! — murmurou Catherine. Tremia ao imaginar o que teria acontecido, se o pai teria proibido.

— Não posso por respeito para comigo próprio — disse o jovem. — O seu pai insultou-me!

— Insultou-o?

— Troçou da minha pobreza.

— Ah, mas está enganado, entendeu-o mal — disse Catherine energicamente, levantando-se da cadeira.

— Talvez eu seja orgulhoso demais, demasiado sensível. Mas me aceitaria você se eu fosse diferente? — perguntou ele com ternura.

— No que toca ao meu pai, você não pode ter certeza. Ele é muito bondoso — disse Catherine.

— Riu de mim por não trabalhar. Eu aceitei com calma; mas só por ele ser seu pai.

— Não sei — disse Catherine — não sei o que ele pensa. Tenho certeza de que pretende ser amável. Não seja você orgulhoso demais.

— Serei orgulhoso só por sua causa — respondeu Morris. — Quer encontrar-se comigo na Praça à tarde? Um grande rubor da parte de Catherine foi a resposta. Voltou-se sem fazer caso da pergunta dele.

— Quer encontrar-se comigo? — repetiu. — Lá está-se muito tranquilamente, ninguém precisa de nos ver ao fim da tarde.

— É você que é pouco amável; é você que faz troça quando diz coisas dessas.

— Minha querida! — murmurou o jovem.

— Bem sabe que não tenho muito de que orgulhar-me. Sou feia e estúpida.

Morris acolheu esta observação com um murmúrio ardente, onde ela nada reconheceu de muito claro, excepto que era a querida dele. Mas prosseguiu: — Nem sequer sou. nem sequer sou e fez uma pausa.

— Não é o quê? — Nem sequer sou corajosa.

— Então se tem medo, o que vamos fazer? Ela hesitou por um instante; e depois disse por fim: — Tem de ir lá a casa; disso não tenho medo.

— Preferia que fosse na Praça — insistiu o jovem. — Bem sabe como ela às vezes está vazia. Ninguém nos verá.

— Não me importo que nos vejam. Mas agora vá-se embora.

Ele deixou-a, resignado; tinha chegado onde queria. Felizmente não soube que meia hora depois, ao ir para casa com o pai e sentindo-o perto, a pobre moça, apesar da sua súbita afirmação de coragem, começou de novo a tremer. O pai nada disse; mas ela sentia os seus olhos fixos nela, na escuridão. Mrs. Penniman também estava calada; Morris Townsend tinha-lhe contado que a sobrinha preferira, nada romanticamente, um encontro na sala enfeitada de chita a uma entrevista sentimental junto de uma fonte coberta de folhas mortas, e ela ficara perdida em cogitações sobre a excentricidade — quase perversidade — daquela preferência.

## CAPÍTULO 10

Catherine recebeu o jovem no dia seguinte, no local que escolhera — entre os estofos de uma sala de visitas de Nova York mobilada à moda de cinquenta anos atrás. Morris engolira o seu orgulho e fez os necessários esforços para atravessar o limiar da porta do pai trocista de Catherine — um ato magnânimo que não podia deixar de o tornar duplamente interessante.

— Temos de decidir qualquer coisa, temos de traçar uma linha de conduta — declarou ele passando a mão pelo cabelo e lançando um olhar rápido ao espelho comprido e estreito que adornava o espaço entre as duas janelas e que tinha na base uma consola dourada coberta por uma chapa delgada de mármore branco, que por sua vez suportava um tabuleiro de gamão dobrado em forma de dois livros: dois fólhos reluzentes tendo inscrito em letras verde-douradas *History of England*. Se Morris quisera descrever o dono da casa como um trocista sem coração, fora porque o achara exageradamente na defensiva, e essa era a maneira mais fácil de exprimir o seu descontentamento — um descontentamento que decidira esconder do doutor. Porém, parecerá talvez ao leitor que a vigilância do doutor não era de modo algum excessiva, e que estes dois jovens tinham os movimentos livres. A sua intimidade era agora considerável, e poderá parecer que, para uma pessoa tímida e retraída, a nossa heroína fora liberal ao conceder os seus favores. Em poucos dias o jovem tinha-a feito escutar coisas para as quais ela não supunha estar preparada; tendo pela frente uma forte perspectiva de dificuldades, ele tratou de ganhar todo o terreno possível no presente. Lembrou-se de que a sorte favorece os audaciosos e, mesmo que o tivesse esquecido, Mrs. Penniman encarregar-se-ia de lho recordar. Mrs. Penniman deliciava-se em fazer de tudo um drama, e tinha a esperança de que agora ele ia mesmo acontecer. Reunindo, como era o caso, o zelo do ponto de teatro com a impaciência do espetador, há muito tempo que ela fazia todo o possível para fazer subir o pano de boca. Esperava também figurar na representação — ser a confidente, o Coro, declamar o epílogo. Pode mesmo dizer-se que houve ocasiões em que ela perdeu completamente de vista a modesta heroína da peça, na contemplação de cenas grandiosas que naturalmente iriam ocorrer entre o herói e ela própria.

O que Morris finalmente disse a Catherine foi que a amava, ou antes, que a adorava. Virtualmente, ele já tornara o fato conhecido — as suas visitas tinham constituído uma série de indicações disso. Mas agora afirmara-o em juras de amor, e, para as fazer lembradas, passara o braço à volta da cintura da moça e beijara-a.

Esta feliz certeza chegara mais depressa do que Catherine esperava e, muito naturalmente, ela considerara-a um tesouro sem preço. Podemos mesmo duvidar de que alguma vez tivesse realmente esperado possuí-la; não estava à espera dela, e nunca dissera a si própria que em determinado momento ela havia de surgir. Como já tentei explicar, Catherine não era impaciente nem exigente; aceitava o que lhe era oferecido dia a dia; e se o delicioso hábito das visitas do namorado — as quais davam uma felicidade em que a confiança e a timidez se misturavam estranhamente — tivesse subitamente cessado, ela não se declararia abandonada, nem ficaria desapontada. Depois de Morris a ter beijado na última vez que estiveram juntos, como reafirmação amadurecida da sua devoção, ela pediu-lhe para se ir embora, para a deixar sozinha, para a deixar pensar. Morris foi-se embora, beijando-a antes de novo. Mas os pensamentos de Catherine careciam de uma certa coerência. Sentiu nos lábios e nas faces os beijos dele durante muito tempo e esta sensação constituía mais um obstáculo do que uma ajuda para a sua reflexão. Gostaria de poder encarar a sua situação de frente com toda a

clareza, decidir o que faria se, como temia, o pai lhe declarasse que desaprovava a sua relação com Morris Townsend. Mas tudo o que ela conseguia ver com nitidez era o fato de lhe parecer terrivelmente estranho que alguém o desaprovasse; que deveria haver nisso qualquer engano, qualquer mistério, que rapidamente seria esclarecido. Adiou a decisão e a opção; perante a perspectiva de um conflito com o pai, baixou os olhos e ficou sentada imóvel, sustendo a respiração e aguardando, o que lhe fazia bater o coração e era profundamente doloroso. Contudo, nesse dia, quando o jovem falou de decidir qualquer coisa e estabelecer uma linha de conduta, sentiu que ele tinha razão e respondeu com simplicidade e sem hesitações: — Temos de cumprir o nosso dever — disse ela — temos de falar com o meu pai; vou fazê-lo hoje à noite; e tu tens de o fazer amanhã.

É muito generoso da tua parte seres tu primeiro — respondeu Morris. — Geralmente é ao homem, ao feliz namorado, que isso compete. Mas faz como te agrada.

O que agradava a Catherine era pensar que seria corajosa por ele e, no seu contentamento, até esboçou um pequeno sorriso.

— As mulheres têm mais tato — disse ela; devem ser elas a atuar primeiro. São mais conciliadoras, sabem melhor persuadir.

— Vais precisar de todo o teu poder de persuasão. Mas, afinal — acrescentou Morris — a verdade é que és irresistível.

— Por favor, não digas isso, e promete-me uma coisa: amanhã, quando falares com o meu pai, serás muito amável e respeitador.

— Tanto quanto possível — prometeu Morris. — Não servirá de muito, mas vou tentar. A verdade é que preferiria ter-te facilmente do que ser obrigado a lutar por ti.

— Não fales em lutar; não vamos lutar.

— Temos de estar preparados — acrescentou Morris — principalmente tu, porque para ti deve ser mais difícil. Sabes a primeira coisa que o teu pai te vai dizer? — Não, Morris; por favor, informa-me tu.

— Vai dizer-te que sou um mercenário.

— Mercenário? — É uma palavra pomposa, mas significa uma coisa reles; significa que ando à caça do teu dinheiro.

— Ah! — murmurou Catherine baixinho.

Esta exclamação foi tão desaprovadora e comovente que Morris se permitiu mais outra pequena demonstração de afeto.

— Mas vai com certeza dizê-lo — acrescentou.

— É fácil estar preparada para isso — afirmou Catherine. — Direi simplesmente que está enganado, que outros homens podem ser assim, mas tu não.

— Tens de o afirmar com grande convicção, porque será essa a maior convicção dele.

Catherine olhou para o namorado por um instante e depois disse: — Hei-de convencê-lo. Mas estou contente por irmos ser ricos — acrescentou.

Morris voltou-se, mirando o chapéu: — Não: é uma infelicidade — disse por fim. — É daí que nos virão todas as dificuldades.

— Bom, se é essa a pior infelicidade, ainda temos muita sorte. Muita gente não acharia assim tão mau. Hei-de persuadi-lo, e depois ficaremos bem contentes por termos dinheiro.

Morris Townsend escutou em silêncio esta lógica imbatível.

— Vou deixar a minha defesa nas tuas mãos; é uma acusação que obriga um homem a rebaixar-se para se defender.

Por seu lado, Catherine ficou calada por um momento; olhava para ele que fixava o que via da janela.

— Morris — disse ela de repente — tem mesmo certeza de que me ama?

Ele voltou-se e imediatamente se curvou sobre ela.

— Minha querida, ainda pode duvidar?

— Só o sei há cinco dias — disse ela — mas agora parece que não poderia viver sem isso.

— E nunca vai ter de experimentar. — Deu uma pequena gargalhada, terna e reconfortante, e depois

acrescentou: — Há uma coisa que também tem de me dizer.

Ela fechara os olhos depois das últimas palavras que pronunciara, e mantinha-os cerrados; e em resposta abanou a cabeça sem os abrir.

— Tem de me dizer — prosseguiu ele. — Se seu pai for totalmente contra mim, se proibir absolutamente o nosso casamento, continuará a ser fiel a mim? Catherine abriu para ele os olhos espantados, e não soube fazer uma promessa melhor do que aquela que ele leu neles.

— Ficaré comigo? — perguntou Morris. — Sabe que é dona de si mesma, já é maior.

— Oh, Morris! — murmurou ela em resposta, ou antes, não em resposta completa, pois que enlaçou as mãos nas dele. Ele deixou-as ficar assim por um momento e beijou-a de novo. E é tudo o que necessita registrar da conversa de ambos; mas se Mrs. Penniman estivesse presente, teria provavelmente admitido que não fizera nenhuma diferença que esta conversa não tivesse ocorrido junto da fonte de Washington Square.

## CAPÍTULO 11

Catherine ficou à escuta para saber quando o pai chegaria nesta tarde e ouviu-o entrar no seu gabinete de trabalho. Ficou sentada quieta, embora o coração lhe batesse muito depressa, durante quase meia hora; depois foi bater-lhe à porta — cerimônia sem a qual nunca transpunha o limiar desse aposento. Ao entrar, encontrou o pai na cadeira ao lado do fogão de sala, entretido com o seu charuto e com o jornal da tarde.

— Tenho uma coisa para lhe dizer — começou ela mansamente; e sentou-se no primeiro lugar disponível.

— Terei muito gosto em te ouvir, minha querida -, disse o pai. E ficou à espera, ficou à espera olhando para ela, enquanto ela, num longo silêncio, mirava o fogo. Estava curioso e impaciente, pois tinha certeza de que ela ia falar de Morris Townsend, mas deixou-a ganhar tempo; estava decidido a mostrar-se muito brando.

— Estou noiva! — anunciou por fim Catherine, ainda fixando o fogo. O doutor ficou surpreendido; o fato consumado era mais do que ele esperava; mas não mostrou surpresa.

— Faz bem em me dizer — afirmou simplesmente. E quem é o feliz mortal a quem honraste com a tua escolha? — É Mr. Morris Townsend. — E quando pronunciou o nome do noivo Catherine olhou para ele. O que viu foi o olhar tranquilo e cinzento do pai e o seu sorriso aberto e bem definido. Contemplou-os por um momento e depois voltou a olhar para o fogo, que estava muito mais quente.

— Quando foi isso combinado? — perguntou o doutor.

— Esta tarde, há duas horas.

— Mr. Townsend esteve cá? — Esteve, sim, pai; no salão da frente. — Estava muito contente por não ter de lhe dizer que a cerimônia do seu noivado tivera lugar fora de casa, debaixo dos aliantos despidos.

— E é uma coisa séria? — perguntou o doutor. — Muito séria, pai.

O pai ficou calado por um instante.

— Mr. Townsend devia ter-me dito.

— Tencionava dizer-lhe amanhã.

— Depois de eu já saber por ti? Devia ter-me dito antes. Pensará ele que não me interessa, porque vos dei tanta liberdade? — Não — disse Catherine; — ele sabia que o pai se interessa. E estamos tão gratos pela liberdade.

O doutor soltou uma pequena gargalhada: — Podia ter feito melhor uso dela, Catherine.

— Por favor, não diga isso, pai! — atalhou a moça suavemente, fixando nele os olhos tristes e ternos.

Ele tirou uma baforada do charuto, pensativo.

— Vocês andaram muito depressa — disse por fim.

— Pois foi — concordou Catherine com simplicidade. — Acho que andamos.

Tirando os olhos do fogo, o pai lançou-lhe um breve olhar.

— Não me espanta que Mr. Townsend goste de ti; és tão simples e tão boa. — Não sei porque é; mas ele gosta mesmo de mim. Tenho certeza disso.

— E gosta muito de Mr. Townsend? — Gosto muito dele, está claro, senão não concordaria em casar com ele.

— Mas conhece-lo há tão pouco tempo, minha querida.

— Ora — disse Catherine com certa impaciência, — não é preciso muito tempo para se gostar de uma pessoa, desde que se comece.

— Deves ter começado muito depressa. Foi na primeira vez que o viste, naquela noite na festa da tua tia?

— Não sei, pai — respondeu a moça. — Não sei dizer nada a esse respeito.

— Está claro; isso é contigo. Terás observado que atuei de acordo com esse princípio. Não interferi; deixei-te a tua liberdade; lembrei-me de que já não és menina pequena, que já chegaste à idade da sensatez.

— Sinto-me muito velha e muito sensata — disse Catherine sorrindo de leve.

— Receio bem que dentro de pouco tempo te sintas ainda mais velha e mais sensata. Não gosto do teu noivado.

— Ah! — exclamou Catherine baixinho, levantando-se da cadeira.

— Não, minha querida. Lamento fazer-te sofrer; mas não gosto. Devias ter-me consultado antes de te comprometeres. Tenho sido muito indulgente contigo e sinto-me como se te tivesses aproveitado da minha indulgência. Decididamente, devias ter falado comigo primeiro.

Catherine hesitou por um momento e depois: — Foi porque tive medo de que o pai não gostasse — confessou.

— Ora aí está! Tinhas má consciência.

— Não, não tenho má consciência, pai — exclamou a moça com uma considerável energia. — Por favor, não me acuse de uma coisa tão horrível! Aquelas palavras representavam de fato, para a imaginação dela algo de muito terrível, algo cruel e vil, que associava com malfetores e com prisioneiros. — Foi porque tinha medo... tinha medo... — continuou ela.

— Se tinhas medo era porque tinhas sido pateta.

— Tinha medo de que não gostasse de Mr. Townsend.

— Tinhas toda a razão. Não gosto dele.

— Mas não o conhece, pai — exclamou Catherine com uma voz tão timidamente contestadora que poderia tê-lo comovido.

— É verdade. Não o conheço intimamente. Mas conheço-o o suficiente; tenho a minha opinião sobre ele. Tu também não o conheces.

Ela estava em pé frente ao fogão de sala com as mãos ligeiramente crispadas; e o pai, olhando para ela recostado na cadeira, fez esta observação com uma calma que poderia ter sido irritante.

Duvido, porém, de que Catherine estivesse irritada, embora comesse a protestar com veemência.

— Não o conheço? — exclamou. — Ora se conheço! Conheço-o melhor do que a qualquer outra pessoa!

— Conhece uma parte dele, a que ele quis mostrar-te. Mas não conheces o resto.

— O resto? Que resto? — Seja o que for, é com certeza muito.

— Já sei o que quer dizer — afirmou Catherine recordando-se de que Morris a prevenira. — Quer dizer que ele é interesseiro.

O pai olhou de novo para ela, com o seu olhar frio tranquilo e objetivo.

— Se eu quisesse dizer isso, minha querida, diria abertamente! Mas há um erro que eu pretendo especialmente evitar: tornar Mr. Townsend mais interessante a teus olhos dizendo coisas duras a seu respeito.

— Não as acho duras se forem verdadeiras — afirmou Catherine.

— Se não acha é porque é uma mulherzinha notavelmente sensata! — De qualquer maneira serão as razões do pai, e há-de querer que eu ouça as suas razões.

O doutor sorriu levemente: — É bem verdade. Tens todo o direito de perguntar. — E puxou o fumo do charuto por alguns momentos. — Então, muito bem; sem acusar Mr. Townsend de estar apaixonado apenas pela tua fortuna — e pela fortuna que, com razão, esperas vir a ter — direi que existem todos os motivos para supor que estas coisas boas entrarão nos seus cálculos mais largamente do que uma terna solicitude como a tua felicidade estritamente exige. Não é nada impossível, está claro, que um rapaz inteligente tenha por ti uma afeição desinteressada. És uma moça honesta e gentil, e qualquer jovem inteligente pode facilmente descobrir isso. Mas a coisa principal que sabemos deste jovem, que é, na verdade, muito inteligente, leva-nos a supor que, por muito que ele tenha em conta os teus méritos pessoais, tem mais em conta o teu dinheiro. O principal que sabemos dele é que tem levado uma vida de dissipação e que gastou nela a sua fortuna própria. E isso é bastante para mim, minha querida. Quero que case com um homem com outros antecedentes, um homem que possa oferecer garantias positivas. Se o Morris Townsend gastou a sua fortuna a divertir-se, há todas as razões para acreditarmos que também gastaria a tua.

O doutor fez estas observações lentamente, deliberadamente, com pausas e prolongamentos de ênfase ocasionais, que não davam à pobre Catherine grande espaço para dúvidas quanto à conclusão do pai. Por fim ela sentou-se, com a cabeça curvada e os olhos fixos nele; e curiosamente — nem sei bem como dizer-vos — mesmo sentindo que o que ele dizia ia tão terrivelmente contra ela, admirou a sua clareza e dignidade de expressão.

Havia qualquer coisa de desespero e de opressivo na ideia de ter de discutir com o pai; mas também ela, por sua vez, tinha de tentar ser clara. Ele estava tão calmo. não estava de todo zangado; e ela também tinha de estar calma. Mas até o esforço para estar calma a fazia tremer.

— Isso não é a coisa principal que sabemos dele — disse; e havia na sua voz um toque de tremor. — Há outras coisas, muitas outras coisas. Tem grandes capacidades, e quer tanto fazer alguma coisa! E é afável e generoso e sincero — afirmou a pobre Catherine que até esse momento não suspeitara dos recursos da sua eloquência. — E a fortuna. a fortuna que gastou. era muito pequena.

— Mais uma razão para não a gastar — exclamou o doutor, levantando-se com uma gargalhada. E então, quando Catherine, que também se pusera de pé, ficou à frente dele, na sua seriedade austera, desejando tanto e exprimindo tão pouco, ele puxou-a para si e beijou-a.

— Não vais achar-me cruel? — disse, abraçando-a por um instante.

Esta pergunta não era tranquilizadora. Pelo contrário, pareceu a Catherine que ela sugeria possibilidades que a faziam sentir-se mal. Mas respondeu com bastante coerência.

— Não, paizinho; porque se soubesse o que eu sinto, e sabe com certeza, visto que sabe tudo, seria mais indulgente e brando para comigo.

— Pois sim, julgo que sei o que sentes, afirmou o doutor. — Vou ser muito indulgente, podes estar certa disso. E amanhã falarei com Mr. Townsend. Entretanto e para já, peço-te que não digas a ninguém que estás noiva.

## CAPÍTULO 12

Na tarde do dia seguinte ficou em casa à espera da visita de Mr. Townsend — atitude esta que lhe parecia (talvez justamente, visto que era uma pessoa tão ocupada) uma grande honra que dava ao pretendente de Catherine, e a ambos motivo para não terem razões de queixa. Morris apresentou-se com um ar bastante sereno — parecia ter esquecido os "insultos" pelos quais solicitara a compreensão de Catherine dois dias antes — e o Dr. Sloper não perdeu tempo para o fazer saber que estava avisado daquela visita.

— Catherine informou-me ontem do que se está a passar entre vós — declarou. — Deixe-me dizer-lhe que teria sido decente da sua parte dar-me a conhecer as suas intenções antes de terem ido tão longe.

— Teria feito isso — respondeu Morris — se não me parecesse que dá à sua filha toda a liberdade; e ela parece-me ser completamente dona de si própria.

— Literalmente, é. Mas moralmente ainda não se emancipou, assim o espero, ao ponto de escolher

marido sem me consultar. Dei-lhe toda a liberdade mas não sou minimamente indiferente. A verdade é que o vosso caso se desenvolveu com uma rapidez que me surpreende. Foi há poucos dias que a Catherine o conheceu.

— De fato não foi há muito tempo — disse Morris muito sério. — Admito que não andamos devagar, para nos entendermos. Mas isso foi muito natural, visto que estávamos seguros de nós. e um do outro. O meu interesse pela sua filha começou logo na primeira vez que a vi.

— E não seria por acaso antes do seu primeiro encontro? — perguntou o doutor.

Morris encarou-o por um momento: — Claro que já tinha ouvido dizer que ela era uma moça encantadora.

— Uma moça encantadora! É isso que você a considera?

— Com certeza. Se não, não estaria agora aqui.

O doutor ficou a pensar: — Meu caro senhor — disse por fim — deve ser muito impressionável. Como pai de Catherine aprecio com ternura e isenção as suas muitas qualidades; mas não me importo de lhe comunicar que nunca a classifiquei como uma moça encantadora nem esperei que qualquer outra pessoa viesse a fazê-lo.

Morris Townsend recebeu esta afirmação com um sorriso não completamente destituído de deferência.

— Não sei o que eu pensaria dela se fosse seu pai. Não posso me pôr nesse lugar. Falo do meu próprio ponto de vista.

— E fala muito bem — afirmou o doutor — mas isso não é necessário; eu disse ontem a Catherine que não aprovo sua relação.

— Ela me informou disso, e eu lamentei muito. Estou muitíssimo desapontado.

E Morris ficou sentado por um instante olhando para o chão.

— Estaria você à espera de que eu dissesse que estava encantado da vida e lançasse a minha filha nos seus braços?

— Não; eu já fazia ideia de que não gostava de mim.

— E o que lhe deu essa ideia?

— O fato de eu ser pobre.

— Essas palavras soam mal, mas não estão muito longe da verdade, se falarmos de você estritamente como genro — disse o doutor. — A sua falta de meios, de uma profissão, de recursos ou de perspectivas visíveis, coloca-o numa categoria à qual seria imprudente da minha parte ir buscar marido para a minha filha, que é uma jovem fraca com uma grande fortuna. Em qualquer outra qualidade, estou perfeitamente disposto a gostar de você. Como genro, abomino-o.

Morris Townsend escutava respeitosamente: — Não acho que Miss Sloper seja uma mulher fraca — disse ele em seguida.

— Está claro que tem de defendê-la, é o mínimo que você pode fazer. Mas eu conheço a minha filha há vinte anos e você a conhece há seis semanas. Mas mesmo que ela não seja fraca, você continua a ser um homem sem futuro.

— Pois é; essa a minha fraqueza! E portanto o senhor acha que sou um mercenário, que só quero o dinheiro da sua filha.

— Não digo isso. Não sou obrigado a dizê-lo; e dizê-lo, a não ser sob grande irritação, seria de muito mau gosto. Digo simplesmente que você pertence à categoria errada.

— Mas a sua filha não se casa com uma categoria — apressou-se Townsend a replicar. — Casa-se com um indivíduo, um indivíduo que ela tem a gentileza de dizer que ama.

— Um indivíduo que oferece tão pouco em troca!

— É possível oferecer mais do que a afeição mais terna e uma dedicação para toda a vida? — perguntou o jovem.

— Depende da maneira como for interpretado. É possível oferecer algumas outras coisas, e não só é possível como é também habitual. Uma dedicação para toda a vida mede-se depois de se ver; e entretanto é

usual nestes casos oferecer alguma segurança material. Qual é a sua? Uma cara e uma figura bonitas e muito boas maneiras. É excelente até onde chega, mas não chega suficientemente longe.

— Há uma coisa que o senhor pode acrescentar — disse Morris. — A palavra de um cavalheiro.

— A palavra de um cavalheiro que amará sempre a Catherine? Deve ser um grande cavalheiro, para ter certeza disso!

— A palavra de cavalheiro de que não sou um mercenário; de que a minha afeição por Miss Sloper é um sentimento tão puro e desinteressado como jamais morou num coração humano. Quero tanto saber da fortuna dela como das cinzas daquela grelha.

— Tomo nota, tomo nota — disse o doutor. — Mas mesmo tomando nota, volto à questão da tal categoria. Mesmo com esse juramento solene da sua boca, é a ela que você pertence. Não há nada contra si a não ser um acaso, se quiser; mas com os meus trinta anos de prática da medicina já verifiquei que muitos casos podem ter consequências de largo alcance.

Morris alisou o chapéu — que já estava notoriamente lustroso — e continuou a apresentar um autodomínio que, conforme o doutor teve de admitir, muito depunha a seu favor. Mas o seu desapontamento era visivelmente grande.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para que acredite em mim?

— Se houvesse não gostaria de sugerir

— Por que então não vê?

— Não quero acreditar em você — disse o doutor sorrindo.

— Vou cavar nos campos.

— Isso seria um disparate.

— Vou aceitar o primeiro trabalho que amanhã me aparecer.

— Faça isso, mas por você; não por mim.

— Estou vendo; o senhor acha que sou preguiçoso! — exclamou Morris no tom de alguém que fez uma descoberta.

Mas imediatamente entendeu o seu erro, e corou.

— Não interessa o que eu acho, se já lhe disse que não o vejo como meu genro.

Mas Morris insistiu: — Acha que malbarataria o dinheiro dela?

— Não interessa, já disse; mas quanto a isso, confesso-me culpado.

— É por eu ter gasto o meu, suponho — disse Morris. — Confesso-o francamente. Tenho sido um valdevino; tenho sido um idiota. Vou contar todos os disparates que já fiz, se quiser. Entre eles houve grandes loucuras; nunca escondi isso. Já gozei tudo. Não existe um dito sobre os libertinos reformados? Não fui um libertino, mas garanto que estou reformado. É preferível um homem se divertir durante um tempo e depois acabar com isso. Sua filha nunca se interessaria por um mariquinhas; e atrevo-me a dizer que o senhor também não. E além disso, existe uma grande diferença entre o meu dinheiro e o dela. Eu gastei o que era meu; foi porque era meu que o gastei. E não fiz dívidas; quando ele desapareceu, parei. Não devo um tostão a ninguém.

— Permita que lhe pergunte do que vive agora, embora admita — acrescentou o doutor — que esta pergunta de minha parte é um tanto incoerente.

— Vivo dos restos do que era meu — disse Morris Townsend.

— Obrigado — respondeu o doutor muito sério.

Na verdade, o autodomínio de Morris era digno de louvor.

— Mesmo admitindo que ligo uma importância ilegítima à fortuna de Miss Sloper — prosseguiu — não seria isso uma garantia de que saberia tomar conta dela?

— Se você tomasse excessiva conta dela seria tão mau como se tomasse muito pouca. Catherine poderia sofrer tanto com a sua parcimônia como com a sua extravagância.

— Acho que está sendo muito injusto! — O jovem fez esta declaração com correção, com delicadeza e sem violência.

— É privilégio seu pensar assim, e entrego em suas mãos a minha reputação! É evidente que não me

orgulho disso e satisfação a você.

— Não se interessa nem um pouco por satisfazer a sua filha? Gosta de a fazer infeliz?

— Estou perfeitamente resignado a que ela me considere um tirano durante um ano.

— Durante um ano! — exclamou Morris com uma gargalhada.

— Ou então toda a vida. Pode ser infeliz tanto assim como da outra maneira.

Aqui Morris perdeu a calma: — Ah, o senhor não está sendo bem educado! — gritou.

— Você me obriga a isso. Argumenta demais.

— Está muita coisa em jogo.

— Bom, seja lá o que for, já perdeu — afirmou o doutor.

— Tem certeza disso? — perguntou Morris. — Tem certeza de que a sua filha vai renunciar a mim?

— Claro que o que eu quero dizer é que já perdeu no que diz respeito a mim. Quanto à Catherine renunciar a você... não, não tenho certeza disso. Mas vou recomendá-lo energicamente, visto que tenho uma grande dose de respeito e afeição no espírito da Catherine para me apoiar, e como ela tem a noção do dever bem desenvolvida, acho que será muitíssimo possível.

Morris Townsend recomeçou a alisar o chapéu: — Eu também tenho uma dose de afeição onde me apoiar — observou por fim.

Nesta altura o doutor evidenciou os primeiros sinais de irritação.

— Tenciona desafiar-me?

— Chame como quiser, doutor; o que quero dizer é que não vou desistir de sua filha.

O doutor abanou a cabeça: — Não receio minimamente que você estrague a sua vida. Nasceu para gozá-la.

Morris riu: — Então a sua oposição ao meu casamento ainda é mais cruel. Tenciona proibir a sua filha de tornar a ver-me?

— Ela já passou da idade em que as pessoas podem ser proibidas, e eu não sou um pai como os dos romances à moda antiga. Mas vou recomendar vivamente que rompa com você.

— Penso que ela não vai fazer isso — disse Morris Townsend.

— Talvez não; mas eu terei feito o que pude.

— Ela já foi longe demais — prosseguiu Morris.

— Para desistir? Então que pare onde está.

— Longe demais para parar, quero dizer.

O doutor olhou-o por um instante. Morris tinha a mão no puxador da porta.

— Há uma enorme impertinência nessa sua afirmação.

— Não direi mais nada, caro senhor — respondeu Morris; e fazendo uma vênia, saiu da sala.

## CAPÍTULO 13

Pode-se pensar que o doutor era demasiado categórico e Mrs. Almond demasiado convencida. Mas, conforme ele afirmou, já tinha a sua opinião formada, o que lhe parecia suficiente, visto que não pretendia modificá-la. Tinha passado a vida a avaliar pessoas (isso fazia parte da sua profissão de médico) e em dezenove de cada vinte casos sempre tivera razão.

— Talvez Mr. Townsend seja o vigésimo caso — disse Mrs. Almond.

— Talvez, embora não me pareça de todo semelhante a um vigésimo caso. Mas vou dar-lhe o benefício da dúvida e, para me certificar, vou falar com Mrs. Montgomery. Com certeza ela vai dizer-me que fiz bem; mas é igualmente possível que me prove que cometi o maior erro da minha vida. Se assim for, pedirei desculpa a Mr. Townsend. Não é necessário que a convides para ma apresentares, como propuseste amavelmente; vou escrever-lhe uma carta franca contando-lhe em ponto estão as coisas e pedindo-lhe licença para a ir visitar.

— Receio bem que a franqueza seja apenas da tua parte. A pobre senhora há de defender o irmão, seja ele como for.

- Seja ele como for! Duvido disso! As pessoas nem sempre são assim tão amigas dos irmãos.
- Ora — disse Mrs. Almond — quando se trata de trinta mil libras por ano entrarem para a família.
- Se ela o defender por causa do dinheiro, é porque é uma aldrabona. E se é uma aldrabona, eu logo verei. E, se o vir, não irei perder o meu tempo com ela.
- Ela não é uma aldrabona; é uma mulher exemplar. E não vai querer pregar uma partida ao irmão, simplesmente porque ele é egoísta.
- Se valer a pena falar com ela, mais depressa pregará uma partida ao irmão do que ele a pregará à Catherine. A propósito, ela já esteve com Catherine; conhece-a? — Que eu saiba, não. O Townsend talvez não tenha grande interesse em as juntar.
- Se ela é uma mulher exemplar, não. Mas veremos em que medida ela corresponde à tua descrição.
- Estou curiosa de saber como ela vai descrever-te a ti — disse Mrs. Almond rindo. — E, entretanto, como está a Catherine a encarar a situação? — Como encara tudo, como um fato consumado.
- Não refilou? Não fez uma cena?
- Ela não é de fazer cenas.
- Pensei que uma moça contrariada em assuntos de amor sempre fosse de fazer cenas.
- Uma viúva ridícula é mais desse gênero. A Lavinia pregou-me um sermão; acha que eu sou arbitrário.
- Ela tem tendência para se enganar — afirmou Mrs. Almond. — Mas, de qualquer maneira, tenho pena da Catherine.
- Eu também. Mas ela há de ultrapassar a coisa.
- Pensas que vai desistir dele? — Conto com isso. Tem tanta admiração pelo pai. Ora, isso sabemos nós. Mas só me faz ter ainda mais pena dela. Torna o seu dilema mais doloroso, e o esforço de escolher entre ti e o namorado quase impossível.
- Se não for capaz de escolher, melhor.
- Está bem; mas lá estará ele intimidando-a a escolher, e a Lavinia penderá para esse lado.
- Fico satisfeito por ela não estar do meu lado; é capaz de estragar uma causa excelente. No dia em que a Lavinia entrar no nosso barco ele vira-se. Mas fará melhor em ter cautela — disse o doutor. — Não tolero traições em minha casa. — Acho que ela vai ser cautelosa; porque no fundo tem muito medo de ti.
- Ambas têm medo de mim, sendo eu tão inofensivo — respondeu o doutor — e é com isso que eu conto: com o terror salutar que inspiro.

## CAPÍTULO 14

Escreveu a sua carta franca a Mrs. Montgomery, que lhe respondeu pontualmente marcando uma hora para ele se apresentar na Segunda Avenida. Vivia numa casa pequena e bem arrumada de tijolos vermelhos que tinham sido pintados de fresco, com as arestas dos tijolos bem marcadas a branco. Agora já desapareceu tal como as suas semelhantes, para dar lugar a uma fila de estruturas mais majestosas. As janelas tinham persianas verdes sem ripas mas com pequenos buracos dispostos em grupos; e à frente da casa havia um "pátio" pequenino ornamentado com um arbusto de uma espécie misteriosa, rodeado por uma cerca baixa de madeira pintada no mesmo verde das persianas. Parecia uma casa de brincar ampliada, e poderia ter sido tirada de uma prateleira de alguma loja de brinquedos. Quando foi fazer a visita, o Dr. Sloper disse para consigo, ao ver as coisas que enumerei, que Mrs. Montgomery era evidentemente uma senhora econômica e respeitável — as modestas proporções da casa pareciam indicar que era de pequena estatura — que tirava uma satisfação virtuosa do fato de se apresentar bem arranjada e que, uma vez que não podia ser sumptuosa, decidira ser pelo menos irrepreensível. Recebeu-o numa salinha que era exatamente aquilo que ele esperava: um aposento escrupulosamente limpo ornamentado com papel de parede às ramagens com cachos de gotas de vidro, onde, para completar a analogia, a temperatura de Outono era mantida por meio de um fogão de sala em ferro fundido que dava uma chama azul e cheirava intensamente a verniz. As paredes eram enfeitadas com gravuras de molduras cor-de-rosa, e as mesas ornamentadas com livros de extratos de poemas, encadernados em tecido

preto gravado com desenhos floridos em dourado velho. O doutor teve tempo para ver estes pormenores pois Mrs. Montgomery, numa atitude que ele classificou de indesculpável nas circunstâncias, deixou-o à espera durante uns dez minutos antes de aparecer. Por fim surgiu num roçagar de saias, alisando um vestido austero de popelina, e com um ruborzinho assustado nas faces graciosamente redondas.

Era uma mulher pequena, gordinha e aloirada com olhos luminosos e claros e um extraordinário ar de asseio e vivacidade. Mas estas qualidades eram evidentemente acompanhadas de uma humildade natural, e o doutor simpatizou com ela à primeira vista. Uma mulherzinha desenvolta, de percepções rápidas, e no entanto pouco convencida do seu próprio talento para as coisas sociais, como diferentes das práticas — eis o seu resumo mental sobre Mrs. Montgomery, que conforme ele verificou, ficara lisonjeada com o que considerava a honra da sua visita. Mrs. Montgomery, na sua casinha vermelha da Segunda Avenida, era uma pessoa para quem o Dr. Sloper representava um dos grandes homens — um dos requintados cavalheiros de Nova York; e enquanto fixava nele o olhar curioso, enquanto apertava as mãos vestidas com mitenes no seu regaço de popelina lustrosa, tinha o ar de dizer para si própria que ele correspondia à sua ideia de que um visitante distinto que naturalmente seria. Pediu desculpa de estar atrasada, mas ele interrompeu-a: — Não faz mal. Enquanto esperei tive tempo para pensar bem no que quero dizer-lhe, e de decidir como começar.

— Pois faça o favor de começar! — murmurou Mrs. Montgomery. — Não é assim tão fácil — disse o doutor sorrindo. — Deve ter deduzido da minha carta que pretendo fazer-lhe algumas perguntas, e talvez não ache agradável responder-lhes.

— É verdade; já pensei no que irei dizer. Não é muito fácil.

— Mas compreende a minha situação, o meu estado de espírito. O seu irmão pretende casar com a minha filha e eu desejo saber que espécie de pessoa ele é. Pareceu-me que uma boa maneira de o conseguir seria vir perguntar-lhe, o que decidi fazer.

Está claro que Mrs. Montgomery encarou a situação muito a sério; estava num estado de extrema concentração moral. Tinha os seus bonitos olhos, iluminados por uma espécie de modéstia cintilante, fixos no semblante dele, e prestava a mais séria atenção a cada uma das suas palavras. A expressão dela indicava que achara a ideia do doutor de vir falar com ela de uma concepção superior, mas que receava na verdade emitir opiniões sobre assuntos estranhos.

— Tenho o maior prazer em o conhecer — disse num tom que parecia admitir, ao mesmo tempo, que isso nada tinha a ver com a questão. O doutor aproveitou a oportunidade: — Não vim visitá-la para lhe dar prazer; vim para a forçar a dizer coisas desagradáveis, e é possível que não goste disso. Que espécie de pessoa é o seu irmão? O olhar luminoso de Mrs. Montgomery tornou-se vago e começou a divagar. Sorriu levemente e durante uns instantes não respondeu. O doutor ficou impaciente.

E a resposta, quando chegou não foi satisfatória.

— É difícil falar-se de um irmão! — Não quando se gosta dele e se tem muito bem a dizer: — Sim, mesmo assim, e quando muita coisa depende disso — declarou Mrs.

Montgomery.

— Para si nada depende disso.

— Quero dizer para... para... — e hesitou.

— Para o próprio irmão. Compreendo.

— Quero dizer para Miss Sloper — afirmou Mrs. Montgomery.

O doutor gostou disto; tinha um tom de sinceridade.

— Exatamente; é isso mesmo. Se a minha pobre filha casasse com o seu irmão, tudo o que diz respeito à sua felicidade dependeria de ele ser um tipo decente. Ela é a melhor pessoa do mundo, e nunca poderia causar-lhe o mínimo desgosto. Por outro lado, se ele não fosse aquilo que todos desejamos, poderia fazê-la muito infeliz. É por isso que pretendo que lance alguma luz sobre o caráter dele, bem vê. Está claro que não é obrigada a fazê-lo. A minha filha, que a senhora não conhece, nada significa para si; e possivelmente eu sou apenas um velhote indiscreto e impertinente. É-lhe perfeitamente lícito dizer-me que a minha visita é de muito mau gosto e que seria preferível meter-me onde não sou chamado. Mas acho que não vai fazer isto, porque

suponho que ambos lhe interessaremos, a minha filha e eu. Tenho certeza de que, se conhecesse a Catherine, ela lhe interessaria muitíssimo. Não quero dizer que seria por ela ser interessante no sentido vulgar do termo, mas por ter muita pena dela. É tão doce, tão simples! Seria uma vítima bem fácil! Um mau marido teria enorme facilidade em a fazer infeliz; pois ela não teria nem a inteligência nem a determinação para tirar dele o melhor; e, no entanto, teria uma enorme capacidade para o asfixiar. Vejo — acrescentou o doutor, com o seu riso mais insinuante e mais profissional — que já está interessada.

— Fiquei interessada logo a partir do momento em que ele me disse que estava noivo — declarou Mrs. Montgomery.

— Ai ele disse-lhe isso? Chama à situação "estar noivo"? — E também me disse que o senhor não gosta.

— E disse-lhe que também não gosto dele? — Sim, também me disse isso. Declarei-lhe que eu não podia fazer nada — acrescentou Mrs. Montgomery.

— É evidente que não pode. Mas o que pode fazer é dizer-me que tenho razão; dar-me um testemunho, digamos. — E o doutor acompanhou esta observação com outro sorriso profissional.

Porém, Mrs. Montgomery não sorriu; era óbvio que não podia ver a faceta humorística deste apelo: — Isso é pedir muitíssimo — disse por fim.

— Disso não pode haver dúvida; e, em consciência, devo recordar-lhe as vantagens que um jovem terá em casar com a minha filha, que tem de seu um rendimento de dez mil dólares, deixado pela mãe; e, se casar com um homem que eu aprove, entrará na posse de quase o dobro por minha morte.

Mrs. Montgomery escutava muito séria esta esplêndida declaração financeira; nunca tinha ouvido falar com tanta familiaridade em milhares de dólares. Corou um pouco, de pura excitação: — A sua filha vai ser imensamente rica — disse baixinho.

— Precisamente, aí é que está a questão.

— E se o Morris casar com ela, ele, ele — e hesitava timidamente.

— Se ele vai ser dono de todo esse dinheiro? De maneira nenhuma. Seria dono de dez mil dólares por ano, que é o que ela tem da mãe; mas eu deixaria toda a minha fortuna, ganha no laborioso exercício da minha profissão, aos meus sobrinhos e sobrinhas.

Com isto, Mrs. Montgomery baixou os olhos e por algum tempo ficou a olhar para o tapete de palha que cobria o chão.

— Suponho que lhe parece — disse o doutor rindo — que fazendo isto pregaria ao seu irmão uma partida miserável.

— De maneira nenhuma. É demasiado dinheiro para receber tão facilmente com o casamento. Acho que não seria justo.

— É justo conseguir-se tudo o que se pode. Mas, neste caso, o seu irmão não conseguiria. Se a Catherine casar sem meu consentimento, não recebe um tostão do meu bolso.

— Isso é mesmo assim? — perguntou Mrs. Montgomery levantando os olhos.

— Tão certo como eu estar aqui.

— Mesmo que ela ficasse definhada com o desgosto? — Mesmo que definhasse a ponto de ficar uma sombra, o que não é provável.

— O Morris sabe disso? — Terei a maior satisfação em o informar — exclamou o doutor.

Mrs. Montgomery voltou às suas meditações; e o seu interlocutor, que estava preparado para dar tempo ao caso, interrogou-se sobre se, apesar do seu ar consciencioso, ela não estaria a jogar a favor do irmão. Ao mesmo tempo sentia-se meio envergonhado da provação a que a sujeitara, e comoveu-se com a docilidade com que ela o suportara. "Se ela fosse uma impostora" disse para consigo, "teria ficado zangada, a menos que seja realmente muito astuta. Mas não é provável que seja assim tão astuta." — O que faz com que o senhor deteste tanto o Morris? — perguntou ela em seguida, emergindo das suas reflexões.

— Não o detesto nada como amigo, como companheiro. Parece-me uma pessoa encantadora, e acho que seria uma excelente companhia. Detesto-o exclusivamente como genro. Se o único dever de um genro fosse jantar à mesa paternal, eu atribuiria ao seu irmão um enorme valor: ele janta admiravelmente. Mas essa é uma

pequena parte da sua função que, de um modo geral, consiste em proteger e cuidar da minha filha, que é especialmente avessa a cuidar de si própria. É nisso que ele não me satisfaz. Confesso que não tenho mais nada senão a minha impressão para me guiar; mas tenho o hábito de confiar nas minhas impressões. Claro que a senhora tem liberdade para me contradizer totalmente. Ele parece-me egoísta e frívolo.

O olhar de Mrs. Montgomery alongou-se um pouco e o doutor imaginou ver nele a luz da admiração: — Pergunto-me como descobriu que ele é egoísta — exclamou ela.

— Supõe que ele o esconde assim tão bem? — Na verdade, muito bem — disse Mrs. Montgomery. — E acho que todos nós somos um tanto egoístas — acrescentou rapidamente.

— Eu também acho; mas já vi quem o esconda melhor do que ele. Bem vê, ajuda-me o hábito que tenho de dividir as pessoas em classes, em tipos. Posso facilmente enganar-me sobre o seu irmão como indivíduo, mas o seu tipo está escrito em toda a sua pessoa.

"Ele é muito bonito" disse Mrs. Montgomery. O doutor olhou-a por um instante. Vós, mulheres, sois sempre as mesmas! Mas o tipo a que pertence o seu irmão nasceu para ser a vossa ruína, e vós fostes feitas para serdes suas criadas e vítimas. A marca do tipo em questão é a determinação, por vezes terrível na sua tranquila intensidade, de nada aceitar da vida senão os seus prazeres, e de garantir esses prazeres principalmente com a ajuda do vosso sexo complacente. Os jovens desta espécie nunca fazem por si próprios nada que possa ser feito por outras pessoas em vez deles; e é a paixão, a devoção, a superstição dos outros que os sustentam. Em noventa e nove casos em cem, esses outros são mulheres.

Aquilo em que os nossos jovens insistem é que os outros sofram por eles; e as mulheres, como a senhora deve saber, fazem isso espantosamente bem. — O doutor calou-se por um momento, e depois acrescentou de repente: — A senhora já sofreu imenso pelo seu irmão! Esta exclamação foi repentina, como disse, mas foi também perfeitamente calculada. O doutor ficara desapontado por não ver a sua compacta e confortável anfitriã rodeada, num grau mais visível, pelos estragos da imoralidade de Morris Townsend; mas dissera para si próprio que tal não se devia ao fato de o jovem a poupar, mas porque ela se esforçava por disfarçar as suas feridas. Estas doíam ali por detrás do fogão de sala envernizado, das gravuras engrinaldadas, por baixo do seu peito de popelina; e se ele pudesse ao menos tocar esse terno lugar, ela faria um movimento que iria trai-la. As palavras que acabo de citar eram uma tentativa de pôr o dedo nesse lugar, e tiveram um pouco do sucesso que ele procurava. Por um momento, as lágrimas brotaram dos olhos de Mrs. Montgomery, que se permitiu uma orgulhosa sacudidela de cabeça.

— Não sei como o senhor descobriu isso — exclamou.

— Por um truque filosófico, por aquilo a que chamam indução. Sabe que tem sempre a opção de me contradizer. Mas, por favor, responda-me a uma pergunta: Não dá dinheiro ao seu irmão? Acho que devia responder-me a isto.

— É verdade. Tenho-lhe dado dinheiro — disse Mrs. Montgomery.

— E não tem tido muito para lhe dar, não é assim? Ela ficou calada: — Se me pede uma confissão de pobreza, isso é fácil. Sou muito pobre.

— Nunca se poderia supor isso ajuizando pela sua encantadora casa — disse o doutor. — Soube pela minha irmã que a senhora tem um rendimento pequeno e uma família numerosa.

— Tenho cinco filhos — observou Mrs. Montgomery; — mas sinto-me feliz por poder dizer que consigo criá-los decentemente.

— É evidente que sim, dotada e dedicada como é. Mas o seu irmão tem isso em conta, suponho? — Tem o quê em conta? — Sabe que são cinco, quero eu dizer. Ele contou-me que é ele que os ensina. Mrs. Montgomery ficou pasmada por um instante e depois, muito rapidamente — sim, sim; ensina-lhes espanhol.

O doutor riu-se: — Isso deve tirar um grande trabalho das suas mãos! O seu irmão também sabe, está claro, que a senhora tem pouco dinheiro? — Já lho disse — exclamou Mrs. Montgomery menos reservada do que até aí. Aparentemente estava reconfortada com a clarividência do doutor.

— O que significa que a senhora tem muitas vezes ocasião de lhe dizer e que ele também tem muitas vezes ocasião de a explorar. Perdoe a crueza das minhas palavras; exprimo um fato, simplesmente. Não lhe

pergunto quanto ele já recebeu, não tenho nada com isso. Certifiquei-me do que já suspeitava e desejava. — E o doutor levantou-se devagar, alisando o chapéu. — O seu irmão vive à sua custa, — disse.

Mrs. Montgomery levantou-se rapidamente da cadeira, seguindo os movimentos do seu hóspede, fascinada.

E depois, com certa inconsequência: — Nunca me queixei dele, — afirmou.

— Não precisa protestar, a senhora não o traiu. Mas aconselho-a a não lhe dar mais dinheiro.

— Não vê que é do meu interesse que ele case com uma mulher rica? — perguntou ela. — Se, como o senhor diz, ele vive à minha custa só posso desejar ver-me livre dele; e pôr obstáculos ao casamento é aumentar as minhas dificuldades.

— Desejaria muito que recorresse a mim nas suas dificuldades — disse o doutor. — Está claro que, se vou entregá-lo de novo nas suas mãos, o mínimo que posso fazer é ajudá-la a suportar o fardo. Se me permite que o diga, tomarei a liberdade de lhe fazer chegar às mãos, para já, uma certa quantia para o sustento do seu irmão.

Mrs. Montgomery olhou-o pasmada; pensou, evidentemente, que ele estava a agradecer; mas viu logo que não, e a mistura dos seus sentimentos tornou-se dolorosa: — Parece-me que deveria estar muitíssimo ofendida consigo, — murmurou.

— Porque eu lhe ofereci dinheiro? Isso é um preconceito — disse o doutor — Tem de permitir que eu venha falar consigo novamente, e então trataremos destas coisas. Suponho que alguns dos seus filhos são moças? — Tenho duas meninas ainda pequenas, — disse Mrs. Montgomery.

— Bom, quando elas crescerem e começarem a pensar em escolher marido, a senhora verá como ficará preocupada com o carácter moral desses maridos. Então compreenderá esta minha visita.

— Oh, não vai pensar que o Morris tem mau carácter.

O doutor olhou-a, de braços cruzados: — Há uma coisa que muito gostaria de a ouvir dizer, como satisfação moral. Gostaria de a ouvir dizer: Ele é horrivelmente egoísta.

Estas palavras saíram-lhe com a nitidez grave da sua voz, e por um instante pareceram criar à visão perturbada da pobre Mrs. Montgomery, uma imagem material. Ficou a olhá-lo e depois retorquiu: — O senhor incomoda-me — exclamou. — Afinal de contas, ele é meu irmão; e as suas capacidades Com estas palavras a voz dela tremeu, e antes que ele se apercebesse ela desfazia-se em lágrimas.

— As suas capacidades são de primeira qualidade — disse o doutor. — Temos de encontrar o campo próprio para elas. — E garantiu-lhe respeitosamente que muito lamentava tê-la perturbado tanto.

— É tudo pela minha pobre Catherine — prosseguiu. Tem de a conhecer e logo entenderá.

Mrs. Montgomery limpou as lágrimas e corou por elas: — Gostaria de conhecer a sua filha — respondeu; e depois rapidamente: — Não a deixe casar com ele! O Dr. Sloper foi-se embora com estas palavras ressoando-lhe baixinho nos ouvidos, Não a deixe casar com ele Elas davam-lhe aquela satisfação moral a que acabava de se referir, e o seu valor era tanto maior quanto tinham, evidentemente, custado muita angústia ao orgulho de família da pobre Mrs. Montgomery.

## CAPÍTULO 15

Andava espantado com a maneira como Catherine se comportava; a atitude dela nesta crise sentimental parecia-lhe artificialmente passiva. Nunca mais falara com ele depois da cena na biblioteca, no dia anterior à sua entrevista com Morris; e já passara uma semana sem ela mudar o seu comportamento. Neste, nada havia que suscitasse piedade, e ele estava até um tanto desapontado por ela não lhe dar oportunidade para a compensar da sua dureza por meio de qualquer manifestação de liberalidade que funcionaria como reparação. Pensou em propor levá-la a viajar pela Europa; mas estava decidido a fazer isto apenas no caso de ela parecer reprová-lo com o seu silêncio. Tinha ideia de que ela poderia revelar talento para censuras mudas, e admirava-se por não se ver exposto a essa arma silenciosa. Ela nada dizia, nem tácita nem explicitamente e, como não era nunca faladora, não havia na sua reserva qualquer eloquência especial. E a pobre Catherine não estava amuada — um tipo de comportamento para o qual não tinha qualquer talento histriônico — era simplesmente muito paciente. Claro que refletia sobre a situação, e fazia-o aparentemente de uma maneira deliberada e desapaixonada, tencionando tirar disso o melhor partido possível.

— Fará o que eu mandei — disse e pensou também que a filha não era mulher de grande personalidade.

Não sei se ele teria tido esperança numa maior resistência, para se divertir um pouco mais; mas disse para consigo, tal como já dissera antes, que embora pudesse ter os seus sobressaltos momentâneos, a paternidade não era, afinal de contas, uma atividade exaltante. Entretanto, Catherine descobrira uma coisa muito diferente; tinha-se tornado bem nítido que havia uma grande exaltação na atitude de tentar ser uma boa filha. Tinha um sentimento inteiramente novo, que pode ser descrito como um estado de expectativa ansiosa em relação aos seus próprios atos. Vigia-se a si própria como se vigiasse outra pessoa, e perguntava-se o que iria fazer. Era como se essa outra pessoa, que era simultaneamente ela própria e não ela própria, surgisse de repente, inspirando-lhe uma curiosidade natural quanto ao desempenho de funções nunca executadas.

— Estou feliz por ter uma filha tão boa — disse-lhe o pai beijando-a, passados alguns dias.

— Estou a tentar ser boa — respondeu ela voltando-lhe as costas, com a consciência não totalmente limpa.

— Se há alguma coisa que queiras dizer-me, sabes que não deves hesitar. Não é necessário que te sintas obrigada a estar tão calada. Não me interessa que Mr. Townsend seja um assunto de conversa frequente, mas sempre que tenhas algo de especial a dizer-me acerca dele, não me importo de te escutar.

— Obrigada — disse Catherine. — Para já não tenho nada de especial.

Ele nunca lhe perguntou se tornara a ver Morris porque tinha certeza de que, se fosse esse o caso, ela lhe diria. De fato, ela não o vira; apenas lhe escrevera uma longa carta. A carta era longa, pelo menos para ela; e pode acrescentar-se que também era longa para Morris; tinha cinco páginas, numa letra notavelmente bem feita e bonita. A letra de Catherine era bonita, e ela até tinha nisso algum orgulho; gostava muito de fazer cópias e possuía volumes com trechos que testemunhavam esta sua prenda; volumes que um dia mostrara ao namorado, quando a alegria de sentir que era importante para ele estava bem viva. Na carta dizia a Morris que o pai exprimira o desejo de que ela não tornasse a vê-lo, e pedia-lhe que não voltasse lá a casa até ela se decidir! Morris respondeu-lhe com uma carta apaixonada em que lhe perguntava de que mais ela precisava para se decidir. Pois não estava ela já decidida duas semanas atrás, e seria possível que acalentasse a ideia de o mandar

embora? Tencionava romper logo no início das contrariedades, depois das promessas de fidelidade que fizera e recebera? E descrevia a sua entrevista com o pai dela — descrição essa não exatamente idêntica à que oferecemos nestas páginas. Ele foi terrivelmente violento, escrevia Morris, mas tu conheces o meu autodomínio. Bem preciso dele quando me lembro de que tenho a possibilidade de interromper esse teu cruel cativo. Em resposta a isto, Catherine enviou-lhe um bilhete com três linhas. "Estou muito perturbada; não duvides da minha afeição mas deixa-me esperar um pouco e pensar". A ideia de lutar com o pai, de opor o seu orgulho ao dele pesava-lhe na alma e mantinha-a quieta, tal como um grande peso físico nos mantém imóveis. Nunca lhe passou pela cabeça mandar embora o seu apaixonado; mas, desde o início, tentava assegurar-se de que haveria uma maneira pacífica de resolver os seus problemas. Esta certeza era vaga, pois não continha qualquer elemento de convicção positiva de que o pai mudaria de ideias. Apenas tinha a noção de que, se fosse muito boa, a situação melhoraria de qualquer maneira misteriosa. Para ser boa tinha de ser paciente, manifestamente submissa, devia abster-se de julgar o pai com demasiada severidade e de cometer qualquer ato de desafio aberto. Afinal, talvez ele tivesse razão para pensar como pensava; o que não significava de todo que a apreciação do pai dos motivos de Morris ao pretender casar com ela fosse correta, mas sim que era natural e talvez apropriado que os pais conscienciosos fossem desconfiados e até injustos. Existiam talvez no mundo pessoas tão más como o pai supunha que Morris era, e se houvesse a mais pequena possibilidade de Morris ser uma dessas pessoas sinistras, o doutor tinha razão ao levar isso em conta. Era evidente que ele não podia saber o que ela sabia — como dos olhos do jovem transpareciam o amor e a sinceridade mais puros; mas, a seu tempo, Deus poderia apontar um caminho para fazer o pai saber disso. Catherine esperava muito de Deus, e punha nas mãos d'Ele a iniciativa de resolver o seu dilema. Não podia imaginar-se a transmitir ao pai qualquer espécie de conhecimentos; havia algo de superior até na injustiça dele e de absoluto nos seus erros. Mas ela podia pelo menos ser boa, e se fosse suficientemente boa, Deus inventaria uma maneira de conciliar tudo — a dignidade dos erros do pai e a doçura da sua própria confiança, o cumprimento rigoroso dos seus deveres filiais, e o prazer da afeição de Morris Townsend.

A pobre Catherine teria gostado de que Mrs. Penniman fosse um agente esclarecedor, papel este que a senhora estava na verdade mal preparada para desempenhar. Mrs. Penniman tirava demasiada satisfação das sombras sentimentais deste pequeno drama para ter, de momento, qualquer interesse em as dissipar. Queria que o enredo se adensasse, e o conselho que deu à sobrinha tendia, na sua imaginação, para esse fim. Era um conselho bastante incoerente, que de um dia para o outro se contradisse a si próprio; mas estava imbuído do desejo sincero de que Catherine fizesse algo de surpreendente.

Tens de agir, minha querida; na tua situação, o melhor é agir, dizia Mrs. Penniman que achava a sobrinha completamente abaixo das suas oportunidades. A esperança de Mrs. Penniman era que Catherine se casasse secretamente, numa cerimônia em que ela própria atuasse como dama de companhia da noiva. Imaginava essa cerimônia tendo lugar numa capela subterrânea; em Nova York as capelas subterrâneas não eram frequentes, mas a imaginação de Mrs. Penniman não se perturbava com ninharias; e o par culpado — gostava de pensar na pobre Catherine e no seu pretendente como o par culpado — a retirar-se num qualquer veículo rápido para um lugar obscuro nos arredores onde ela (usando um véu espesso) iria visitá-los clandestinamente; onde eles suportassem período de românticas privações; e então, finalmente, depois de ela ter sido a sua providência terrena, a sua intercessora, a sua advogada e o seu meio de comunicação com o mundo, eles se reconciliariam com o irmão num quadro artístico onde ela própria seria, de qualquer maneira, a figura central. Hesitava em recomendar a Catherine este rumo, mas tentou traçar dele um quadro cheio de atrativos a Morris Townsend. Estava em comunicação diária com o rapaz, a quem, por meio de cartas, mantinha informado do estado de coisas em Washington Square. Como ele tinha sido, conforme dizia, banido da casa, ela não voltou a vê-lo; mas acabou por lhe escrever que ansiava por uma entrevista. Esta entrevista poderia ter lugar em terreno neutro, e ela refletiu longamente antes de escolher um lugar de encontro. Estava inclinada para o cemitério de Greenwood, mas desistiu por ser longe demais; não podia ausentar-se durante tanto tempo, segundo dizia, sem levantar suspeitas. Depois pensou em Battery, mas era um lugar muito frio e ventoso, além de estar sujeito ao aparecimento de imigrantes irlandeses, que, com grande apetência, se juntavam neste ponto

do Novo Mundo; finalmente, fixou-se num restaurante da Sétima Avenida, explorado por um negro — um estabelecimento de que nada sabia, a não ser que reparara nele ao passar. Combinou com Morris Townsend encontrarem-se aí e foi à entrevista ao cair do dia, envolta num véu impenetrável. Ele deixou-a à espera durante meia-hora — tinha quase de atravessar a cidade de lado a lado — mas ela gostou de esperar, parecia que se reforçava a situação. Mandou vir uma chávena de chá que se revelou mau demais, o que lhe deu a sensação de estar a sofrer por uma causa romântica. Quando Morris por fim chegou, ficaram sentados durante meia hora no canto mais escondido das traseiras; e não é afirmar demais dizer que esta foi a meia hora mais feliz que Mrs. Penniman viveu em muitos anos. A situação era realmente excitante, e quando o seu companheiro pediu um guisado de ostras e o comeu perante os seus olhos, isso mal lhe pareceu uma nota falsa. Na verdade, Morris precisava de toda a satisfação que as ostras guisadas pudessem dar-lhe pois devemos informar o leitor de que ele encarava Mrs. Penniman como uma quinta roda da sua carruagem. Estava num estado de irritação natural num homem de ótimas qualidades que fora humilhado na sua tentativa bem intencionada de honrar uma jovem de características inferiores, e a simpatia insinuante daquela matrona de certo modo ressequida parecia não lhe dar verdadeiro consolo. Achava-a mentirosa, e para ele os mentirosos não mereciam confiança. A princípio escutara-a e fora agradável para ela para poder entrar em Washington Square; mas nesta altura necessitava de todo o seu autodomínio para ser minimamente bem educado. Queria poder dizer-lhe que era uma velha grotesca, e que gostaria de a meter numa carruagem e mandá-la para casa. Sabemos, no entanto, que Morris possuía a virtude do autodomínio, e tinha além disso o hábito constante de procurar ser agradável; de modo que, embora o comportamento de Mrs. Penniman só lhe exasperasse os nervos já de si perturbados, escutou-a com uma deferência melancólica em que ela encontrou muito para admirar.

## CAPÍTULO 16

Está claro que falaram imediatamente de Catherine: — Ela mandou-me alguma mensagem, ou qualquer coisa? — perguntou Morris. Pensava que ela poderia ter-lhe enviado uma lembrança ou um caracol de cabelo.

Mrs. Penniman ficou ligeiramente embaraçada, pois nada dissera à sobrinha daquela diligência: — Não exatamente uma mensagem — disse. — Não lhe pedi nada porque receei perturbá-la.

— Acho que ela não se perturba facilmente. — E Morris sorriu com alguma amargura.

— Ela é melhor do que isso; é firme, é sincera.

— Acha que ela vai resistir? — Até à morte! — Espero que não se chegue a tanto — disse Morris.

— Temos de estar preparados para o pior, e é disso que quero falar-lhe.

— A que chama o pior? — Bom — disse Mrs. Penniman — o feitio duro e frio do meu irmão.

— Oh, que maldito homem! — É impenetrável à compaixão — acrescentou Mrs. Penniman à guisa de explicação.

— Quer a senhora dizer que ele não vai ceder? — Nunca será derrotado por meio de argumentos. Eu tenho-o estudado. Só será derrotado por meio de fatos consumados.

— Fatos consumados? — Depois acabará por ceder — disse Mrs. Penniman muito enfaticamente. — Não quer saber de mais nada senão de fatos; tem de ser confrontado com fatos.

— Bom — replicou Morris — é um fato que eu quero casar com a filha dele. Confrontei-o com isso outro dia, mas ele não ficou de todo derrotado.

Mrs. Penniman ficou calada por um momento, e o seu sorriso por baixo da sombra do chapéu enorme, de cuja borda pendia o véu preto como uma cortina, fixou-se no rosto de Morris, com um brilho ainda mais terno: — Case primeiro com Catherine e depois confronte-o com o fato! — exclamou ela.

— É isso que me aconselha? — perguntou o jovem franzindo o sobrolho. Ela ficou um pouco assustada,

mas prosseguiu com considerável ousadia: — É assim que eu vejo as coisas: um casamento secreto! — repetiu a frase porque gostou dela.

— Quer a senhora dizer-me que leve a Catherine comigo? Como é que se chama isso? Que fuja com ela? — Não é nenhum crime, quando se é obrigado a isso — disse Mrs. Penniman. — Como já lhe contei, o meu marido era um pastor distinto, um dos homens mais eloquentes da sua época. Casou uma vez um jovem casal que fugira de casa do pai da moça; estava interessadíssimo na história deles. Nem hesitou, e depois tudo resultou em bem. Posteriormente, o pai reconciliou-se com eles e passou a ter consideração pelo rapaz. O meu marido casou-os ao fim da tarde, cerca de sete horas. A igreja estava tão escura que mal se via, e Mr. Penniman estava tão excitado. Era tão compreensivo!. Acho que agora não o faria.

— Infelizmente a Catherine e eu não temos o seu marido para nos casar — disse Morris.

— Pois não, mas têm-me a mim — replicou Mrs. Penniman com ênfase. — Não posso celebrar a cerimônia, mas posso ajudar-vos; posso estar atenta! — A mulher é uma idiota! — pensou Morris: mas foi obrigado a dizer algo bem diferente, que, contudo, não era materialmente mais delicado. — Foi para me dizer isso que quis encontrar-se aqui comigo? Mrs. Penniman tinha consciência de uma certa imprecisão do seu propósito, e de não poder oferecer-lhe qualquer compensação tangível por ele se ter deslocado de tão longe: — Pensei que talvez gostasse de ver alguém tão próxima de Catherine — observou ela com certa solenidade e acrescentou: — e também que lhe agradaria ter uma oportunidade para lhe enviar qualquer coisa.

Morris estendeu-lhe as mãos vazias com um sorriso melancólico.

— Estou-lhe muito agradecido, mas não tenho nada para enviar.

— Nem uma palavra? — perguntou a companheira com o seu sorriso sugestivo já de volta.

Morris franziu de novo o sobrolho: — Diga-lhe que resista — pediu um tanto secamente.

— Essa é uma palavra boa, uma palavra digna: vai fazê-la feliz por muitos dias. Ela é muito comovente, muito corajosa — continuou Mrs. Penniman compondo a capa e preparando-se para ir embora. Enquanto fazia isto teve uma inspiração; encontrou as palavras que podia ousadamente proferir como justificação do passo que dera: — Se casar com a Catherine arriscando tudo, dará ao meu irmão a prova de ser aquilo que ele põe em dúvida.

— Aquilo que ele põe em dúvida? — Não sabe o que é? — perguntou Mrs. Penniman quase gracejando.

— Não estou interessado em saber — disse Morris dando-se ares.

— Claro que o irrita.

— Desprezo isso — declarou Morris.

— Ah, então sabe o que é? — disse Mrs. Penniman agitando o dedo espetado em frente da cara dele: — diz ele que você quer. quer o dinheiro.

Morris hesitou por um instante; e depois, como se falasse a sério: — Realmente gosto de dinheiro! — Ah, mas Não como ele diz. Não gosta mais do dinheiro do que de Catherine, pois não? Ele pôs os cotovelos na mesa e enterrou a cabeça nas mãos: — A senhora está a torturar-me! — murmurou. E era esse, de fato o efeito do interesse demasiado importuno da pobre senhora pela situação dele.

Mas ela insistiu no assunto: — Se casar com ela contra a vontade do meu irmão, este partirá do princípio de que você nada espera dele e está pronto a prescindir do dinheiro; e assim, verificará que você não é interesseiro.

Morris levantou um pouco a cabeça, seguindo a argumentação dela: — E que ganharei eu com isso? — Ora, ele vai ver que se enganou ao pensar que você queria o dinheiro dele.

— E vendo que eu quero que ela vá para o diabo com ele, vai deixá-lo a um hospital. É isso que a senhora quer dizer? — perguntou Morris.

— Não, não quero dizer isso; embora fosse um gesto aparatoso — acrescentou rapidamente Mrs. Penniman. O que quero dizer é que, depois de lhe ter feito tão grande injustiça, ele vai pensar que é seu dever remediá-la.

Morris abanou a cabeça, embora se deva confessar que ficou um tanto impressionado com a ideia: — Acha que ele é assim tão sentimental? — Não é sentimental — disse Mrs. Penniman. Mas, para ser

inteiramente justa com ele, julgo que ele, à sua maneira acanhada, tem um certo sentido do dever.

Pela cabeça de Morris Townsend passou rapidamente a dúvida sobre se, mesmo numa contingência remota, poderia alguma vez vir a dever alguma coisa à ação deste princípio no coração do Dr. Sloper, mas a pergunta esvaziou-se no seu sentido do ridículo.

— O seu irmão não tem deveres para comigo — disse em seguida — e eu não tenho nenhuns para com ele.

— Ah, mas ele tem deveres para com a Catherine! — Pois tem; mas bem vê, segundo esse princípio também a Catherine tem deveres para com ele.

Mrs. Penniman levantou-se com um suspiro melancólico, como se o considerasse muito pouco imaginativo: — Ela sempre os tem cumprido religiosamente; e diga-me lá, acha que ela agora não tem deveres para consigo?

— Mrs. Penniman sempre punha em itálico mesmo em conversa, os seus pronomes pessoais.

— Pareceria chocante dizer que sim. Já lhe estou tão grato pelo seu amor acrescentou Morris.

— Vou contar-lhe que você me disse isso. E lembre-se de que, se precisar de mim, eu lá estou. — E Mrs. Penniman, que não arranjou mais nada para dizer, fez com a cabeça um vago aceno na direção de Washington Square.

Morris contemplou por alguns momentos o chão empoeirado do restaurante, parecia hesitar por um momento. Por fim, olhando para cima de repente: — Está convencida de que, se ela casar comigo, ele a deserda? — perguntou.

Mrs. Penniman fixou-o e sorriu: — Ora, já lhe expliquei o que penso que aconteceria. Que, afinal, seria a melhor coisa a fazer.

— Quer dizer que faça ela o que fizer, a longo prazo ficará sempre com o dinheiro?

— Não depende dela, mas de si. Atreva-se a mostrar-se tão desinteressado como realmente é — disse Mrs. Penniman habilidosamente. Morris voltou a pregar os olhos no chão limpo, a pensar naquilo, e ela prosseguiu: — Eu e o meu marido não tínhamos nada e fomos muito felizes. Além disso, a Catherine tem a fortuna da mãe que, no tempo em que a minha cunhada casou, era considerada muito jeitosa.

— Oh, não fale nisso! — disse Morris; e na verdade era bastante supérfluo, uma vez que ele já tinha contemplado a coisa por todos os ângulos.

— O Austin casou com uma mulher que tinha dinheiro. Por que você não há de casar?

— Bom, mas seu irmão era médico — objetou Morris.

— Ora, nem todos os jovens podem ser médicos.

— Eu classifico-a como uma profissão repugnante — afirmou Morris com um ar de independência intelectual; depois, de repente, prosseguiu de uma maneira um tanto inconsequente: — Supõe que já existe um testamento a favor de Catherine?

— Suponho que sim! Mesmo os médicos têm de morrer; e talvez um pouco a meu favor — acrescentou Mrs. Penniman com franqueza.

— E acha que ele o mudaria com certeza no que diz respeito a Catherine?

— Acho; mas depois podia refazê-lo na primeira forma.

— Ah, mas não podemos depender disso — exclamou Morris.

— Pretende depender disso? — perguntou Mrs. Penniman.

Morris corou um pouco.

— Claro que tenho medo de ser a causa de um prejuízo para Catherine. — Ai, não tenha medo. Não tenha medo de nada, e tudo correrá bem.

Então Mrs. Penniman pagou a sua chávena de chá e Morris pagou o seu guisado de ostras, e saíram juntos para a imensidade mal iluminada da Sétima Avenida. O crepúsculo fechara-se completamente, e os candeeiros das ruas eram separados por grandes intervalos, num pavimento onde buracos e brechas entravam em proporção exagerada.

— Como vai para casa? — perguntou Morris, seguindo um veículo com um olhar interessado. Mrs.

Penniman dera-lhe o braço.

Hesitou por um momento: — Penso que assim será agradável — disse; e continuou a deixá-lo sentir o valor do apoio que ele lhe proporcionava.

E assim ele caminhou a seu lado pelas ruas distantes da parte ocidental da cidade através do zum-zum das multidões do cair da noite em ruas populosas, até chegar à calma de Washington Square.

— Ali estão as janelas do quarto de Catherine. Julgo que poderá vê-las do outro lado da rua.

— Não quero vê-las, minha senhora. — E Morris voltou as costas à casa.

— De qualquer modo, vou contar-lhe que esteve aqui — disse Mrs. Penniman, apontando para o sítio onde estavam — digo-lhe a sua mensagem, que ela tem de resistir.

— Pois sim! Claro! Sabe bem que eu lhe escrevo tudo isso.

— Parece exprimir mais quando é dito. E lembre-se: se precisar de mim, eu estou ali, e Mrs. Penniman olhou para o terceiro andar.

Com isto separaram-se e Morris, já sozinho, ficou a olhar para a casa por um instante; então afastou-se e deu uns passos melancólicos à volta da Praça, pelo lado oposto, junto à vedação de madeira. Depois voltou atrás e parou por um minuto em frente da casa do Dr. Sloper. Percorreu-a com os olhos e até os deixou demorarem-se nas janelas avermelhadas dos aposentos de Mrs. Penniman. Achou a casa tremendamente confortável.

## CAPÍTULO 17

Nessa noite Mrs. Penniman — estavam as duas no salão dos fundos — contou a Catherine que tivera um encontro com Morris Townsend; ao receber a notícia, a moça estremeceu com uma sensação de dor. Nesse momento ficou zangada; quase era a primeira vez que ficava zangada. Parecia-lhe que a tia era uma intrometida; e daí veio-lhe a vaga preocupação de que ela pudesse estragar alguma coisa.

— Não compreendo porque tinha de estar com ele. Acho que não está certo — disse Catherine.

— Estava com tanta pena dele! Parecia-me que alguém devia procurá-lo.

— Ninguém a não ser eu — afirmou Catherine, que se sentia como se estivesse a fazer o discurso mais atrevido da sua vida, mas que tinha simultaneamente o instinto de que estava com a razão.

— Mas tu não estavas disposta a isso, minha querida — replicou a tia Lavinia; — e eu não sabia o que era feito dele.

— Não tenho estado com ele porque o meu pai mo proibiu — disse Catherine com simplicidade.

Nestas palavras havia de fato simplicidade, o que irritou Mrs. Penniman.

— Se o teu pai te proibisse de dormir, ficarias sempre acordada? — comentou.

Catherine olhou para ela: — Não a entendo. Parece-me muito estranha.

— Bom, um dia vais entender-me, minha querida! E Mrs. Penniman, que estava a ler o jornal da tarde que percorria diariamente da primeira à última linha recomeçou essa tarefa. Aconchegou-se em silêncio; decidira que Catherine teria de lhe pedir uma descrição da entrevista com Morris. Mas Catherine ficou calada durante tanto tempo que ela quase perdeu a paciência; e estava quase a acusá-la de não ter coração, quando a moça falou por fim: — O que foi que ele disse? — perguntou.

— Disse que está pronto a casar contigo em qualquer altura, apesar de tudo.

Catherine não respondeu a isto, e Mrs. Penniman quase perdeu de novo a paciência, o que fez com que, por fim, a informasse voluntariamente de que Morris estava muito bonito mas terrivelmente perturbado.

— Pareceu-lhe triste? — inquiriu a sobrinha.

— Estava com olheiras — respondeu Mrs. Penniman. — Bem diferente da primeira vez que o vi; embora eu não tenha certeza de que não ficaria ainda mais impressionada com ele se na primeira vez o tivesse visto nestas condições. Há qualquer coisa de luminoso na sua própria infelicidade.

Para o entendimento de Catherine esta era uma imagem nítida e, embora a desaprovasse, fixou-se nela.

— Onde se encontrou com ele? — perguntou em seguida.

— Na Bowery; numa pastelaria — disse Mrs. Penniman que teve a sensação de que deveria mentir um pouco.

— Onde é isso? — perguntou Catherine após outra pausa.

— Queres lá ir, minha querida? — disse a tia.

— Oh, não! — Catherine levantou-se e foi para junto do fogo, onde ficou a olhar para as brasas acesas.

— Porque és tu tão seca, Catherine? — disse por fim Mrs. Penniman.

— Tão seca? — Tão fria, tão impassível.

A moça voltou-se rapidamente: — Ele disse isso? Mrs. Penniman hesitou por um momento.

— Vou contar-te o que ele disse. Disse que receava só uma coisa: que tivesses medo.

— Medo de quê? — Medo do teu pai.

Catherine voltou-se de novo para o fogo, e após um silêncio disse: — Tenho mesmo medo do meu pai.

Mrs. Penniman levantou-se rapidamente da cadeira e aproximou-se da sobrinha: — Tencionas então desistir dele? Catherine ficou imóvel, com os olhos nas brasas.

— Porque é que me força assim? — perguntou.

— Não te forço. Quando foi que já te falei nisto? — Parece-me que já me falou por várias vezes.

— Então é porque tem sido necessário, Catherine — disse Mrs. Penniman, com bastante solenidade.

Receio bem que não sintas a importância — e fez uma pausa; Catherine mirava-a; — a importância de não magoar aquele jovem coração destemido! — E Mrs. Penniman voltou para a sua cadeira junto do candeeiro e, bruscamente, pegou de novo no jornal da tarde.

Catherine ficou ali diante do fogo, com as mãos atrás das costas, olhando para a tia, a quem pareceu que a moça nunca tivera aquela fixidez no olhar: — Acho que a tia não me compreende nem me conhece — afirmou. — Se não, não é de admirar; confias tão pouco em mim! Catherine não tentou negar esta acusação, e por um bocado nada disseram. Mas a imaginação de Mrs. Penniman estava inquieta, e nesta altura o jornal da tarde não conseguiu travá-la.

— Se sucumbes perante a ira do teu pai, não sei o que vai ser de nós — disse.

— Ele pediu-lhe para me dizer essas coisas? — Pediu-me que usasse a minha influência.

— Deve estar enganada — afirmou Catherine; — ele confia em mim.

— Espero que ele nunca se arrependa disso! — E Mrs. Penniman deu uma palmadinha no jornal. Não sabia o que fazer com a sobrinha que, de repente, se tornara dura e inclinada à discussão.

Pelo lado de Catherine esta tendência era ainda mais evidente.

— Faria muito melhor em não marcar mais encontros com Mr. Townsend — disse; — acho que não está certo.

Mrs. Penniman ergueu-se com considerável majestade e inquiriu: — Minha pobre pequena, será que tens ciúmes de mim? — Ora, tia Lavinia! — murmurou Catherine corando.

— Acho que não te compete ensinar-me o que está certo.

Nesta altura Catherine não fez qualquer concessão: — Não pode estar certo enganar.

— Podes ter certeza de que não te enganei! — Está bem; mas eu prometi ao pai...

— Bem sei que prometeste ao pai. Mas eu não lhe prometi nada.

Catherine teve de concordar com isto, o que fez em silêncio.

— Acho que nem o próprio Mr. Townsend gosta — disse por fim.

— Não gosta de se encontrar comigo? — Em segredo, não.

— Não foi em segredo; o sítio estava cheio de gente.

— Mas era um sítio escondido — lá longe, na Bowery. Mrs. Penniman hesitou um pouco: — Os homens gostam dessas coisas — observou. Eu sei que os homens gostam.

— O meu pai não gostaria, se soubesse.

— Não me digas que tencionas informá-lo! — acrescentou Mrs. Penniman.

— Não, tia Lavinia. Mas por favor não torne a fazer isso.

— Se eu tornar a fazer, conte; é isso que quer dizer? Não partilho o teu medo do meu irmão; sempre

soube defender a minha posição. Mas podes estar certa de que nunca mais darei um passo a teu favor; és ingrata demais. Sabia que não tens uma maneira de ser espontânea, mas julgava-te firme e disse ao teu pai que ele também iria chegar a essa conclusão. Fiquei desapontada, mas o teu pai não vai ficar. E com isto Mrs. Penniman presenteou a sobrinha com um "boa-noite" rápido e retirou-se para os seus aposentos.

## CAPÍTULO 18

Catherine ficou sozinha sentada junto da lareira, durante mais de uma hora, perdida nas suas cogitações. A tia parecia-lhe agressiva e pateta; e ver isto com tanta clareza, julgar Mrs. Penniman, fê-la sentir-se velha e severa. Não estava ofendida pela acusação de fraqueza; isso não lhe fazia impressão porque não tinha a sensação de fraqueza, e não ficava magoada por não a apreciarem. Tinha um enorme respeito pelo pai, e sentia que desagradar-lhe seria um pequeno delito parecido com um ato de profanação dum grande templo: mas a sua decisão amadurecera lentamente e acreditava que as suas orações a tinham purificado da sua violência. A tarde avançava e o candeeiro alumiaava com uma luz fraca que ela mal notava; tinha os olhos fixos no seu terrível plano. Sabia que o pai estava no gabinete de trabalho — estivera lá toda a tarde: de vez em quando esperava ouvi-lo mexer-se. Pensava que talvez ele viesse, como vinha às vezes, até à sala. Por fim o relógio deu as onze horas e a casa ficou envolta em silêncio; os criados tinham ido deitar-se. Catherine levantou-se e, lentamente, dirigiu-se para a porta da biblioteca, onde esperou imóvel por um momento. Depois bateu e voltou a esperar. O pai respondera-lhe, mas não tinha coragem para fazer girar a maçaneta. O que dissera a tia era mesmo verdade, tinha medo dele; e ao afirmar que não tinha uma sensação de fraqueza, queria dizer que não tinha medo de si própria. Ouviu ele mexer-se lá dentro, e vir abrir-lhe a porta.

— O que se passa? — perguntou o doutor. — Estás aí parada como um fantasma! Ela entrou no aposento mas passou-se algum tempo antes que se atrevesse a dizer o que viera dizer. O pai, de roupão de quarto e chinelos, estivera a escrever à secretária e, depois de olhar para ela e de esperar que ela falasse, foi sentar-se de novo junto dos seus papéis. Tinha as costas voltadas para ela, que começou a ouvir o barulho da caneta. Ficou perto da porta, com o coração a bater muito, debaixo do corpete; e depois ficou contente por ele estar de costas voltadas, porque lhe pareceu que assim lhe seria mais fácil dirigir-se àquele pedaço da sua pessoa do que ao seu rosto. Finalmente começou, observando-o enquanto falava.

— O pai disse-me que, se eu tivesse alguma coisa mais para lhe contar acerca de Mr. Townsend, estaria disposto a ouvir-me.

— Exatamente, minha querida, — disse o doutor sem se voltar deixando de escrever.

Catherine desejou que ele continuasse, mas foi ela que o fez: — Achei que devia dizer-lhe que não voltei a vê-lo, mas que gostaria de o fazer.

— Para te despedires? — perguntou o doutor. A moça hesitou por um momento: — Ele não se vai embora.

O doutor fez rodar a cadeira lentamente, com um sorriso que parecia acusá-la de se fazer engraçada; mas os extremos tocaram-se e Catherine não tivera essa intenção: — Então não é para te despedires? — inquiriu o pai.

— Não, pai; não é isso; pelo menos para me despedir para sempre. Não voltei a vê-lo, mas gostaria de o ver — repetiu Catherine.

O doutor esfregou lentamente o lábio inferior com a pena da caneta.

— Tens-lhe escrito? — Tenho, sim; quatro vezes.

— Então não o mandaste embora. Devias tê-lo feito.

— Não, disse Catherine; — pedi-lhe. pedi-lhe para esperar.

O pai ficou sentado mirando-a e ela receou que ele explodisse de raiva, tinha os olhos tão fuzilantes e frios.

— És uma pequena muito querida e leal — disse ele por fim. — Vem cá ao teu pai. E levantou-se estendendo as mãos para ela.

Estas palavras foram uma surpresa, e deram-lhe uma estranha alegria. Ela dirigiu-se para ele, que a abraçou ternamente, consoladoramente, e a beijou.

Depois disse: — Queres tornar-me muito feliz? — Gostaria, mas receio bem que não possa — respondeu Catherine.

— Podes, se quiseres. Tudo depende da tua vontade.

— É desistir dele? — perguntou Catherine.

— É; é desistir dele.

E segurava-a com a mesma ternura, olhando-lhe no rosto e demorando o olhar nos fugidios olhos dela. Houve um longo silêncio; ela desejou que ele a soltasse.

— É mais feliz do que eu, pai — disse por fim.

— Não tenho dúvidas de que neste momento és infeliz. Mas é melhor ser infeliz durante dois meses e depois ultrapassar, do que durante muitos anos sem nunca poder ultrapassar.

— Pois; se isso fosse assim. — disse Catherine.

— Seria assim. Tenho certeza. — Ela não respondeu e ele prosseguiu: — Não confias no meu discernimento, na minha ternura, na minha solicitude pelo teu futuro? — Oh, pai! — murmurou a moça — Não achas que eu conheço alguma coisa dos homens, os seus vícios, as suas loucuras, as suas falsidades? Ela despreendeu-se e encarou-o: — Ele não tem vícios; ele não é falso! O pai continuou a olhar para ela com o seu olhar agudo e puro.

— Então não queres saber da minha opinião? — Não posso acreditar nisso! — Não te peço para acreditar mas para confiar. Catherine estava bem longe de dizer para si mesma que aquilo era um sofisma engenhoso. Mas não recebeu o apelo com menos firmeza: — O que foi que ele fez? O que é que o pai sabe? — Nunca fez nada; é um preguiçoso egoísta.

— Oh, pai, não o insulte! — exclamou ela suplicante.

— Não pretendo insultá-lo; seria um grande erro. Podes fazer como preferires — acrescentou ele afastando-se.

— Posso voltar a vê-lo? — Como quiseres.

— Perdoa-me? — De maneira nenhuma.

— Será só uma vez.

— Não sei o que queres dizer com uma vez. Tens de desistir dele ou continuar com a relação.

— Quero explicar. Dizer-lhe que espere.

— Que espere por quê? — Até o pai o conhecer melhor. Até consentir.

— Não lhe digas semelhante disparate. Conheço-o o suficiente e nunca consentirei.

— Mas nós podemos esperar muito tempo — disse a pobre Catherine, num tom que pretendia exprimir a mais humilde boa vontade, mas que teve sobre os nervos do pai o efeito de uma insistência que não se caracterizava pelo tato.

No entanto o doutor respondeu com bastante calma: — Claro, podem esperar até eu morrer, se preferires. Catherine deu um grito de natural horror.

— O teu noivado vai ter sobre ti um efeito delicioso. Vai tornar-te extremamente impaciente por que isso aconteça.

Catherine fixou pasmada e o doutor apreciou o ponto onde conseguira chegar. Atingiu Catherine com a força — ou antes, com o vago poder impressivo de um axioma lógico que não estava ao seu alcance rebater; e no entanto, embora se tratasse de uma verdade científica, ela sentia-se totalmente incapaz de a aceitar.

— Então preferiria não me casar, se isso fosse verdade — disse.

— Dá-me então uma prova disso; porque está fora de questão que, ao tornares-te noiva de Morris Townsend, estás simplesmente à espera da minha morte.

Ela afastou-se sentindo-se mal disposta e exausta; e o doutor continuou: — E se esperares por ela com impaciência, imagina, se fazes favor, até que ponto irá a cobiça dele.

Catherine ficou a pensar — as palavras do pai tinham para ela tal autoridade, que até os seus próprios

pensamentos lhe obedeciam. Havia nisto uma fealdade terrível que parecia fixá-la através do agente interposto da sua própria razão débil. Porém, teve de repente uma inspiração — tinha quase certeza de que era uma inspiração.

— Se não casar com ele antes da sua morte, pai, depois já não caso — disse ela.

Temos de admitir que ao pai isto apenas tenha parecido mais um subterfúgio; e como a obstinação, nos espíritos ainda não formados, não escolhe habitualmente este modo de expressão, ele ainda ficou mais surpreso com esta maneira descuidada de jogar com uma ideia fixa.

— Com isso que dizes, queres ser impertinente? perguntou ele; pergunta de cuja grosseria se apercebeu mal a fez.

— Impertinente? Oh pai, as coisas horríveis que diz! — Se não esperas pela minha morte também podes casar imediatamente, não há mais nada por que esperar.

Por uns momentos Catherine não respondeu; mas por fim disse: — Julgo que o Morris, a pouco e pouco, acaba por o persuadir.

— Nunca mais vou permitir-lhe que fale comigo. Detesto-o demasiado.

Catherine deu um suspiro longo e abafado; tentou reprimi-lo, pois tinha decidido que não estava certo fazer gala do seu desgosto, e procurar forçar o pai com a ajuda exibicionista da emoção. Na verdade, até achava errado — no sentido de ser irrefletido — tentar mudar os sentimentos dele; o seu papel era induzir uma mudança gradual e suave na apreciação intelectual do carácter do pobre Morris. Mas a maneira como efetuar essa mudança estava naquele momento envolta em mistério e ela sentiu-se terrivelmente impotente e desesperada. Tinha esgotado todos os argumentos, todas as respostas. O pai bem poderia sentir pena dela e foi o que aconteceu: mas estava seguro de ter razão.

— Há uma coisa que podes dizer ao Townsend quando estiveres de novo com ele — afirmou; — que, se casares sem o meu consentimento não te deixo nem um tostão. Isso vai interessá-lo mais do que qualquer outra coisa que possas dizer-lhe.

— Será muito justo — respondeu Catherine. Nesse caso, não devo receber nada do seu dinheiro, pai.

— Olha, minha querida, a tua simplicidade é comovente. Faz-lhe essa mesma observação nesse tom e essa expressão nos teus olhos e vais ver qual é a resposta. Não será delicada, vai exprimir irritação; e eu ficarei satisfeito, porque isso me dará razão; a não ser, e é perfeitamente possível, que ainda gostes mais dele por ser malcriado para ti.

— Ele nunca será malcriado para mim — disse Catherine baixinho.

— Mesmo assim, conta-lhe o que eu disse. Ela olhou para o pai, com os olhos serenos cheios de lágrimas.

— Acho que vou então encontrar-me com ele — murmurou na sua voz tímida.

— Faz como quiseres. — E dirigiu-se para a porta que abriu, para ela sair. Este movimento deu-lhe a sensação terrível de estar a mandá-la embora.

— Vai ser só uma vez, para já — acrescentou ela deixando-se ficar por mais um instante.

— Faz como quiseres — repetiu ele, com a mão na maçaneta da porta. — Já te disse o que penso. Se te encontrares com ele serás uma filha ingrata e cruel; darás ao teu velho pai o maior desgosto da sua vida.

Isto foi mais do que a pobre moça podia suportar. As lágrimas correram e ela lançou-se com um grito lamentoso para o pai, severamente inabalável. Tinha as mãos erguidas numa súplica, mas ele ignorou com dureza aquele apelo. Em vez de a deixar chorar no ombro paterno o seu desgosto, limitou-se a agarrar-lhe no braço e a encaminhá-la para fora da porta, que fechou suave mas firmemente nas costas dela. Depois ficou à escuta. Durante muito tempo não houve qualquer som; sabia que ela estava parada, do outro lado. Tinha pena dela, como já disse; mas estava seguro de ter razão. Por fim ouviu-a mexer-se e depois os seus passos fizeram uma leve chiadeira pela escada acima.

O doutor deu várias voltas ao gabinete de trabalho, com as mãos nos bolsos e um ligeiro brilho — possivelmente de irritação, mas em parte de algo parecido com humor — no olhar.

"Caramba! disse consigo; acho que ela vai ficar na sua! Vai ficar na sua!" E esta ideia de Catherine "ficar

na sua" pareceu-lhe ter um lado cômico, e oferecer uma perspectiva de divertimento. Decidiu, como disse para si mesmo, esperar para ver.

## CAPÍTULO 19

Foi por razões relacionadas com esta decisão que na manhã seguinte procurou ter uma conversa particular com Mrs. Penniman. Mandou — a chamar à biblioteca e aí informou-a de que esperava, em relação ao caso de Catherine, que ela tivesse cuidado com os efes e erres.

— Não sei o que queres dizer com isso — disse a irmã — falas como se estivesses a ensinar o alfabeto.

— O alfabeto do bom senso é uma coisa que tu nunca aprenderás — permitiu-se o doutor responder.

— Chamaste-me aqui para me insultares? — perguntou Mrs. Penniman.

— Nem por sombras; apenas para te dar um conselho. Puseste-te do lado do jovem Townsend; isso é contigo. Não tenho nada a ver com os teus sentimentos, as tuas fantasias, as tuas afeições, as tuas ilusões; mas o que te peço é que guardes essas coisas só para ti. Expliquei à Catherine os meus pontos de vista e ela entendeu-os perfeitamente; qualquer coisa que ela fizer daqui em diante no sentido de encorajar o Townsend será em deliberada oposição à minha vontade. Qualquer coisa que tu faças para a ajudar e consolar significará, permite-me a expressão, uma autêntica traição. E bem sabes que a alta traição é um crime capital: vê lá se vais incorrer nele.

Mrs. Penniman atirou a cabeça para trás, com um certo distanciamento no olhar, que por vezes punha em prática: — Parece-me que falas como um grande autocrata.

— Falo como pai da minha filha.

— Mas não como irmão da tua irmã — exclamou Lavinia.

— Minha cara Lavinia — disse o doutor — pergunto muitas vezes a mim mesmo se sou de fato teu irmão; somos tão diferentes! Porém e apesar das diferenças podemos entender-nos, num momento crítico; e agora isso é essencial. Comporta-te com lealdade em relação ao Townsend; é tudo o que te peço. É muito provável que tenhas mantido contato com ele durante estas últimas três semanas, talvez tenhas mesmo estado com ele. Não to pergunto, não precisas me dizer.

Tinha a convicção moral de que ela inventaria uma mentira sobre o assunto, e tê-lo-ia desgostado ouvi-la.

— Seja o que for que tenhas feito, não o faças mais; é tudo o que quero.

— Não queres também, por acaso, matar a tua filha? — perguntou Mrs.

Penniman.

— Pelo contrário; quero fazê-la viver e ser feliz.

— Vais matá-la: passou uma noite horrível.

— Não vai morrer por causa de uma noite horrível, nem de uma dúzia delas. Lembra-te de que sou um médico distinto.

Mrs. Penniman hesitou por um momento; e depois arriscou uma resposta torta: — O fato de seres um médico distinto não te impediu de teres já perdido dois membros da tua família.

Ela arriscara, mas o irmão lançou-lhe um olhar tão terrivelmente incisivo — bem parecido com o bisturi de um cirurgião — que ficou assustada com a sua ousadia. E ele respondeu-lhe com palavras que correspondiam ao olhar: — Também poderei não me impedir de deixar de ter a companhia de mais um.

Mrs. Penniman retirou-se com todo o ar de mérito depreciado que conseguiu arranjar, e dirigiu-se para o quarto de Catherine, onde a pobre moça se tinha fechado. Sabia tudo sobre a noite horrível da sobrinha, pois as duas tinham-se ainda encontrado na noite anterior, depois de Catherine deixar o pai. Mrs. Penniman estava no patamar do segundo andar quando a sobrinha subiu as escadas. Não era de estranhar que uma pessoa de tamanha subtileza tivesse descoberto que Catherine estivera fechada com o doutor. E ainda era menos de estranhar que tivesse uma enorme curiosidade em saber o resultado dessa entrevista; e que este sentimento, juntamente com a sua afabilidade e a sua generosidade, a tivesse levado a lamentar as palavras ásperas recente

mente trocadas entre a sobrinha e ela própria. Logo que avistou a pobre moça no corredor escuro, ofereceu-lhe uma viva demonstração de solidariedade. O coração partido de Catherine era igualmente óbvio; apenas soube que a tia a tomou nos braços. Mrs. Penniman conduziu-a ao quarto, onde as duas mulheres ficaram juntas até de madrugada, a mais jovem com a cabeça no regaço da outra, soluçando, primeiro com soluços silenciosos e reprimidos, e depois completamente calada. Foi grato a Mrs. Penniman poder sentir conscientemente que esta cena anulava virtualmente a proibição que Catherine lhe impusera de tornar a comunicar com Morris Townsend. Mas não lhe foi grato, quando, ao voltar ao quarto da sobrinha antes do pequeno-almoço, verificou que a moça se tinha levantado e estava a arranjar-se para a refeição.

— Não devias ir ao pequeno-almoço, — disse — não podes estar bem depois da noite horrível que tiveste.

— Estou, sim; estou muito bem e só tenho medo de estar atrasada.

— Não consigo entender-te — exclamou Mrs. Penniman. — Devias ficar na cama durante três dias.

— Oh, nunca poderia fazer uma coisa dessas — disse Catherine, para quem a ideia não apresentava qualquer atrativo.

Mrs. Penniman estava desesperada; e notou, com enorme desagrado, que os vestígios das lágrimas da noite tinham desaparecido completamente dos olhos de Catherine, que tinha uma aparência muito boa: — Que efeito esperas produzir no teu pai? — perguntou-lhe a tia. — Se vais para baixo toda fresca, sem sombra de sofrimento, como se nada tivesse acontecido? — Ele não ia gostar que eu ficasse na cama — disse Catherine com simplicidade.

— Mais uma razão para o fazeres. De que outra maneira esperas comovê-lo? Catherine pensou um pouco: — Não sei; mas assim, não. Quero estar como de costume. — Acabou de se vestir e, segundo a expressão da tia, lá foi para baixo toda fresca, para a presença do pai. Era na verdade demasiado sóbria para exibir um sofrimento prolongado.

E, no entanto, era perfeitamente verdade que tivera uma noite terrível. Mesmo depois de Mrs. Penniman a ter deixado não sentira sono; ficou deitada de olhos abertos para a escuridão desconsoladora, cheios do gesto com que o pai a pusera fora do seu gabinete, e os ouvidos plenos das palavras com que lhe dissera que ela era uma filha sem coração. O coração partia-se-lhe; e tinha coração suficiente para isso. Em certos momentos parecia-lhe que acreditava nele, e que, para fazer o que ela estava a fazer, uma pessoa tinha na verdade de ser má. Era má; mas nada podia fazer contra isso. Ia tentar parecer boa, mesmo que o seu coração fosse pervertido; e -de vez em quando tinha a ilusão de que poderia conseguir qualquer coisa por meio de engenhosas concessões no aspeto exterior, embora continuasse a amar Morris. Os talentos de Catherine eram indefinidos, e não nos compete expor a sua falta de convicção. Talvez que o melhor entre eles se revelasse naquela frescura de aspeto tão desanimadora para Mrs. Penniman, que estava espantada com a ausência de palidez numa jovem que, durante uma noite inteira, tremera sob uma maldição paterna. A pobre Catherine tinha consciência da sua frescura; ela dava-lhe uma sensação quanto ao futuro que vinha aumentar o peso sobre o seu espírito. Parecia uma prova de que era forte e sólida e invulnerável, e de que viveria até ser muito velha — por mais tempo do que seria conveniente; e esta ideia era premente; porque parecia sobrecarregá-la com mais uma pretensão, exatamente quando o cultivar de qualquer pretensão era incompatível com um procedimento correto. Nesse dia escreveu a Morris Townsend pedindo-lhe para vir visitá-la no dia seguinte; usou poucas palavras e não explicou nada. Explicaria tudo cara a cara.

## CAPÍTULO 20

No dia seguinte à tarde ouviu a voz dele à porta e os passos no vestíbulo. Recebeu-o no salão da frente, grande e cheio de luz, e recomendou ao criado que, se alguém a procurasse, dissesse que estava ocupada. Não receava que o pai entrasse, pois àquela hora ele andava sempre pela cidade. Quando Morris apareceu à sua frente, a primeira coisa que ela teve consciência foi de que ele era ainda mais bonito do que a sua memória lho relatava; a segunda foi que ele a apertava nos braços. Quando se libertou, pareceu-lhe que se lançara definitivamente no abismo da desobediência e, por um momento, que estava casada com ele.

Ele disse-lhe que ela fora muito cruel, e que o tornara muito infeliz; e Catherine sentiu agudamente a ironia do seu destino que a obrigava a fazer sofrer pessoas tão opostas. Mas ela desejava que, em vez de censuras, mesmo ternas, ele lhe desse alguma ajuda; certamente que ele era suficientemente esperto e inteligente para inventar qualquer saída para os seus dissabores. Expressou esta convicção que Morris recebeu como se a achasse muito natural: mas primeiro fez perguntas — como também era natural em vez de se pôr a definir uma linha de conduta.

— Não devias ter-me feito esperar tanto tempo disse ele. — Nem sei como tenho vivido; cada hora me parecia um ano. Devias ter-te decidido mais cedo.

— Decidido? — perguntou Catherine.

— Decidido se ficavas comigo ou desistias de mim.

— Oh, Morris — exclamou num longo e terno murmúrio — nunca me passou pela cabeça desistir de ti!

— Então de que estavas à espera? — O jovem estava a ser ardentemente lógico.

— Pensei que o meu pai poderia. Poderia... — e hesitava.

— Poderia ver como estavas infeliz.

— Não. Mas que poderia encarar o problema de maneira diferente.

— E agora mandaste chamar-me para me dizer que por fim isso aconteceu.

É isso? Este otimismo hipotético angustiou a pobre moça: — Não, Morris — disse ela com ar grave, — ele ainda encara o problema da mesma maneira.

— Então porque me fizeste vir cá? — Porque queria ver-te — explicou Catherine com voz triste.

— Sem dúvida essa é uma excelente razão. Mas querias apenas olhar para mim? Não tens nada para me dizer? Os seus lindos e convincentes olhos estavam fixos no rosto dela, e ela ficou a pensar que resposta seria suficientemente digna de um tal olhar. Por um momento os olhos dela acolheram-no e depois disse brandamente: — O que eu queria era olhar para ti.

Mas, num gesto contraditório, depois de o ter dito escondeu o rosto.

Morris olhou-a atentamente: — Casas comigo amanhã? — perguntou subitamente.

— Amanhã? — Então na semana que vem. Dentro de um mês?

— Não será melhor esperar? — inquiriu Catherine.

— Esperar por quê?

Nem ela sabia porquê; mas aquele enorme passo alarmou-a.

— Até pensarmos um pouco mais.

Ele abanou a cabeça tristemente e com ar reprovador: — Julguei que tinhas pensado durante estas três

semanas. Queres andar a meditar nisto durante cinco anos? A mim já me deste tempo mais do que suficiente. E acrescentou em seguida: — Minha querida, não estás a ser sincera. Catherine corou do queixo à raiz dos cabelos, e os olhos encheram-se de lágrimas: — Oh, como podes dizer uma coisa dessas? — murmurou.

— Tens de me aceitar ou de me mandar embora — disse Morris muito cheio de razão.

— Não podes fazer a vontade ao teu pai e a mim ao mesmo tempo; tens de escolher entre nós dois.

— Já escolhi a ti — disse ela apaixonadamente.

— Então casas comigo na semana que vem! Ela ficou a olhá-lo: — Não há outra maneira?

— Que eu saiba, não há nenhuma outra para obter o mesmo resultado. Se há, gostaria de saber qual.

Catherine não conseguiu lembrar-se de nada e a vivacidade de Morris parecia quase cruel. A única coisa de que ela se lembrou foi de que o pai poderia, afinal, ceder; e, com uma sensação incômoda de impotência, expressou o desejo de que esse milagre viesse a acontecer.

— Achas que isso é provável, mesmo num grau mínimo? — perguntou Morris.

— Seria, se ele pudesse ao menos conhecer-te.

— Pode conhecer-me, se quiser. O que é que o impede?

— As ideias dele, os argumentos dele — disse Catherine — são tão, tão terrivelmente fortes! — E tremia ainda ao recordá-los.

— Fortes! — exclamou Morris. — Preferia que os chamasses fracos.

— No meu pai nada é fraco — disse a moça. Morris afastou-se e foi até à janela, onde ficou a olhar para fora.

— Tens um medo horrível dele — observou por fim. Ela não sentiu vontade de o negar, porque não tinha vergonha disso; pois que, se não era uma honra para ela, pelo menos era-o para o pai: — Suponho que sim — disse simplesmente.

— Então não me amas, não como eu te amo. Se receias mais o teu pai do que me amas a mim, então o teu amor não é o que eu esperava que fosse.

— Oh, meu querido! — disse, aproximando-se dele.

— Eu tenho medo de alguma coisa? — perguntou ele voltando-se para ela — Por tua causa o que é que eu não estou pronto a enfrentar?

— Tu és nobre, tu és corajoso! — respondeu ela, parando a uma certa distância, quase respeitosamente.

— De pouco me serve, se tu és assim tímida.

— Acho que não sou. Realmente — disse Catherine.

— Não sei o que queres dizer com realmente. É suficientemente real para nos fazer infelizes.

— Eu seria suficientemente forte para esperar. Para esperar muito tempo.

— E supõe que depois desse tempo o teu pai me detestava mais do que nunca? — Não, não podia.

— Ficaria comovido com a minha fidelidade; é o que queres dizer? Se ele se comove tão facilmente, então porque tens medo dele? Isto era bem verdade, e Catherine ficou impressionada.

— Vou tentar não ter — disse. E ali ficou com um ar submisso, de antemão já a imagem de uma esposa obediente e responsável. Imagem esta que não podia deixar de agradar a Morris Townsend, que continuou a dar provas da alta estima em que a tinha. Só podia ter sido pelo impulso desse sentimento que ele lhe referiu que o procedimento recomendado por Mrs. Penniman era uma união imediata, sem olharem às consequências.

— Pois é, a tia Lavinia gostaria disso — disse Catherine com simplicidade, e no entanto com uma certa argúcia. Contudo deve ter sido por pura simplicidade e por motivos realmente isentos de sarcasmo, que um pouco depois ela disse a Morris que o pai lhe dera um recado para ele. Estava na sua consciência comunicar esse recado, e mesmo que a missão fosse dez vezes mais dolorosa, ela tê-la-ia desempenhado com igual escrúpulo.

— Ele pediu-me para te dizer muito claramente e como vindo diretamente dele, que se eu me casar sem o seu consentimento não vou herdar um tostão da sua fortuna. Fez grande questão disto. Parecia pensar...

Morris corou, como qualquer jovem de brio deveria corar a uma acusação de baixeza.

— O que era que ele parecia pensar? — Que isso tornaria tudo diferente.

— Tornará tudo diferente em relação a muitas coisas. Ficaremos mais pobres muitos milhares de dólares; e essa é a grande diferença. Mas não fará diferença nenhuma com respeito à minha afeição.

— Não vamos querer o dinheiro — afirmou Catherine. — Porque eu própria tenho bastante, sabes? — Sei, minha querida, sei que tens alguma coisa. E nisso ele não pode tocar.

— Nunca faria isso — disse Catherine. — Foi a minha mãe que me deixou.

Morris ficou calado por um momento.

— Ele foi muito categórico nisso, não foi? Pensou que esse recado me aborreceria terrivelmente e me faria deixar cair a máscara, não? — Não sei o que ele pensou — disse Catherine com tristeza.

— Diz-lhe, fazes favor, que o seu recado me interessa tanto como isto! — e Morris fez estalar os dedos sonoramente.

— Acho que não posso dizer-lhe isso.

— Sabes que às vezes desapontas-me? — perguntou Morris.

— Acho que sim. Desaponto toda a gente: o meu pai e a tia Penniman.

— Bem, eu não me importo, porque gosto mais de ti do que eles.

— Sim, Morris — disse a moça, com a imaginação, o que havia dela, transbordante desta ditosa verdade que não parecia, afinal, prejudicar ninguém.

— Estás convencida de que ele vai ficar pegado a isso, pegado para sempre, à ideia de te deserdar? Que a tua bondade e a tua paciência nunca se irão sobrepor à crueldade dele? — O pior é que se eu casar contigo ele vai achar que não sou boa. Vai ver nisso uma prova.

— Ah, então nunca te perdoará! Esta ideia, claramente expressa pelos belos lábios de Morris, veio trazer de novo à consciência temporariamente apaziguada da pobre moça toda a sua terrível evidência: — Ah, deves amar-me muito! — exclamou ela.

— Disso não há dúvida, minha querida — declarou o namorado. — Não gosta da palavra deserdar. — acrescentou ele em seguida.

— Não é pelo dinheiro; é que ele sentiria mesmo isso: — Suponho que te parece uma espécie de maldição? — disse Morris.

— Deve ser muito triste. Mas não achas — continuou ele — que se tentares ser muito esperta e procederes devidamente, poderás por fim anulá-la? Não achas que uma mulher realmente esperta, no teu lugar, seria efetivamente capaz de o convencer? Aqui Morris foi interrompido subitamente; aquelas perguntas habilidosas não tinham chegado aos ouvidos de Catherine. A terrível palavra deserdar, com toda a sua impressionante reprovação moral, ainda ressoava entre eles — parecia até que, à medida que ia ficando, ganhava mais força. A desolação mortal da situação dela penetrava mais profundamente no seu coração infantil, e ela sentia-se destroçada por uma sensação de solidão e de perigo. Mas o seu refúgio ali estava, junto dela, e ela estendeu as mãos para o agarrar: — Ah, Morris — disse tremendo — caso contigo quando quiseres! — e rendeu-se, encostando a cabeça no ombro dele.

— Minha querida! exclamou ele, olhando para baixo, para a sua presa. E depois olhou de novo para cima, com os lábios entreabertos e as sobrancelhas arqueadas.

## CAPÍTULO 21

O Dr. Sloper depressa participou a sua convicção a Mrs. Almond nos mesmos termos em que a anunciara a si próprio: — Ela vai ficar na sua, caramba! Vai ficar na sua.

— Queres dizer que vai casar com ele? — inquiriu Mrs. Almond.

— Isso não sei; mas não vai romper. Vai arrastar o noivado, na esperança de me fazer ceder.

— E tu vais ceder?

— Uma proposição geométrica alguma vez cede? Não sou assim tão superficial.

— A geometria não trata de superfícies? — perguntou sorrindo Mrs. Almond, que, como sabemos, era inteligente.

— Sim, mas trata delas em profundidade. A Catherine e o rapaz são as minhas superfícies; já lhes tomei a medida.

— Falas como se estivesses surpreendido.

— É uma coisa imensa; vai haver muito para observar.

— És de um sangue frio que choca! — disse Mrs. Almond.

— Preciso de ser, com todo este sangue quente à minha volta. O jovem Townsend é realmente frio; tenho de lhe reconhecer esse mérito.

— Não posso julgá-lo — respondeu Mrs. Almond — mas não estou admirada com Catherine.

— Eu confesso que estou um pouco; ela deve ter ficado imensamente dividida e confusa.

— Diria que isso te diverte muitíssimo. Não entendo como possa ter piada tão grande a tua filha adorarte.

— É o ponto onde a adoração pára que acho interessante descobrir.

— Para onde começa o outro sentimento.

— Nada disso; seria muito simples. As duas coisas estão extremamente misturadas, e a mistura é extremamente estranha. Produzirá um terceiro elemento, e é disso que eu estou à espera, para ver. Espero com ansiedade, com autêntica excitação, o que é um tipo de emoção que nunca julguei que a Catherine me proporcionasse. Estou-lhe mesmo muito grato.

— Ela vai manter-se fiel — disse Mrs. Almond. De certeza que se vai manter fiel.

— É o que eu digo; vai ficar na sua.

— Manter-se fiel é mais bonito. É o que as naturezas simples sempre fazem, e nada pode ser mais simples do que a Catherine. Não há muitas coisas que a marquem; mas quando surge uma, ela conserva-a. É como uma chaleira de cobre quando se amolga. Pode polir-se a chaleira, mas não se pode apagar a marca.

— Tens de ver se consegues polir a Catherine — disse o doutor. — Vou levá-la à Europa!

— Ela não vai esquecê-lo na Europa.

— Então ele a esquece.

Mrs. Almond tinha um ar grave: — Gostaria realmente disso?

— Muito — disse o doutor.

Entretanto Mrs. Penniman não perdeu muito tempo para se pôr de novo em comunicação com Morris Townsend. Pediu-lhe que se encontrasse outra vez com ela, mas nessa altura não escolheu um restaurante de ostras como cenário do encontro. Propôs-lhe que fosse ter com ela à porta de determinada igreja, após o serviço dominical da tarde; e teve o cuidado de não indicar o local de culto que frequentava habitualmente e onde segundo dizia, os fiéis iriam espiá-la. Escolheu um sítio menos elegante e, ao sair da respetiva porta à hora combinada, avistou o jovem sozinho. Não mostrou reconhecê-lo até ter atravessado a rua, enquanto ele a seguia a curta distância. Aí, com um sorriso: — Desculpe a minha aparente falta de cordialidade — disse. — Sabe como há-de interpretá-la. Prudência acima de tudo. — E quando ele lhe perguntou que direção deviam tomar, ela murmurou: Para onde formos menos vistos.

Morris não estava de bom humor, e a resposta que deu a este discurso não foi especialmente galante: — Não tenho nenhum empenho que sejamos vistos seja onde for. — E, descuidadamente, voltou-se em direção ao centro da cidade: — Espero que tenha vindo dizer-me que ele cedeu — prosseguiu.

— Lamento, mas não sou propriamente mensageira de boas notícias; mas até certo ponto sou mensageira de paz. Tenho pensado muito, Mr. Townsend — disse Mrs. Penniman.

— A senhora pensa demais.

— Julgo que sim, mas não posso dizer nada contra. O meu espírito é tão terrivelmente ativo! Quando me dedico a qualquer coisa dedico-me mesmo. Pago o preço disso com as minhas dores de cabeça, as minhas famosas dores de cabeça, um autêntico círculo de sofrimento! Mas suporto-as como uma rainha suporta a sua coroa. Acredita que estou com uma neste momento? Mas não teria faltado ao nosso encontro por nada deste mundo. Tenho algo de muito importante para lhe contar.

— Bem, vamos a isso — disse Morris.

— No outro dia fui talvez um pouco precipitada quando o aconselhei a casar imediatamente. Estive a pensar no assunto, e agora vejo as coisas de maneira um pouco diferente.

— Parece que a senhora tem muitas maneiras diferentes de ver o mesmo objeto.

— Um número infinito! — disse Mrs. Penniman num tom que parecia sugerir que esta facilidade cômoda era um dos seus atributos mais brilhantes.

— Recomendo-lhe que adopte uma maneira que a mantenha — replicou Morris.

— Ah, mas não é fácil escolher. A minha imaginação nunca sossega, nunca está satisfeita. Faz de mim uma má conselheira, talvez, mas também uma amiga ótima.

— Uma amiga ótima que dá maus conselhos! Disse Morris.

— Não intencionalmente, mas que se apresse, mesmo correndo riscos, a apresentar as mais humildes desculpas.

— Então agora o que me aconselha?

— A ser paciente; a esperar para ver.

— E esse conselho é mau ou bom?

— Isso não me cabe a mim dizer — respondeu Mrs. Penniman, com certa dignidade. — Só posso afirmar que é sincero.

— E na próxima semana vem ter comigo para me recomendar uma coisa diferente com a mesma sinceridade?

— Até posso vir ter consigo para lhe comunicar que estou na rua.

— Na rua?

— Tive uma cena terrível com o meu irmão, e ele ameaçou pôr-me fora de casa, se acontecer alguma coisa. Como sabe, sou uma pessoa pobre.

Morris tinha uma ideia vaga de que ela possuía pequenos bens; mas, evidentemente, nada mencionou.

— Teria muita pena de ver a senhora sofrer martírios por minha causa — disse ele. — Mas faz do seu irmão um autêntico turco.

Mrs. Penniman hesitou um pouco.

— Realmente não o vejo como um cristão ortodoxo.

— E eu vou ter de esperar até que ele se converta?

— Seja como for, espere até ele estar menos violento. Espere a sua hora, Mr. Townsend. Lembre-se que o prêmio é grande.

Morris caminhava para um lado e para o outro em silêncio, batendo ao de leve com a bengala nos gradeamentos e nos aros dos portões.

— De fato a senhora é tremendamente inconstante! — explodiu ele por fim — Já consegui que a Catherine concordasse com um casamento secreto.

Mrs. Penniman era na verdade inconstante, pois perante esta notícia deu um pulinho de contentamento.

— Ah! Quando e onde? — exclamou e logo se calou.

A este respeito, Morris foi um tanto vago.

— Isso ainda não marcamos; mas ela concordou. É completamente disparatado voltar atrás agora.

Como já disse, Mrs. Penniman calara-se de repente; e ali ficou com os olhos brilhantes fixos no companheiro.

— Mr. Townsend — prosseguiu ela — vou dizer-lhe uma coisa. A Catherine gosta tanto de você que o senhor pode fazer o que for.

Esta declaração era ligeiramente ambígua, e Morris arregalou os olhos.

— Fico feliz por ouvir isso. Mas o que é que a senhora quer dizer com "seja o que for?"

— Pode adiar, pode mudar de opinião; ela não pensará mal de si.

Morris ali ficou com as sobrancelhas arqueadas; então disse simplesmente com secura: Ah, Depois do que fez notar a Mrs. Penniman que, caminhando tão devagar, ia atrair sobre si as atenções; e conseguiu fazê-la regressar ao domicílio de que estava tão pouco segura.

## CAPÍTULO 22

Ele deturpara ligeiramente os fatos ao dizer que Catherine concordara em dar o grande passo. Nós a deixamos há pouco, quando declarara que largaria tudo o que estava atrás de si; mas Morris, depois de ter conseguido esta declaração, descobrira boas razões para não fazer caso dela. Evitou com bastante elegância marcar um dia, embora lhe deixasse a impressão de que já pensara numa. Catherine pode ter tido as suas dificuldades; mas as do seu discreto pretendente também são dignas de consideração. O prêmio era decerto grande; mas só podia ser ganho acertando no feliz ponto intermédio entre a precipitação e a cautela. Estava tudo muito certo, dar o salto e confiar na Providência; a Providência está principalmente do lado das pessoas inteligentes, e as pessoas inteligentes são conhecidas pela sua falta de disposição para arriscar a pele.

A recompensa última de uma união com uma jovem simultaneamente pouco atraente e quase pobre deve estar ligada por qualquer elo palpável a desvantagens imediatas. Entre o receio de perder Catherine e a sua possível fortuna, e o receio de se ligar a ela cedo demais e verificar depois que essa possível fortuna está tão desatualizada como uma coleção de garrafas vazias, não era fácil a Morris Townsend optar — fato este que os leitores devem recordar ao julgarem severamente um jovem que pode tê-los chocado por fazer um uso pouco bem sucedido dos seus dotes naturais. Ele não esquecera que, em qualquer dos casos, Catherine teria sempre os seus dez mil dólares anuais; tinha dedicado a esta circunstância uma longa meditação.

Mas por causa dos seus dotes naturais, ele tinha-se em alta conta, e fazia uma apreciação perfeitamente definida do seu valor, que lhe parecia mal recompensado pela soma que acabo de mencionar. Ao mesmo tempo tinha em conta que essa soma era considerável, que tudo é relativo, e que se um rendimento modesto é menos desejável do que um rendimento grande, a total ausência de receitas não é, em parte nenhuma, considerada uma vantagem. Estas reflexões davam-lhe muito que pensar, e obrigavam-no a acautelar-se. A oposição do Dr. Sloper era o dado desconhecido do problema que tinha de resolver. A maneira natural de o resolver era casar com Catherine; mas na matemática existem muitos atalhos e Morris ainda tinha esperança de descobrir um. Quando Catherine o levou à letra e concordou em renunciar à tentativa de modificar o pai, ele recuou habilidosamente, como já se disse, e manteve o dia do casamento uma questão ainda em aberto. A convicção dela sobre a sinceridade de Morris era tão completa, que nunca poderia desconfiar de que ele estava a brincar; o seu problema era agora de outra ordem. A pobre moça tinha um elevado sentido da honra, e a partir do momento em que se decidira a ir até ao ponto de ignorar a vontade do pai, parecia-lhe não ter direito a gozar da sua proteção. Tinha consciência de que deveria viver debaixo do seu teto apenas enquanto obedecesse aos seus desejos. Havia nesta atitude mental um grande mérito, mas a pobre Catherine sentia que perdera o direito de o reivindicar. Tomara o partido do jovem contra o qual o pai a prevenira solenemente, e quebrara o contrato pelo qual ele lhe proporcionava um lar feliz.

Não era capaz de desistir do jovem, portanto devia abandonar a casa; e quanto mais depressa o objeto da sua preferência lhe oferecesse outra, mais depressa a sua situação deixaria de ter o seu lado incômodo. Este era um raciocínio limitado; mas misturava-se com uma quantidade infinita de arrependimento instintivo. Nessa fase, os dias de Catherine eram sombrios, e o peso de algumas das suas horas era maior do que ela podia suportar. O pai nunca a olhava, nunca lhe dirigia a palavra. Sabia perfeitamente o que pretendia, e aquilo fazia parte de um plano. Ela olhava para ele tanto quanto se atrevia (porque receava dar a ideia de que estava a oferecer-se à sua observação), e tinha pena dele pelo desgosto que lhe provocava. Mantinha a cabeça alta e as mãos ocupadas, e tratava das suas ocupações diárias; e quando o estado de coisas em Washington Square parecia intolerável, fechava os olhos e entregava-se a uma visualização mental do homem por de quem transgredira uma lei sagrada.

Das três pessoas que viviam em Washington Square, Mrs. Penniman era quem mais acusava nas suas maneiras uma grande crise. Se Catherine estava serena, ela estava serenamente inquieta, poderá dizer-se, e as suas atitudes patéticas, que ninguém notava, eram inteiramente espontâneas e não intencionais. Se o doutor era duro, seco, e absolutamente indiferente à presença das suas companheiras, era-o com tanta leveza, inteligência e facilidade, que se tornava necessário conhecê-lo bem para descobrir que, afinal, ele gostava de ser

assim tão desagradável. Mas Mrs. Penniman andava propositalmente reservada e significativamente silenciosa; havia nos movimentos intencionais a que se limitava, um roçar ainda mais intenso, e quando ocasionalmente falava a respeito de algum acontecimento muito trivial, tinha o ar de querer dizer algo de mais profundo do que o que dizia. Entre Catherine e o pai, nada se passara desde aquela noite em que fora falar com ele ao gabinete de trabalho. Tinha algo a dizer-lhe — parecia-lhe que devia dizer-lho — mas calava-se com receio de o irritar. Também ele tinha algo a dizer-lhe; mas estava decidido a não falar primeiro. Como já sabemos, estava interessado em ver como ela ficaria "na sua", se a deixasse entregue a si própria. Por fim ela disse-lhe que estivera novamente com Morris Townsend e que as relações de ambos estavam na mesma.

— Acho que não faltará muito tempo para... Para nos casarmos. E se der, vamos nos ver muitas vezes entretanto; aí uma vez por semana; mais, não.

O doutor olhou-a da cabeça aos pés com frieza, como se fosse uma estranha. Era a primeira vez que os seus olhos encontravam os dela numa semana, o que era bom, se tinha de ser essa a maneira de se exprimirem.

— Por que não três vezes por dia? — perguntou ele. — O que te impede de o veres as vezes que quiseres? Ela voltou-se por um momento; tinha lágrimas nos olhos. Depois disse: — É melhor uma vez por semana.

— Não entendo porque é melhor. É tão mau quanto pode ser. Se estás convencida de que me agradam pequenas concessões desse gênero estás muitíssimo enganada. É tão mau que o vejas uma vez por semana como durante todo o dia. Em todo o caso, não é que isso me interesse.

Catherine tentou seguir estas palavras, mas elas pareciam conduzir a um vago horror a que queria fugir.

— Julgo que vamos casar muito brevemente — repetiu por fim.

O pai olhou-a de novo daquela maneira terrível, como se ela fosse outra pessoa: — Porque é que me contas isso? Não tem nada a ver comigo.

— Oh, pai! — explodiu ela — não quer saber, mesmo sentindo como sente? — Nem um bocadinho. Uma vez que casas, é-me indiferente quando, onde e porque o fazes; e se pensas que reparas a tua loucura com gabarolices, podes poupar-te a esse trabalho.

Com isto afastou-se. Mas no dia seguinte falou-lhe por sua iniciativa, com modos que já eram um tanto diferentes: — Vais casar dentro dos próximos quatro ou cinco meses? — perguntou.

— Não sei, pai — disse Catherine. — Não nos é muito fácil decidirmo-nos.

— Então adia por seis meses e entretanto levo-te à Europa. Gostaria muito que fosses.

Deu-lhe tanto prazer, depois das palavras da véspera, ouvir que gostaria que ela fizesse qualquer coisa e verificar que ele ainda tinha no coração alguma ternura, que fez uma pequena exclamação de alegria. Mas depois lembrou-se de que Morris não estava incluído nesta proposta, e que — se realmente fosse — preferiria de longe ficar com ele. Mas o seu rubor foi em todo o caso menos penoso do que vinha sendo ultimamente. "Vai ser maravilhoso ir à Europa", observou ela, com uma sensação de que a ideia não era original e que o seu tom de voz não era o que podia ser.

— Então está bem, vamos mesmo. Faz as malas.

— É melhor dizer a Mr. Townsend — arriscou Catherine. O pai fixou nela os olhos frios.

— Se queres dizer que é melhor pedires-lhe licença, tudo o que me resta é esperar que ele a dê.

A moça ficou emocionada com o som patético daquelas palavras; era o discursinho mais calculado, mais dramático, que o doutor jamais pronunciara. Ela sentiu que, dadas as circunstâncias, era uma grande coisa ter esta bela oportunidade de lhe mostrar o seu respeito; e no entanto, havia ainda outra coisa que também sentia e que exprimiu em seguida.

— Penso às vezes que, se vou fazer uma coisa que o pai tanto detesta, não deveria estar consigo.

— Estar comigo? — Se vivo consigo devo obedecer-lhe.

— Se é essa a tua teoria, a minha é com certeza — disse o doutor com uma gargalhada seca.

— Mas se não lhe obedeco, não devo viver consigo, gozar da sua gentileza, da sua proteção.

Este argumento notável deu ao doutor a sensação súbita de ter subestimado a filha; parecia-lhe mais do que meritório numa jovem que tinha revelado a característica de ser teimosa sem agressividade. Mas

desagradou-lhe, desagradou-lhe profundamente e ele disse-o.

— Essa ideia é de muito mau gosto — observou. Foi o Townsend que ta deu? — Ah, não; é minha — respondeu Catherine pressurosa.

— Então guarda-a para ti — respondeu o pai, mais do que nunca determinado a levá-la à Europa.

## CAPÍTULO 23

Se Morris Townsend não estava incluído nesta viagem, tão-pouco o estava Mrs. Penniman que muito teria agradecido um convite, mas que (para lhe fazermos justiça) suportou a sua desilusão de uma maneira perfeitamente elegante.

— Gostava de ver as obras de Rafael e as ruínas as ruínas do Panteão — disse ela a Mrs. Almond mas, por outro lado, não vou lamentar ficar sozinha e em paz durante os próximos meses, em Washington Square. Preciso de descanso; tenho passado por tanta coisa nos últimos quatro meses! Mrs. Almond achou uma crueldade que o irmão não levasse ao estrangeiro a pobre Lavinia; mas facilmente compreendeu que, se o objetivo desta expedição era fazer com que Catherine esquecesse o namorado, não era do seu interesse dar à filha por acompanhante a melhor amiga do rapaz. "Se a Lavinia não tivesse sido tão palerma, poderia visitar as ruínas do Panteão", disse ela consigo; e continuou a lamentar a palermice da irmã, embora esta lhe tivesse garantido que ouvira muitas vezes Mrs. Penniman descrever muito satisfatoriamente as relíquias em questão. Mrs. Penniman estava perfeitamente ciente de que o motivo do irmão para empreender esta volta pelo estrangeiro era pôr uma armadilha à constância de Catherine; e participou muito francamente à sobrinha esta sua convicção. ele julga que te vai fazer esquecer Morris — disse ela — agora chamava-lhe sempre Morris — longe da vista, longe do coração bem sabes. Julga que tudo o que vais ver lá longe o vai banir do teu pensamento.

Catherine ficou muitíssimo alarmada: — Se ele julga isso tenho de lhe dizer de antemão.

Mrs. Penniman abanou a cabeça.

— Diz-lhe depois, minha querida, depois de ele ter tido todo o incômodo e despesa. É assim que se lida com ele.

E acrescentou em tom mais brando que devia ser delicioso pensar em quem nos ama entre as ruínas do Panteão.

Pela primeira vez, depois de o pai ter recusado com tanto desprezo as suas desculpas por ser um fardo para ele, surgiu na sua dor uma centelha de raiva. Sentira o desprezo dele; isso ferira-a; aquelas palavras sobre o mau gosto dela arderam-lhe nos ouvidos durante três dias. Durante este período ela foi menos discreta; tinha uma ideia — bastante vaga, mas agradável ao seu sentido de ofensa — de que agora estava absolvida de qualquer culpa e podia fazer o que lhe aprouvesse. Ia pedir a Morris que a levasse a passear pela cidade. Se ia para a Europa por respeito ao pai, bem podia permitir-se pelo menos esta satisfação. Sentia-se agora de todas as maneiras mais livre e mais firme; havia uma força que a impelia. Agora por fim, completamente e sem reservas a sua paixão tomou posse dela.

Finalmente Morris encontrou-se com ela e deram um grande passeio. Ela contou-lhe imediatamente o que tinha acontecido; que o pai queria levá-la para fora, para a Europa, durante uns seis meses; ela faria absolutamente o que Morris achasse melhor. Secretamente desejava que ele achasse melhor que ela ficasse. Passou-se algum tempo até que ele dissesse o que pensava; enquanto passeavam ele fez-lhe muitas perguntas. Houve uma que a surpreendeu especialmente; parecia tão despropositada.

— Gostas de ir ver todas essas coisas célebres?

— Ah, não, Morris! — respondeu com ar depreciativo.

— Meu Deus, que mulher aborrecida! — exclamou Morris para consigo. — Ele julga que te vou esquecer — disse Catherine — que todas aquelas coisas vão tirar-te do meu pensamento.

— Bom, minha querida, e talvez tirem mesmo...

— Por favor, não digas isso — respondeu Catherine docemente, enquanto caminhavam. — O pobre do

meu pai vai ficar desapontado.

Morris deu uma pequena gargalhada.

— Pois é, acredito mesmo que o teu pobre pai vai ficar desapontado — acrescentou ele divertido. — Mas ao menos terás visto a Europa! Que grande logro! — Não me interessa ver a Europa — disse Catherine.

— Mas devia interessar-te, minha querida; e pode ser que o teu pai se acalme.

Catherine, certa da sua obstinação, pouco esperava de tudo aquilo, e não podia afastar a ideia de que, indo para fora e mantendo-se firme, pregaria uma partida ao pai.

— Não achas que seria uma espécie de decepção? perguntou. — E ele não quer enganar-te? — exclamou Morris — É bem feito! Acho que deves mesmo ir.

— E estarmos tanto tempo à espera de nos casar? — Casamos quando voltares. Podes comprar o enxoval em Paris.

E então Morris, num tom muito amigável, explicou-lhe o seu ponto de vista sobre o assunto. Seria bom para ela ir; isso legitimaria a posição de ambos. Demonstraria o quanto eram razoáveis e como estavam dispostos a esperar. Uma vez que estavam tão seguros um do outro, podiam dar-se ao luxo de esperar — o que tinham a temer? Se houvesse a mínima probabilidade de o pai ficar favoravelmente impressionado por ela ir, então estava decidido, porque, apesar de tudo Morris não queria ser a causa de o pai a deserdar. Não era por ele, era por ela e pelos filhos que viessem a ter. Estava disposto a esperar por ela; seria difícil, mas ele iria conseguir. E lá longe, no meio de belos cenários e de monumentos históricos, talvez o velhote se comovesse; essas coisas costumavam exercer uma influência humanizante. Podia ser que ele se deixasse tocar pela gentileza e a paciência dela, a sua disponibilidade para qualquer sacrifício excepto aquele; e um belo dia, ela far-lhe-ia um apelo, em qualquer lugar célebre — em Itália, digamos, à noite; em Veneza, numa gôndola, ao luar — se ela tivesse um pouco de habilidade e tocasse na corda sensível, talvez ele a tomasse nos braços e lhe dissesse que lhe perdoava. Catherine ficou imensamente como vida com esta maneira de ver as coisas, que lhe pareceu eminentemente digna do brilhante intelecto do seu noivo, embora visse a coisa difícil, na medida em que dependia das suas próprias capacidades de execução. A ideia de ser habilidosa numa gôndola ao luar parecia-lhe envolver elementos que não compreendia bem. Mas ficou estabelecido entre ambos que ela diria ao pai que estava pronta a segui-lo obedientemente fosse para onde fosse, fazendo a reserva mental de quem amava Morris Townsend mais do que nunca.

Informou, pois, o doutor de que estava pronta para embarcar, e ele fez todas as necessárias diligências rapidamente. Catherine tinha muitas despedidas a fazer, mas só duas delas nos interessam. Mrs. Penniman via a viagem da sobrinha de uma maneira especial; parecia-lhe muito adequado que a noiva de Mr. Townsend quisesse embelezar o seu espírito com uma viagem ao estrangeiro.

— Deixa-lo em boas mãos — disse ela apertando os lábios contra a testa de Catherine. (Gostava muito de beijar as testas das pessoas; era uma expressão involuntária de compreensão do lado intelectual.

— Vou estar com ele muitas vezes; vou sentir-me como uma vestal dos tempos antigos cuidando da chama sagrada.

— A tia está a portar-se lindamente em relação ao fato de não ir conosco — respondeu Catherine, que não se atreveu a examinar aquela comparação. — É o meu orgulho que me dá forças — disse Mrs. Penniman ajeitando o corpo do vestido que sempre deixava entrever uma espécie de argola metálica.

A despedida de Catherine e do seu apaixonado foi curta e poucas palavras foram trocadas.

— Quando regressar, virei encontrar-te exatamente na mesma?, perguntou ela, embora a pergunta não fosse fruto de cepticismo.

— Na mesma, mas ainda melhor — disse Morris sorrindo.

Não faz parte do nosso esquema narrar em pormenor a atuação do Dr. Sloper no hemisfério oriental. Fez o grande périplo da Europa, viajou com considerável esplendor, e (como era de esperar num homem tão culto) encontrou tanta coisa que o interessava, em matéria de arte e de antiguidade, que ficou fora não durante seis meses, mas durante doze. Em Washington Square, Mrs. Penniman habituou-se à sua ausência. Gozou o seu domínio incontestável sobre a casa vazia e sentiu orgulho por a tornar mais agradável para os amigos do que

quando o irmão estava presente. A Morris Townsend, pelo menos, deve ter parecido que ela a tornava especialmente atraente. Era, de longe, o seu visitante mais assíduo, e Mrs. Penniman gostava muito de o convidar para o chá. Tinha a sua cadeira — muito cômoda — no salão das traseiras junto da lareira (quando estavam fechadas as grandes portas de correr em mogno, com puxadores e dobradiças de prata, que separavam este compartimento do seu vizinho mais formal), e costumava fumar charuto no gabinete de trabalho do doutor, onde por vezes passava uma hora revolvendo as curiosas coleções do proprietário ausente. Achava Mrs. Penniman pateta, como já sabemos; mas ele próprio não era pateta e, como homem de gostos requintados e de escassos recursos, achava a casa um perfeito castelo de indolência. Esta tornou-se para ele um clube com um único membro. Mrs. Penniman encontrava-se com a irmã muito menos vezes de que quando o doutor estava presente, porque Mrs. Almond resolvera dizer-lhe que não aprovava as suas relações com Mr. Townsend. Não lhe competia ser tão íntima de um jovem de quem o irmão pensava tão mal, e Mrs. Almond estava admirada com a leviandade com que ela impingia a Catherine um noivado tão lamentável.

— Lamentável — exclamou Lavinia. — Ele vai ser um marido amoroso. — Não acredito em maridos amorosos — disse Mrs. Almond — só acredito em maridos bons. Se ele casar com ela e ela vier a receber o dinheiro do Austin, talvez eles se dêem bem. Ele será um tipo que não faz nada, amável, egoísta e, sem dúvida, o senhor de um feitio suportável. Mas se ela não ficar com o dinheiro e ele se vir amarrado, que Deus tenha dó dela, porque ele não terá nenhum! Vai odiá-la pela desilusão que teve e vai vingar-se; será impiedoso e cruel. O que ela vai sofrer a pobre da Catherine! Recomendo-te que fales com a irmã dele; é uma pena que a Catherine não possa casar com ela! Mrs. Penniman não tinha nenhuma vontade de conversar com Mrs. Montgomery, cujo conhecimento não se deu ao trabalho de cultivar; e o efeito desta alarmante previsão do destino da sobrinha foi levá-la a pensar que era de fato uma grande pena que o feitio generoso de Mr. Townsend fosse amargurado. O seu elemento natural era o puro prazer, e como poderia sentir-se bem se não houvesse nada de onde tirar prazer? Tornou-se uma ideia fixa para Mrs. Penniman que ele ainda havia de gozar da fortuna do irmão, a respeito da qual ela tinha a esperteza suficiente para se aperceber que o seu próprio direito era mínimo.

— Se ele não o deixar à Catherine, a mim é que não o deixa de certeza — disse.

## CAPÍTULO 24

Durante os primeiros seis meses que passaram fora, o doutor nunca falou à filha da pequena divergência entre os dois, em parte por sistema e em parte porque tinha muitas outras coisas em que pensar. Era escusado tentar certificar-se dos sentimentos dela sem perguntar diretamente porque, se ela nunca era expressiva em casa, junto das coisas familiares, não conseguia também entusiasmar-se com as montanhas da Suíça ou com os monumentos de Itália. Era sempre a companheira dócil e discreta do pai — visitando os locais e as coisas num silêncio respeitoso, sem nunca se queixar de fadiga, sempre pronta a começar à hora que ele marcara na noite anterior, não tecendo críticas disparatadas e não se permitindo requintes de apreciação.

— É mais ou menos tão inteligente como uma trouxa de roupa — disse o doutor, sendo a sua única superioridade o fato de uma trouxa de roupa se perder, ou cair da carruagem, enquanto Catherine está sempre no seu posto, e tem um traseiro amplo e firme.

Mas o pai já esperava isto e não era obrigado a atribuir as suas limitações intelectuais como turista, a uma depressão senti mental; ela despira-se de todas as características de uma vítima, e durante todo o tempo que estiveram fora nunca deu um suspiro que se ouvisse. O pai supunha que ela mantinha correspondência com Morris Townsend, mas não falava nisso porque nunca viu cartas do rapaz, e as de Catherine eram entregues ao estafeta para as pôr no correio. Ela tinha notícias do noivo com uma regularidade considerável, mas as cartas vinham dentro das de Mrs. Penniman; portanto, quando o doutor lhe entregava alguma com o endereço na letra da irmã, era um instrumento involuntário da paixão que condenava. Catherine refletiu nisto, e seis meses antes ter-se-ia sentido inclinada a avisá-lo; mas agora considerava-se absolvida. Havia no coração dela um ponto dorido que as próprias palavras do pai tinham provocado quando uma vez ela lhe falou como pensava que mandava a dignidade, queria agradar-lhe até onde fosse possível, mas nunca voltaria a falar-lhe

daquela maneira. Lia as cartas do noivo em segredo.

Um dia no fim do Verão, os dois viajantes encontravam-se num vale solitário dos Alpes. Estavam a atravessar um dos desfiladeiros e numa subida saíram da carruagem e passearam a pé muito à frente dela. Pouco tempo depois o doutor descobriu um caminho que, correndo através de um vale transversal, os levaria, como supunha com razão, a um ponto muito mais alto da subida. Seguiram essa passagem tortuosa e por fim perderam o caminho; o vale era muito selvagem e irregular, e o passeio tornou-se uma escalada. Eram bons andarilhos e levaram a aventura com facilidade; de tempos a tempos paravam para que Catherine descansasse; depois ela sentou-se sobre uma pedra e olhou à sua volta, para as rochas maciças e para o céu incandescente. Era o fim da tarde do último dia de Agosto; a noite aproximava-se e, quando atingiram um grande monte, o ar era frio e cortante. A ocidente havia uma enorme mancha de luz vermelha que tornava as vertentes do pequeno vale ainda mais escarpadas e sombrias. Durante uma das paragens o pai deixou-a e afastou-se para um sítio alto, a certa distância, para admirar o panorama. Estava fora do alcance da vista; ela ali ficou sentada, sozinha no silêncio, que apenas era tocado por um vago murmúrio de algum regato da montanha. Pensou em Morris Townsend, mas o lugar era tão desolado e solitário que ele lhe pareceu muito distante. O pai esteve ausente durante muito tempo e ela começou a interrogar-se o que seria feito dele. Mas por fim reapareceu, caminhando para ela no crepúsculo claro, e ela levantou-se para prosseguirem. Ele não fez qualquer movimento para continuar, mas aproximou-se dela como se tivesse alguma coisa a dizer. Parou em frente dela e ficou a olhá-la com olhos que tinham conservado a luz dos picos cobertos de neve, em que acabavam de se fixar. Depois, subitamente, fez-lhe num tom grave uma pergunta inesperada: — Já desististe dele? A pergunta era inesperada mas só superficialmente Catherine não estava preparada para ela.

— Não, pai — retorquiu.

Ele olhou-a de novo, durante alguns momentos, sem falar.

— Ele escreve-te? — perguntou.

— Escreve, sim, duas vezes por mês.

O doutor olhou o vale, balouçando a bengala. Depois disse-lhe no mesmo tom grave: — Estou muito zangado.

Ela ficou a imaginar o que ele queria dizer — se queria assustá-la. Se era isso, o local fora bem escolhido: este pequeno vale austero e melancólico, abandonado pela luz do Verão, fê-la sentir a sua solidão. Olhou à volta e o coração ficou-lhe gelado; por um instante teve um grande medo. Mas não conseguiu encontrar nada para dizer além de um murmúrio suave, "Peço desculpa".

— Estás a pôr à prova a minha paciência — continuou o pai — e já devias saber como eu sou. Não sou muito bom. Embora externamente pareça muito brando no fundo sou um apaixonado; e garanto-te que posso ser muito duro.

Não conseguia entender porque o pai lhe dizia aquelas coisas.

Trouxera-a até ali de propósito e isto fazia parte de um plano? E qual seria o plano? Catherine interrogava-se. Consistiria em a assustar a ponto de ela se desdizer e se aproveitar do terror que ela sentia? Terror de quê? O local era feio e solitário, mas o local não podia fazer-lhe mal. Havia no pai uma espécie de energia silenciosa que o tornava perigoso, mas Catherine não chegou ao ponto de dizer a si própria que podia fazer parte do plano dele apertar-lhe com a mão — a sua mão firme, bela e experimentada de médico distinto — a garganta. Em todo o caso, recuou um passo: — Tenho certeza de que o pai pode ser tudo o que quiser — disse ela; e era essa a sua convicção sincera.

— Estou muito zangado — replicou ele com mais severidade.

— Porque ficou assim tão de repente? — Não fiquei assim de repente. Cá por dentro tenho andado furioso durante estes seis meses. Mas agora este pareceu-me um bom lugar para explodir. É muito tranquilo e estamos sozinhos.

— Sim, é muito tranquilo — disse Catherine olhando à volta vagamente. — Não quer voltar para a carruagem? — Então queres dizer que durante este tempo não cedeste nem um milímetro? — Se pudesse teria cedido, pai; mas não posso.

O doutor também olhou à volta: — Gostarias que te deixasse num lugar assim até morreres de fome?

— O que o pai quer dizer com isso? — exclamou a moça.

— Que vai ser esse o teu destino. Que é assim que ele vai deixar-te.

Não queria feri-la a ela, mas ferira Morris. O ardor voltou ao coração da moça: — Isso não é verdade, pai!

— exclamou — e não deveria dizê-lo. Não está certo e não é verdade.

Ele abanou a cabeça lentamente.

— Não, não está certo porque tu não queres acreditar. Mas é verdade. Vamos para a carruagem.

Ele afastou-se e ela seguiu-o; ele caminhava mais depressa e estava já muito mais à frente. Mas parava de quando em quando sem se voltar, para que ela pudesse acompanhá-lo, e ela avançava com dificuldade, com o coração a bater de excitação por lhe ter pela primeira vez falado com violência. Nessa altura era quase noite, e ela acabou por perdê-lo de vista. Mas continuou o seu caminho e pouco depois, onde o vale fazia um desvio súbito, alcançou a estrada onde esperava a carruagem. Dentro dela estava o pai sentado, rígido e em silêncio; também em silêncio, ela sentou-se no lugar ao lado dele.

Ao recordar tudo isto mais tarde, parecia a Catherine que, durante os dias que se seguiram, nem uma palavra trocaram. Fora uma discussão estranha, mas não afetara definitivamente os seus sentimentos para com o pai, pois era natural, afinal de contas, que ele fizesse uma vez ou outra uma cena daquelas, e tinha-a deixado em paz durante seis meses. O mais estranho foi ele ter afirmado que não era um homem bom; Catherine pensou muito sobre o que ele queria dizer com aquilo. A afirmação não conseguiu convencê-la, e não era agradável a qualquer ressentimento que ela acalentasse. Mesmo na maior frieza que pudesse sentir, não lhe dava satisfação sabê-lo menos perfeito. Um dito assim fazia parte da grande subtilidade do pai — homens tão inteligentes como ele podiam afirmar tudo e insinuar tudo; e quanto a ele querer ser duro, claro que isso num homem era uma virtude.

Ele deixou-a em paz por mais seis meses — seis meses durante os quais ela se resignou sem protestar à extensão da viagem. Mas passado esse tempo, ele voltou a falar: foi mesmo no fim, na noite que antecedeu o embarque para Nova York, no hotel em Liverpool. Tinham jantado os dois numa sala de estar grande, soturna e antiquada; tiraram a toalha e o doutor começou a passear lentamente para cá e para lá. Por fim Catherine pegou no candelabro para se ir deitar, mas o pai fez-lhe sinal para ficar.

— O que tencionas fazer quando chegarmos a casa? perguntou enquanto ela ali estava de pé com o candelabro na mão.

— Quanto a Mr. Townsend? — Quanto a Mr. Townsend.

— Provavelmente casamos.

O doutor deu mais voltas à sala enquanto ela esperava.

— Tens recebido notícias dele como habitualmente? — Tenho, pai; duas vezes por mês — disse Catherine prontamente.

— E ele fala-te sempre de casamento? — Ah, fala; isto é, também fala noutras coisas, mas diz sempre qualquer coisa a esse respeito.

— Fico contente por saber que ele varia os seus temas; de outra maneira as cartas podiam ser monótonas.

— Ele escreve lindamente — disse Catherine, feliz por ter oportunidade de dizer aquilo.

— Escrevem sempre lindamente. Mas isso não lhe diminui o mérito. Portanto, logo que chegares, põe-te a andar com ele? Esta parecia ser uma maneira grosseira de pôr as coisas, e o que em Catherine havia de dignidade ofendeu-se: — Não sei dizer senão depois de chegarmos — retorquiu ela.

— Está certo — respondeu o pai. — É tudo que te peço: que realmente me digas, que mo faças saber em definitivo. Quando um infeliz de um homem vai perder a sua única filha, gosta que digam antes.

— Oh, pai! Não vai me perder! — disse Catherine deixando pingar a cera das velas.

— Três dias antes bastará — declarou ele — se nessa altura puderes ser concreta. Ele deveria estar-me muito agradecido, sabes? Foi muito bom para ele eu levar-te ao estrangeiro; o teu valor duplicou, com todos os conhecimentos e o bom gosto que adquiriste. Há um ano, eras talvez um tanto limitada, um pouco provinciana;

mas agora já viste tudo e apreciaste tudo, e vais ser uma companheira bem agradável. "Engordamos a ovelha, antes de matá-la." Catherine afastou-se e ficou olhando para a porta.

— Vai para a cama — disse o pai — e, como não embarcamos antes do meio dia, podes dormir até tarde. Provavelmente vamos ter uma viagem má.

## CAPÍTULO 25

A viagem foi na verdade ruim e Catherine, ao chegar a Nova York, não teve a compensação de "se pôr a andar", na maneira de dizer do pai, com Morris Townsend. Viu-o, porém, no dia seguinte a ter desembarcado; e entretanto ele constituiu o natural tema de conversa entre a nossa heroína e a tia Lavinia com quem, na noite da chegada, a moça esteve fechada durante muito tempo, antes de qualquer delas ir descansar.

— Estive muitas vezes com ele — disse Mrs. Penniman. — Não é fácil de conhecer. Suponho que julgas que o conheces, mas não conheces, minha querida. Qualquer dia vais conhecê-lo, mas só depois de teres vivido com ele. Quase posso dizer que eu vivi com ele — continuou Mrs. Penniman, enquanto Catherine pasmava. — Julgo que agora o conheço; tive tão boas oportunidades! Tu também vais tê-las, ou antes, vais ter melhores — e a tia Lavinia sorriu. — Então verás o que eu quero dizer. É um carácter maravilhoso cheio de paixão e de energia, e igualmente sincero.

Catherine escutava com um misto de interesse e de apreensão. A tia Lavinia era muitíssimo compreensiva, e Catherine, durante todo o ano, enquanto se passeava por exposições e igrejas estrangeiras, deslizava sobre a macieza das estradas do correio acalentando pensamentos que nunca lhe saíram pela boca, ansiava às vezes pela companhia de uma pessoa inteligente, do seu próprio sexo. Contar a sua história a alguma mulher afável por momentos parecia-lhe que isso a reconfortaria, e por mais de uma vez estivera quase a fazer sua confidente a hospedeira ou a jovem simpática empregada da modista. Se tivesse junto de si uma mulher, tê-la-ia em certas ocasiões, presenteado com um ataque de choro; e receava que, quando regressasse, fosse essa a sua reação ao primeiro abraço da tia Lavinia. Mas o fato é que as duas senhoras se encontraram em Washington Square, sem lágrimas; e quando se viram sozinhas, uma certa segura veio misturar-se à emoção da moça. Veio-lhe à ideia com mais intensidade que Mrs. Penniman gozara durante um ano inteiro a companhia do seu apaixonado, e não lhe dava prazer nenhum ouvir a tia explicar e interpretar o jovem, falando dele como se o seu conhecimento dele fosse imenso. Não é que Catherine fosse ciumenta; mas a sua noção da falsidade inocente de Mrs. Penniman, que estivera adormecida, começou de novo a obcecá-la, e ela sentiu-se contente por já estar em casa. Mas mesmo assim, foi para ela uma bênção poder falar de Morris, pronunciar o seu nome, estar com uma pessoa que não era injusta para ele.

— A tia tem sido muito boa para ele — disse Catherine. — Ele mandou dizer muitas vezes. Nunca vou esquecer isso, tia Lavinia.

— Fiz o que pude; e foi muito pouco. Deixá-lo vir falar comigo e oferecer-lhe uma chávena de chá, foi tudo. A tua tia Almond achou que era demasiado e ralhava muito comigo; mas, pelo menos, prometeu não me denunciar.

— Não a denunciar? — Não contar ao teu pai. Ele costumava ir sentar-se no gabinete do teu pai — disse Mrs. Penniman com um risinho.

Catherine ficou calada por um momento. A ideia era-lhe desagradável, e lembrou-se novamente dos hábitos de dissimulação da tia. Devo informar o leitor de que Morris tivera o tato de não lhe contar que ia para o gabinete do pai. Conhecia-a apenas havia alguns meses e a tia conhecia-a havia quinze anos; e no entanto não cometera o erro de pensar que Catherine entenderia a graça da coisa.

— Lamento que a tia o tenha mandado ir para o gabinete do pai — disse pouco depois.

— Eu não o mandei; foi ele próprio que quis. Gostava de ver os livros e todas aquelas coisas que estão nas vitrinas. Sabe tudo a respeito delas; sabe tudo a respeito de tudo.

Catherine ficou de novo calada; e depois, disse: — Quem me dera que ele tivesse encontrado algum emprego.

— Ele encontrou emprego. É uma ótima notícia, e ele disse-me para te contar logo que chegasses. Entrou em sociedade com um negociante em comissões. Ficou tudo combinado de repente, há uma semana.

Isto pareceu a Catherine uma boa notícia, na verdade; tinha um belo aspeto de prosperidade.

— Ah, estou tão feliz — disse; e então por um momento, teve a tentação de se atirar ao pescoço da tia Lavinia.

— É muito melhor do que estar às ordens de alguém; e ele nunca esteve habituado a isso — continuou Mrs. Penniman. — Ele vale tanto como o sócio; estão em perfeita igualdade. Vês como ele teve razão para esperar? Gostaria de saber o que o teu pai tem agora a dizer! Arranjaram um escritório em Duane Street, e cartões impressos; ele trouxe-me um para eu ver. Tenho-o no meu quarto e tu vais vê-lo amanhã. Foi o que ele me disse na última vez que cá esteve: "Vai ver como eu tive razão em esperar". Tem outras pessoas às suas ordens, em vez de ser um subordinado. Ele nunca poderia ser um subordinado; disse-lhe muitas vezes que nunca poderia imaginá-lo dessa maneira.

Catherine concordou com esta afirmação e ficou muito contente por saber que Morris era patrão de si próprio; mas ficou privada da satisfação de pensar que poderia ser ela a comunicar, triunfantemente, esta novidade ao pai. O pai ligaria igualmente pouca importância ao fato de Morris estar estabelecido nos negócios ou deportado por toda a vida. Tinham-lhe levado as malas para o quarto, e quaisquer outras referências ao seu apaixonado ficaram suspensas durante algum tempo, enquanto ela as abria e mostrava à tia algumas das compras que fizera no estrangeiro. Para com Mrs. Penniman tinha sido prodigamente generosa, e a tia Lavinia passou meia hora a desdobrar e a tornar a dobrar, com pequenas manifestações de gratidão e apreço. Durante um bocado pavoneou-se com um esplêndido xale de caxemira, que Catherine lhe pedira para aceitar, pondo-lho sobre os ombros e baixando a cabeça para ver até onde chegava a ponta nas costas.

— Vou considerar isto apenas um empréstimo — disse — Deixo-to outra vez quando morrer; ou antes acrescentou, beijando de novo a sobrinha — deixo-o à primeira menina que tiveres.

E, embrulhada no xale, ali ficou a sorrir.

— O melhor é esperar até que ela chegue — disse Catherine.

— Não gosto da maneira como dizes isso — replicou imediatamente Mrs. Penniman. — Catherine, tu mudaste? — Não, sou a mesma.

— Não te desviaste nem um bocadinho?

— Sou exatamente a mesma — repetiu Catherine, desejando que a tia fosse um pouco menos solícita.

— Bom, fico contente — e Mrs. Penniman mirou no espelho o seu xale de caxemira. E depois fixando a sobrinha perguntou: — Como está o teu pai? As tuas cartas eram tão lacônicas. — Nunca consegui perceber.

— O pai está muito bem.

— Ora, bem sabes a que me refiro — disse Mrs. Penniman com uma dignidade a que a caxemira emprestava um efeito mais rico.

— Ele continua implacável?

— Ah, sim!

— Não mudou nada?

— Se possível, está ainda mais inabalável.

Mrs. Penniman tirou o xale e dobrou-o lentamente.

— Isso é mau. Seu projetinho não deu certo.

— Que projetinho?

— Morris me contou. A ideia de trocar as voltas, na Europa; de o observar e quando ele estivesse bem impressionado por qualquer atração turística agradável, como sabes, tem a pretensão de ter uma veia artística, argumentar com ele e convencê-lo.

— Nunca tentei isso. Foi ideia do Morris; mas se ele tivesse ido conosco à Europa, teria visto que o pai nunca se impressionou dessa maneira. Ele tem mesmo uma veia artística, tremendamente artística; mas quanto mais célebres fossem os lugares que visitamos e quanto mais ele os admirasse, menos teria merecido a pena argumentar com ele. Parecia que isso o tornava ainda mais firme, mais temível — disse a pobre Catherine. Nunca conseguirei convencê-lo e já não espero nada.

— Olha, tenho de te dizer que nunca supus que fosses desistir.

— Mas desisti. Agora já não me interessa.

— Tornaste-te muito corajosa — disse Mrs. Penniman com uma risadinha. — Não te aconselhei a sacrificar o que te pertence.

— Pois é, estou muito mais corajosa do que era. Perguntou-me se eu tinha mudado; pois mudei, nesse sentido; Ah, sim — prosseguiu a moça — mudei muito. E não se trata do que me pertence. Se ele não se importa com isso, porque iria eu importar-me? Mrs. Penniman hesitou: — Talvez ele se importe.

— Importa-se por minha causa, porque não quer prejudicar-me, mas vai saber, e até já sabe, que não precisa de se preocupar com isso. Além de que — continuou Catherine — tenho muito dinheiro já meu. Podemos viver muito bem; e agora ele não tem já o seu negócio? Estou encantada com esse negócio. — E continuou a falar, mostrando uma grande excitação à medida que prosseguia. A tia nunca lhe tinha visto semelhante comportamento e, ao observá-lo, atribuiu-o à viagem ao estrangeiro, que a tornara mais positiva e mais madura. Pensou também que o aspeto de Catherine melhorara; estava bastante agradável à vista. Mrs. Penniman interrogou-se sobre se Morris Townsend repararia nisso. Enquanto ela se entregava a estas especulações, Catherine perguntou — lhe com certa aspereza: — Porque é tão contraditória, tia Penniman? Umhas vezes parece pensar uma coisa e outras é tudo diferente. Há um ano, antes de nos irmos embora, queria que eu não me importasse de desagradar ao pai, e agora parece aconselhar-me que proceda de maneira diferente. Muda tanto! Este ataque foi inesperado, pois Mrs. Penniman, não estava habituada em qualquer discussão, a ver a guerra estender-se ao seu campo — possivelmente porque o inimigo tinha no geral dúvidas quanto aos meios de subsistência que lá iria encontrar. Tanto quanto sabia, os campos floridos da sua razão raramente tinham sido devastados por uma força hostil. Era talvez por isso que, ao defendê-los, ela se mostrava mais majestosa do que ágil.

— Não sei de que podes acusar-me, a não ser de estar interessada demais na tua felicidade. É a primeira vez que me dizem que sou caprichosa. Não é esse defeito que habitualmente me reprovam. No ano passado a tia irritava-se por eu não querer casar imediatamente, e agora fala-me em convencer o meu pai. Disse-me que lhe era bem feito se me levasse à Europa para nada. Bom, pois levou-me de fato para nada, e a tia devia estar satisfeita. Nada mudou — nada senão os, meus sentimentos pelo meu pai. Agora não me preocupo como dantes. Tenho sido tão boa quanto me é possível, mas ele não quer saber. Pois então eu também não quero saber. Não sei se me tornei má; talvez. Mas isso não me interessa. Voltei para casa para me casar, é só isso que sei. E isso devia agradar à tia, a não ser que tenha arranjado novas ideias; a tia é tão estranha! Pode fazer o que quiser, mas nunca mais me fale em implorar ao pai. Nunca mais vou implorar-lhe seja o que for; isso acabou. Ele pôs-me de parte. E eu vim para casa para me casar.

Este era o discurso mais autoritário que ela jamais ouvira da boca da sobrinha, e Mrs. Penniman ficou alarmada em proporção. Ficou na verdade um pouco receosa, e a força e a determinação da moça não lhe deixaram qualquer resposta. Assustava-se facilmente e disfarçava sempre a sua atrapalhão por meio de uma cedência uma cedência muitas vezes acompanhada, como no caso presente, por um risinho nervoso.

## CAPÍTULO 26

Mesmo tendo Mrs. Penniman perturbado o temperamento da sobrinha — começou a partir deste momento a referir-se frequentemente ao temperamento de Catherine, coisa que até então nunca fora mencionada em relação à nossa heroína — Catherine teve no dia seguinte oportunidade de recuperar a serenidade. Mrs. Penniman dera-lhe um recado de Morris Townsend no sentido de que iria lá a casa dar-lhe as

boas-vindas no dia a seguir à chegada. Veio à tarde; mas, como podemos imaginar, não se apropriou desta vez do gabinete do Dr. Sloper. Durante o ano que passara, entrara e saíra com tanto à-vontade e tanta irresponsabilidade, que tinha uma certa sensação de estar a ser lesado ao lembrarem-lhe que agora deveria limitar os seus horizontes à sala da frente, o que constituiu uma prudência especial da parte de Catherine.

— Estou muito feliz por teres voltado — disse ele.

— Dá-me grande satisfação ver-te de novo. — E olhava-a da cabeça aos pés, sorrindo, embora depois não desse a impressão de concordar com Mrs. Penniman (que, sendo mulher, viu mais em pormenor) ao achá-la mais bonita.

A Catherine ele pareceu resplandecente; custou-lhe de novo acreditar que aquele lindo rapaz era sua propriedade exclusiva. Conversaram muito à maneira dos namorados — uma doce troca de interrogações e de certezas.

Nestas coisas Morris tinha uma grande elegância, que lançou um vivo interesse mesmo sobre a questão da sua entrada no negócio de comissões — assunto sobre o qual a companheira o interrogou muito a sério. De vez em quando ele levantava-se do sofá onde estavam ambos sentados, e passeava pelo aposento; depois regressava sorrindo e passando a mão pelo cabelo. Estava inquieto — como era natural num jovem que acabava de rever uma noiva há muito ausente, e Catherine pensou consigo que nunca o tinha visto tão excitado. De certo modo dava-lhe prazer notar este fato. Ele fez-lhe perguntas sobre a viagem e a algumas, ela não soube responder porque já esquecera os nomes dos lugares e a sequência do itinerário estabelecido pelo pai. Mas nesse momento estava tão feliz, tão animada pela convicção de que os seus problemas tinham terminado, que se esqueceu de ter vergonha das suas respostas lacônicas. Parecia-lhe agora que podia casar com ele sem um resquício de escrúpulo nem o mínimo receio, excepto aquele que é inerente à alegria. Sem esperar que ele lhe perguntasse, disse-lhe que o pai regressara exatamente no mesmo estado de espírito — que não cedera nem um milímetro.

— Agora já não temos nada a esperar — disse — e temos de passar sem isso.

Morris olhava-a e sorria.

— Minha pobre querida! — exclamou.

— Não tens que me lamentar — disse Catherine — Agora já não me ralo; já estou habituada.

Morris continuava a sorrir, e depois levantou-se e passeou pela sala.

— O melhor é deixares-me experimentá-lo.

— Tentares convencê-lo? Só irias piorar as coisas respondeu Catherine resoluta.

— Dizes isso porque me saí tão mal da outra vez. Mas agora vai ser diferente. Estou muito mais prudente agora; tive um ano para pensar. Tenho mais tato.

— Foi nisso que pensaste durante um ano? — A maior parte do tempo. Bem vês, a ideia irrita-me. Não gosto de ser derrotado.

— Como é que és derrotado se vamos casar? — Claro que não sou derrotado no essencial; mas no resto, sou, não vês? Na questão da minha reputação, nas minhas relações com o teu pai, nas minhas relações com os meus próprios filhos, se tivermos algum.

— Teremos o suficiente para os nossos filhos; teremos o suficiente para tudo. E tu não esperas ter êxito nos negócios? — Espero ser brilhante, e com certeza viveremos muito confortavelmente. Mas não me refiro ao simples conforto material; é ao conforto moral, à satisfação intelectual — disse Morris.

— Sinto um enorme conforto moral agora — declarou Catherine com simplicidade.

— Claro que sentes. Mas comigo é diferente. Apostei o meu orgulho em provar ao teu pai que está enganado, e que agora, que estou à frente de um negócio florescente, posso lidar com ele de igual para igual. Tenho um plano muito bom. Por favor, deixa-me ir falar com ele! E ali estava à frente dela com o rosto iluminado, o cabelo revoltado e as mãos nos bolsos; ela levantou-se com os olhos fixos nos dele.

— Por favor Morris, não faças isso, não faças isso — disse, e havia no seu tom uma firmeza terna e triste que ele ouvia pela primeira vez. — Não devemos pedir-lhe favores, não devemos pedir-lhe mais nada. Ele não vai ceder e nada de bom advirá daí. Agora sei-o, tenho boas razões para o saber.

— E quais são essas razões, fazes o favor de me dizer? Ela hesitou em revelá-las, mas lá se resolveu, por fim.

— Ele não gosta muito de mim.

— Oh, que maçada! — exclamou Morris zangado.

— Não diria isto sem ter certeza. Soube e senti-o em Inglaterra, antes de partirmos. Uma noite, na última noite, ele conversou comigo e então isso tornou-se evidente. Adivinha-se, quando se sente isso. Não o acusaria se ele não me tivesse feito sentir assim. E não o acuso; apenas te digo em que pé estão as coisas. Ele não pode evitá-lo; não podemos mandar nos nossos afetos. Eu posso mandar nos meus? Não poderia ele dizer-me isso? É por causa de ele gostar tanto da minha mãe, que perdeu há tanto tempo. Ela era linda e muito, muito espirituosa; ele está constantemente a pensar nela. Eu não me pareço nada com ela; a tia Penniman já mo disse. Claro que não é culpa minha; mas também não é culpa dele. Só o que quero dizer é que isto é verdade; e é uma razão muito mais forte para ele nunca se ter conformado do que simplesmente o fato de não gostar de ti.

— Simplesmente? — exclamou Morris com uma gargalhada. — Estou muito agradecido por isso.

— Agora não me importa que ele não goste de ti; tudo me importa menos. Sinto de maneira diferente; sinto-me separada do meu pai.

— Palavra de honra — disse Morris — que vocês são uma família estranha.

— Não digas isso, não digas nada de menos amável — pediu a moça. — Agora tens de ser muito carinhoso para mim, Morris, porque — e hesitou um momento — porque eu fiz muito por ti.

— Ah, eu sei isso, minha querida.

Até este momento ela falara sem veemência; sem qualquer sinal exterior de emoção, suavemente, sensatamente, tentando apenas explicar. Mas a sua emoção fora reprimida em vão, e traiu-se por fim no tremor da voz: — É uma coisa terrível sentir-se uma pessoa assim separada do pai, quando até aí ele foi adorado. Isso fez-me muito infeliz; ou ter-me-ia feito se eu não te amasse. Adivinha-se quando uma pessoa nos fala como se, como se...

— Como se o quê?

— Como se nos desprezasse! — disse Catherine arrebataadamente. — Ele falou-me assim na noite antes de embarcarmos. Não foi muito, mas foi o suficiente e pensei nisto durante toda a viagem. Depois decidi-me. Nunca mais lhe peço nada, nem espero nada dele. Agora não seria lógico. Temos de ser muito felizes e não parecermos estar dependentes do perdão dele. E, Morris, Morris, nunca me desprezes! Era uma promessa fácil de fazer, e Morris fê-la com um belo efeito. Mas, para já, não se comprometeu com nada de mais oneroso.

## CAPÍTULO 27

É evidente que o doutor quando regressou teve grandes conversas com as irmãs. Não se deu ao trabalho de narrar a viagem ou de comunicar as suas impressões sobre terras distantes a Mrs. Penniman, contentando-se com oferecer-lhe uma recordação da sua invejável aventura, na forma de um vestido de veludo. Mas conversou bastante com ela acerca de assuntos mais caseiros, e não perdeu tempo a assegurar-lhe que continuava a ser um pai inflexível.

— Não tenho dúvidas de que viste muitas vezes Mr. Townsend e que fizeste o possível para o consolar da ausência de Catherine — disse. — Não to pergunto e não precisas de mo negar. Não te faria a pergunta por nada deste mundo, para não te expor à incomodidade de teres de inventar uma resposta. Ninguém te denunciou e não houve nenhum espião a ver o que tu fazias. A Elizabeth nada me contou e nunca te mencionou a não ser para louvar a tua aparência e a tua boa disposição. Trata-se apenas de uma dedução minha, uma indução, como dizem os filósofos. Parece-me muito plausível que tenhas oferecido asilo a um sofredor cheio de interesse. Mr. Townsend passou muito tempo cá em casa; há qualquer coisa na casa que mo diz. Sabes que nós, médicos, acabamos por adquirir ótimas percepções, e está impresso nos meus sentidos que ele se sentou nestas cadeiras, numa atitude de grande à-vontade, e se aqueceu a esta lareira. Não o censuro pelo à-vontade; é o único que alguma vez gozará à minha custa. Até parece provável que eu possa economizar à

custa dele. Não sei o que possas ter-lhe dito, ou o que vais dizer-lhe a seguir; mas gostaria que soubesses que, se o levaste a acreditar que ganhará alguma coisa com a persistência, ou que eu me desviei um milímetro da posição que tomei há um ano, pregaste-lhe uma partida pela qual ele pode exigir reparação. Não estou nada certo de que ele não ponha um processo contra ti. Claro que fizeste tudo isso conscientemente; quiseste acreditar que eu posso ter-me cansado. Isso é a alucinação mais infundada que alguma vez passou pela cabeça de um optimista bem humorado. Não estou nada cansado. Estou tão fresco como quando comecei. E estarei fresco ainda por mais cinquenta anos. A Catherine parece que também não se moveu um centímetro; está igualmente fresca; portanto estamos mais ou menos no mesmo sítio que antes. Mas isto sabes tão bem como eu. O que pretendo é apenas dar-te a conhecer o meu estado de espírito. Convence-te disto, Lavinia querida. Acautela-te com o justo ressentimento de um caçador de fortunas enganado! — Não posso dizer que o esperava — disse Mrs. Penniman. — Mas tinha uma espécie de esperança tola que voltarias para casa sem o odioso tom irônico com que tratas os assuntos mais sagrados.

— Não subestimes a ironia; às vezes é de grande utilidade. Mas nem sempre é necessária, e hei-de mostrar-te com que graça sei pô-la de parte. Gostaria de saber se julgas que o Morris Townsend vai continuar a insistir? — Respondo-te com as tuas próprias armas — disse Mrs. Penniman. — O melhor é esperares para ver.

— Chamas a esse discurso as minhas próprias armas? Eu nunca disse nada tão descortês.

— Ele vai insistir o suficiente para ser muito incômodo, então.

— Minha cara Lavinia — exclamou o doutor — chamas a isso ironia? Eu chamo-lhe pugilismo.

Porém, Mrs. Penniman, a despeito do seu pugilismo, estava um tanto assustada, e aconselhou-se com os seus receios. Entretanto o irmão aconselhou-se, com muitas reservas, com Mrs. Almond, para quem não foi menos generoso do que para Lavinia, e muito mais comunicativo.

— Suponho que ela o recebeu lá em casa todo o tempo — disse ele. — Tenho de ver como está o meu vinho. Não te preocupes em mo contar agora; já te disse tudo o que queria dizer sobre o assunto.

— Julgo que ele foi lá muitas vezes — respondeu Mrs. Almond. — Mas tens de admitir que deixares a Lavinia completamente sozinha foi uma grande mudança para ela, e que era natural que quisesse alguma companhia.

— Admito-o, e é por isso que não vou fazer barulho por causa do vinho; vou aceitá-lo como compensação para a Lavinia. Ela é capaz de me dizer que foi ela que o bebeu. Vê bem o mau gosto inconcebível (dadas as circunstâncias) daquele tipo, a servir-se à vontade da casa, ou até mesmo a ir lá! Se isto não o descreve, é porque ele é indescritível.

— O plano dele é apanhar o que puder. A Lavinia deve tê-lo sustentado durante um ano — disse Mrs. Almond. — Esse ganho já ele teve.

— Terá de o sustentar para o resto da vida dele, então — exclamou o doutor — mas sem vinho, como se diz nas tables d'hôtel.

— A Catherine disse-me que ele entrou num negócio, e que está a fazer muito dinheiro.

O doutor pasmou: — A mim ela não me disse isso. E Lavinia não se dignou. Ah — exclamou ele — a Catherine pôs-me de parte. Não é que isso me interesse, com tudo o que tem acontecido.

— Mas não pôs de parte o Morris Townsend. Vi isso no primeiro minuto. Voltou exatamente na mesma.

— Exatamente na mesma; nem um bocadinho mais inteligente. Não reparou nem num pau nem numa pedra, durante todo o tempo que estivemos fora, nem num quadro nem num panorama, nem numa estátua nem numa catedral.

— E como podia reparar? Tinha outras coisas em que pensar; nem por um instante lhe saíram da cabeça. Ela comove-me muito.

— Também me comoveria, se não me irritasse. É esse o efeito que ela agora tem sobre mim. Tentei tudo com ela; até fui realmente impiedoso. Mas não serviu de nada: ela está absolutamente amarrada. Por consequência passei à fase de desespero. Ao princípio tinha uma certa curiosidade; queria ver se ela realmente ficaria na sua. Mas, Santo Deus, a curiosidade já está satisfeita! Vejo que ela é capaz de ir em frente, e que agora não pode desistir.

— Ela nunca desistirá — disse Mrs. Almond.

— Toma cuidado, senão também vais desesperar-me. Se ela não desistir, então será banida, irá aos trambolhões para o pó. Uma bela situação para uma filha minha. Ela não entende que, se temos de ser empurrados, o melhor é saltarmos. E depois vai queixar-se das feridas.

— Ela nunca se queixará — disse Mrs. Almond.

— Quanto a isso ainda porei mais objecções. Mas o pior vai ser que eu não posso evitar nada.

— Se ela tiver de tombar — disse Mrs. Almond com um riso suave — temos de estender tantos tapetes quantos forem possíveis. — E concluiu esta ideia mostrando uma enorme ternura maternal em relação à moça.

Mrs. Penniman escreveu imediatamente a Morris Townsend. Nesta altura a intimidade entre os dois estava consumada, mas tenho de me contentar com mostrar apenas algumas das suas facetas. Dentro dela, o quinhão de Mrs. Penniman era um sentimento singular que poderia ser mal interpretado, mas que não era de todo a descrédito da pobre senhora. Era um interesse romântico por aquele jovem belo e infeliz, e no entanto não era de molde a que Catherine sentisse ciúmes. Mrs. Penniman não tinha sequer um átomo de ciúmes da sobrinha. Sentia-se como se fosse mãe ou irmã — mãe ou irmã com um temperamento emocional — de Morris, e tinha um desejo absorvente de contribuir para que ele se sentisse confortável e feliz. Esforçara-se por isso durante o ano em que o irmão a deixara à vontade, e os seus esforços foram recompensados pelo êxito que já descrevemos. Nunca tivera filhos, e Catherine, que ela fizera o possível por investir com toda a importância que naturalmente pertenceria a uma Penniman jovem, só em parte retribuía o seu zelo. Catherine, como objeto de afeição e solicitude, nunca tivera aquele encanto que (segundo lhe parecia) teria constituído um atributo natural de filhos seus. Até a paixão maternal em Mrs. Penniman teria sido romântica e imaginária, mas Catherine não estava destinada a inspirar uma paixão romântica. Mrs. Penniman gostava dela tanto como sempre gostara, mas começara a sentir que, em relação a Catherine, lhe faltavam oportunidades. Sentimentalmente, portanto, tinha (embora não deserdasse a sobrinha) adoptado Morris Townsend, que lhe dava abundantes oportunidades. Teria sido muito feliz se tivesse um filho bonito e tirânico, e teria tomado um enorme interesse pelos seus casos amorosos. Era a esta luz que via Morris, que a princípio ganhara a sua amizade e a impressionara com a sua deferência delicada e calculada — uma espécie de exibição a que Mrs. Penniman era particularmente sensível. Depois ele restringira em larga escala as suas deferências, pois queria economizar recursos, mas a impressão que causara estava firmada e a própria má criação do jovem acabou por ter uma espécie de valor filial. Se Mrs. Penniman tivesse tido um filho, teria provavelmente medo dele, e nesta altura da nossa narrativa tinha sem dúvida medo de Morris Townsend. Foi este um dos resultados da confiança que ele ganhara em relação a Washington Square. Tomara todas as liberdades em relação a ela — como, aliás, teria feito com a própria mãe.

## CAPÍTULO 28

A carta era um aviso; informava-o que o doutor regressara mais intratável do que nunca. Poderia ter pensado que Catherine lhe transmitiria todas as informações de que ele necessitava relativas a este assunto, mas bem sabemos que os pensamentos de Mrs. Penniman raramente estavam certos; e, além disso, sentia que não tinha de depender do que Catherine pudesse fazer. Tinha de fazer o seu dever, sem consideração por Catherine. Já referi que o seu jovem amigo estava à vontade com ela, e o fato de não ter respondido à carta bem ilustra esta afirmação. Mas tomou nota dela, acendeu o charuto com ela e ficou à espera, tranquilamente, convencido de que receberia outra. "O estado de espírito dele, gela-me o sangue", escrevera Mrs. Penniman, referindo-se ao irmão; e poderia parecer-nos que, em relação a esta afirmação, ela dificilmente poderia ir mais longe. No entanto voltou a escrever, exprimindo-se com a ajuda de uma imagem diferente. "O ódio que ele sente por si arde com uma chama viva — uma chama que nunca se extingue", escreveu ela. Mas não ilumina a escuridão do seu futuro. Se o meu afeto pudesse fazê-lo, todos os anos da sua vida seriam uma luz eterna. Não arranco nada à C.; ela é terrivelmente reservada, tal como o pai. Parece estar a contar casar brevemente, e está claro que fez os respetivos preparativos na Europa: muitas roupas, dez pares de sapatos, etc. Mas você, meu

querido amigo, não pode instalar-se na vida de casado apenas com alguns sapatos novos, não é verdade? Diga-me o que pensa disto. Estou ansiosíssima por estar consigo, tenho tanta coisa para lhe contar! Sinto muito a sua falta; sem você, a casa parece vazia. E lá da cidade, que notícias tem? O negócio vai prosperando?

— Esse bendito negócio: acho que demonstra tanta coragem da sua parte! Não poderei ir ao seu escritório, só por três minutos? Poderia passar por cliente, não é assim que lhes chamam? Poderia fingir que ia comprar qualquer coisa: umas ações ou coisas relativas ao caminho-de-ferro. Diga-me o que pensa deste plano. Levaria um saquinho de rede, como uma mulher do povo. " Apesar da sugestão do saquinho, parece que Morris não achou o plano grande coisa, pois não encorajou Mrs. Penniman a visitar o escritório, que já lhe descrevera como sendo um lugar especial e anormalmente difícil de encontrar. Mas como ela insistiu em querer uma entrevista — depois de meses de conversas íntimas passara a chamar a estes encontros entrevistas — ele concordou em darem um passeio juntos e teve até a gentileza de abandonar o escritório para isso, durante as horas em que o negócio poderia ser mais animado. Para ele não constituiu surpresa, quando se encontraram a uma esquina numa zona de lotes de terrenos vazios e de ruas por acabar (estando Mrs. Penniman tanto quanto possível vestida como uma "mulher do povo"), verificar que, apesar da sua urgência, o que Mrs. Penniman tinha principalmente para lhe comunicar era a garantia da sua amizade. Porém, de tais garantias tinha ele já uma volumosa coleção, e não lhe teria valido a pena deixar uma ocupação frutuosa apenas para ouvir Mrs. Penniman afirmar pela milésima vez que fizera sua a causa dele. Morris tinha também algo a dizer-lhe. Não era uma coisa fácil de comunicar, e a dificuldade tornou-o azedo.

— Ah, sim, sei perfeitamente que ele reúne as propriedades de um bloco de gelo e de um carvão aceso — observou o rapaz. — A Catherine tornou-me isso absolutamente claro, e a senhora já disse tantas vezes Que já me enjoa. Não é preciso dizer outra vez; estou perfeitamente satisfeito. Ele nunca nos vai dar um tostão; considero isso matematicamente provado.

Nesta altura Mrs. Penniman teve uma inspiração.

— Não poderia pôr um processo contra ele? — E admirou-se por este expediente simples nunca lhe ter vindo à ideia.

— Vou pôr um processo mas é contra a senhora — disse Morris, — se continuar a fazer-me perguntas tão desesperantes. Um homem deve saber quando é derrotado — acrescentou logo. — Tenho de desistir dela! Mrs. Penniman recebeu esta declaração em silêncio, embora ela lhe tivesse feito o coração bater mais. Não a encontrou de modo nenhum desprevenida, pois acostumara-se a pensar que, se Morris não conseguisse definitivamente ficar com o dinheiro do irmão, não estaria disposto a casar com Catherine. "Não estaria disposto" era uma maneira vaga de pôr a coisa; mas a natural afeição de Mrs. Penniman completou a ideia que, embora ainda não tivesse sido expressa entre eles tão cruamente como Morris acabava de a apresentar, tinha no entanto ficado implícita tantas vezes (em certos intervalos de conversa, enquanto ele estava sentado de pernas estendidas nas cadeiras de braços estofados do doutor), que ele começara a encará-la primeiro com uma emoção que reputava de filosófica, e depois sentindo uma secreta ternura. O fato de manter secreta essa ternura, prova, claro está, que se envergonhava dela; mas tratava de fugir a essa vergonha recordando-se que era, afinal de contas, a protetora oficial do casamento da sobrinha.

A sua lógica dificilmente seria aceite pelo doutor. Em primeiro lugar, Morris tinha de conseguir o dinheiro, e ela ajudá-lo-ia. Em segundo lugar, era evidente que o dinheiro nunca lhe chegaria às mãos, e seria uma grande pena que se casasse sem ele — um jovem que poderia tão facilmente encontrar algo de melhor. Depois de o irmão ter proferido, quando do regresso da Europa, aquele discursinho incisivo que citamos, a causa de Morris parecia tão desesperada que Mrs. Penniman centrou a atenção apenas na última parte da sua argumentação. Se Morris fosse seu filho, ela teria certamente sacrificado Catherine a uma concepção superior do futuro dele; e estar pronto a fazê-lo, tal como as coisas se apresentavam, constituía portanto um grau de devoção ainda mais refinado. No entanto ficara um pouco sufocada por lhe porem nas mãos de repente o punhal do sacrifício.

Morris deu uns passos e depois repetiu bruscamente: — Tenho de desistir dela! — Acho que o compreendo — declarou Mrs. Penniman com brandura. — Claro, estou a dizê-lo com bastante clareza, bastante

brutal e grosseiramente.

Estava envergonhado e a sua vergonha era incômoda; e tinha uma extrema intolerância pela incomodidade — sentia-se perverso e cruel. Queria insultar alguém e começava cautelosamente — pois era sempre cauteloso — por si próprio.

— A senhora não poderia desiludi-la um pouco?

— Desiludi-la?

— Prepará-la para tentar facilitar-me as coisas?

Mrs. Penniman parou, olhando-o muito séria.

— Meu pobre Morris, será que sabe como ela o ama?

— Não, não sei. Não quero saber. Sempre tentei ignorá-lo. Seria doloroso demais.

— Ela vai sofrer muito — disse Mrs. Penniman.

— Tem de a consolar. Se é tão minha amiga como diz que é, será o que vai fazer.

Mrs. Penniman abanou a cabeça com tristeza: — Diz que eu afirmo que gosto de você; mas não posso afirmar que o odeio. Só posso dizer a Catherine que o tenho em muita consideração; e como é que isso vai consolá-la por o perder?

— O doutor ajuda. Vai ficar encantado por tudo se ter desfeito; e é um tipo esperto, vai inventar qualquer coisa para a consolar.

— Vai inventar uma nova tortura — exclamou Mrs. Penniman. — Deus a livre do consolo do pai! Vai ser vangloriar-se e gritar-lhe: "sempre te disse!"

Morris ficou desconfortavelmente ruborizado.

— Se a senhora não a consola melhor do que a mim, claro que não vai ser de grande utilidade. E um raio de uma necessidade muito desagradável. Sinto isso muitíssimo, e a senhora devia facilitar-me a vida.

— Serei sua amiga toda a vida — declarou Mrs. Penniman.

— Seja minha amiga agora! — e Morris continuou a andar.

Ela foi com ele; estava quase a tremer.

— Gostaria que fosse eu a dizer? — perguntou.

— Não deve dizer, mas pode.... — E hesitava, tentando descortinar o que poderia fazer Mrs. Penniman.

— Pode explicar-lhe o porquê das coisas. É porque não consigo interpor-me entre ela e o pai, dar-lhe o pretexto que ele vai agarrar avidamente (que perspectiva medonha!) para a privar dos seus direitos.

Mrs. Penniman sentiu com notável prontidão o encanto desta fórmula.

— Isso é tão seu — disse ela — é um sentimento tão belo! Morris fez com a bengala um gesto de irritação.

— Oh, que coisa infernal! Mas Mrs. Penniman não desanimou.

— Pode resultar melhor do que pensa. Afinal, a Catherine é tão especial! — E pensou que poderia encarregar-se de lhe assegurar que, acontecesse o que acontecesse, a moça ficaria silenciosa, não faria barulho nenhum. Prolongaram o passeio e, à medida que avançavam, Mrs. Penniman ia-se encarregando de mais outras coisas, e acabou por assumir um fardo considerável; como pode imaginar-se, Morris estava pronto a encarregá-la de tudo. Mas nem por um instante ele se deixou enganar pelo entusiasmo disparatado da senhora; sabia que, de tudo o que prometia, ela apenas era competente para desempenhar uma fracção insignificante, e quanto mais ela afirmava o seu desejo de lhe ser útil, mais parva ele a achava.

— O que vai você fazer, se não casa com ela? atreveu-se a perguntar no decurso desta conversa.

— Coisas notáveis — disse Morris. — Não gostava que eu fizesse uma coisa notável? A ideia deu imenso prazer a Mrs. Penniman.

— Ficarei tristemente desiludida se não o fizer.

— Terei mesmo de fazer para compensar isto. Isto não é nada notável, bem sabe.

Mrs. Penniman pensou um pouco, como se pudesse haver uma maneira de fazer com que fosse; mas teve de desistir da tentativa e, para disfarçar o embaraço do desaire, arriscou outra pergunta.

— Refere-se... refere-se a outro casamento?

Morris recebeu esta pergunta com um pensamento que não era menos insolente por ser silencioso. "Não há dúvida de que as mulheres são mais cruas do que os homens" E depois respondeu em voz alta: — Nunca na vida! Mrs. Penniman ficou desapontada, sentindo-se ultrajada, e consolou-se com uma exclamação vagamente sarcástica. Ele era realmente perverso.

— Desisto dela não por outra mulher, mas por uma carreira melhor — anunciou Morris.

Isto era notável; mas Mrs. Penniman, que sabia que cometera um deslize, continuava a sentir um ligeiro rancor.

— Quer dizer que nunca mais vai vê-la? — perguntou com sarcasmo.

— Ah, não; vou voltar a vê-la. Mas qual é a utilidade de arrastar a coisa? Estive com ela quatro vezes desde que regressou, e é terrivelmente incômodo. Não posso manter isto indefinidamente; ela não pode contar com isso, bem sabe. Uma mulher nunca deve conservar um homem pendurado — acrescentou por fim. — Ah, mas vocês têm de ter a última despedida! — insistiu a companheira, em cuja imaginação a ideia de últimas despedidas ocupava um lugar apenas inferior em dignidade à de primeiro encontro.

## CAPÍTULO 29

Ele voltou a vê-la, sem conseguir a última despedida; e mais outras vezes, sem concluir que Mrs. Penniman já tinha feito qualquer coisa para cobrir de flores o caminho da retirada. Era terrivelmente incômodo, conforme dizia, e sentia uma forte animosidade pela tia de Catherine que, como agora ganhara o hábito de dizer para si mesmo, o arrastara para aquela complicação, e deveria, por simples caridade, tirá-lo dela. Para dizer a verdade, Mrs. Penniman, na solidão dos seus aposentos — e, posso acrescentar, perante o estímulo de Catherine que, naquela altura, tinha o ar de uma jovem exibindo o seu trousseau — medira as suas responsabilidades e assustara-se com a grandeza delas. A tarefa de preparar Catherine e de facilitar as coisas a Morris apresentava dificuldades que aumentavam ao serem executadas, e que até levaram a impulsiva Lavinia a perguntar-se se a modificação do projeto original do jovem teria sido concebida no espírito devido. Um futuro brilhante, uma carreira melhor, uma consciência isenta da acusação de interferência entre uma jovem e os seus direitos naturais — todas essas coisas excelentes arriscavam-se a ser atingidas com excessiva incomodidade. De Catherine propriamente Mrs. Penniman não recebia qualquer ajuda; aparentemente, a pobre moça não suspeitava do perigo. Olhava para o seu noivo com olhos de uma confiança ilimitada e, como tinha menos confiança na tia do que naquele jovem com quem trocara tantas juras de amor, não lhe dava explicações nem fazia confissões.

Mrs. Penniman, vacilante e desorientada, decretou que Catherine era muito estúpida e adiava o grande espetáculo, como lhe teria chamado, de dia para dia; andava pela casa muito arreliada, tendo nas mãos a bomba por explodir. Os encontros com Morris eram agora muito curtos; mas mesmo esses ultrapassavam as forças dele.

Tornava as visitas tão rápidas quanto possível e, enquanto estava ao lado da sua apaixonada, encontrava muito pouco para conversar. Ela estava à espera de que ele, em termos vulgares, marcasse o dia; e, uma vez que ele não estava preparado para ser explícito a esse respeito, parecia troça pretender falar de coisas mais abstratas. Ela não fingia; nunca tentava disfarçar a sua ansiedade. Esperava esse delicioso prazer e esperaria pudica e pacientemente; a maneira como ele retardava aquela ocasião suprema podia parecer estranha, mas claro que ele devia ter boas razões para isso. Catherine teria dado uma esposa do modelo suave e antiquado — encarando as justificações como favores e surpresas, mas não as esperando todos os dias mais do que esperaria um ramo de camélias. Porém, durante a época de noivado, uma jovem, mesmo a de mais modestas pretensões, conta mais com ramos de flores do que noutras ocasiões; e neste momento pairava no ar uma ausência de perfume que, por fim, suscitou o alarme da moça.

— Estás doente? — perguntou ela. — Pareces-me tão inquieto e estás tão pálido! — Não estou nada bem

— disse Morris; e ocorreu-lhe que, se pudesse fazer com que ela tivesse muita pena dele, talvez se safasse.

— Parece-me que trabalhas demais; não deves trabalhar tanto.

— Tenho de trabalhar. — E depois acrescentou com uma espécie de brutalidade calculada: — Não quero dever-te tudo.

— Ah, como podes dizer isso? — Sou orgulhoso demais.

— És! És orgulhoso demais.

— Bom, tens de me aceitar como sou — prosseguiu ele; — não poderás mudar-me nunca.

— Não quero mudar-te, — disse ela com suavidade — aceito-te tal como és. — E ficou a olhá-lo.

— Sabes que as pessoas se fartam de falar sobre um homem que casa com uma moça rica — observou Morris. — É muitíssimo desagradável.

— Mas eu não sou rica — disse Catherine.

— És rica o suficiente para que falem de mim.

— Claro que falam de ti. É uma honra.

— É uma honra que eu dispenso facilmente.

Ela estava quase a perguntar-lhe se não seria uma compensação para essa contrariedade o fato de a pobre moça que tinha a infelicidade de lha provocar, o amar tanto e acreditar tanto nele; mas hesitou, pensando que talvez aquilo lhe parecesse um discurso ambicioso, e enquanto hesitava ele deixou-a de súbito.

Mas quando ele veio de novo ela disse-lho, e voltou a afirmar que ele era orgulhoso demais. Ele repetiu que não podia mudar, e desta vez ela sentiu a tentação de lhe dizer que, com um pequeno esforço, poderia mudar.

Por vezes ele pensava que, se ao menos pudesse armar uma discussão com ela, isso o ajudaria; mas a questão era como discutir com uma moça dona de tais tesouros de indulgência.

— Se calhar pensas que o esforço é todo do teu lado — explodiu ele. — Não achas que também tenho que fazer os meus próprios esforços? — Agora são todos teus — disse ela; — os meus esforços estão mortos e enterrados.

— Bem, os meus não estão.

— Devíamos suportar as coisas os dois — disse Catherine. — Era o que devíamos fazer.

Morris tentou sorrir com naturalidade.

— Há coisas que podemos suportar os dois, por exemplo, a separação.

— Porque é que falas de separação?

— Ah, tu não gostas; sabia que não ias gostar.

— Aonde pretendes chegar Morris? — perguntou ela de repente. Ele fixou nela os olhos por um momento, e durante uma fracção desse momento ela teve medo.

— Promete não fazer uma cena?

— Uma cena! Eu faço cenas?

— Todas as mulheres fazem! — disse Morris, em tom de quem tinha uma longa experiência.

— Eu não. Aonde pretende chegar?

— Se eu te dissesse que tinha de sair em negócios acharia muito estranho?

Ela pensou por um instante, mirando-o.

— Acharia. Não se me levar contigo.

— Levar-te comigo numa viagem de negócios?

— Quais são os teus negócios? O teu negócio é estar comigo.

— Não ganho a minha vida contigo — disse Morris e exclamou numa inspiração súbita — ou antes, é isso mesmo que faço, ou que as pessoas dizem que faço! Isto deveria ser um grande golpe, mas falhou.

— Aonde vai? — repetiu Catherine simplesmente.

— A Nova Orleans. Comprar algodão.

— Estou perfeitamente disposta a ir a Nova Orleans — disse Catherine.

— Achas que eu te levaria para um ninho de febre-amarela? — exclamou Morris. — Achas que eu iria expor-te numa altura destas?

— Se há febre-amarela, para que vais? Morris, não devias ir!

— Para ganhar seis mil dólares — respondeu Morris. — Queres privar-me dessa satisfação?

— Não temos necessidade de seis mil dólares. Pensas demais em dinheiro.

— Tu podes dar-te ao luxo de dizer isso. É uma grande oportunidade; soubemos ontem à noite.

E explicou-lhe em que consistia a oportunidade; e contou-lhe uma longa história, repetindo mais de uma vez vários pormenores, acerca do extraordinário negócio que ele e o sócio tinham planeado.

Mas a imaginação de Catherine, por razões que só ela conhecia, recusava-se absolutamente a ser excitada.

— Se pode ir a Nova Orleans, eu também posso — disse ela. — Porque é que não há de apanhar febre amarela tão facilmente como eu? Sou tão forte como tu, e não tenho medo nenhum de febres. Quando estivemos na Europa andamos por lugares muito insalubres; o meu pai obrigava-me a tomar uns comprimidos. Nunca apanhei nada e nunca andei nervosa. Para que servem os seis mil dólares se tu morreres com uma febre? Quando as pessoas se vão casar não devem pensar tanto em negócios. Tu não devias pensar no algodão; devias pensar em mim. Podes ir a Nova Orleã noutra altura — há-de sempre haver lá muito algodão. Não é este o momento: já esperamos tempo demais. — Falava mais enérgica e fluentemente do que ele jamais a ouvira, e segurava-lhe o braço com as duas mãos.

— Disseste que não ias fazer uma cena — gritou Morris. — Chamo a isto uma cena.

— Tu é que estás a fazer uma cena. Nunca te pedi nada até agora. Já esperamos demais. — E era para ela um conforto pensar que até aí lhe pedira tão pouco; parecia-lhe que isso lhe dava o direito de agora insistir mais.

Morris refletiu um pouco.

— Então está bem; não vamos falar mais nisso. Trato do meu negócio por carta. — E começou a alisar o chapéu como se quisesse despedir-se. — Então não vais? — e olhava para cima, para os olhos dele.

Ele não podia desistir da ideia de provocar uma discussão; era de longe a maneira mais simples. Baixou os olhos para o rosto dela com a expressão mais sombria que pôde arranjar.

— Não estás a ser sensata; não deves forçar-me.

Mas, como de costume, ela concordou com tudo.

— Pois não, não estou a ser sensata; estou a insistir demais. Mas não é natural? Foi só por um instante.

— Num instante podes fazer muito mal. Vê se estás mais calma na próxima vez que eu cá vier.

— Quando é que virás? — Queres impor condições? — perguntou Morris. Venho no próximo sábado. — Vem amanhã — implorou Catherine; — quero que venhas amanhã. Vou estar muito calma — acrescentou; e, por esta altura, a agitação dela tornara-se tão grande que esta afirmação não caía mal. Assaltara-a um medo súbito; era como que uma combinação sólida de uma dúzia de dúvidas desgarradas, e a sua imaginação, de um único salto, transpusera uma enorme distância. Naquele momento todo o seu ser estava concentrado na ideia de o conservar ali na sala. Morris inclinou a cabeça e beijou-a na testa.

— Quando estás calma és perfeita — disse ele — mas quando és violenta nem pareces tu.

Era desejo de Catherine que não houvesse violência no bater do seu coração, que não conseguia evitar; e prosseguiu, com a brandura possível: — Prometes vir amanhã? — Eu disse no sábado! — respondeu Morris sorrindo. Tentava intercalar os sorrisos com a expressão carrancuda; já não sabia o que fazer.

— Pois, no sábado também — respondeu ela tentando sorrir. — Mas primeiro amanhã. — Ele encaminhava-se para a porta e ela colocou-se rapidamente a seu lado.

Encostou o ombro à porta; parecia-lhe que faria fosse o que fosse para o reter ali.

— Se for impedido de vir amanhã, vais dizer que te enganei — disse ele. — Como é que podes ser impedido? Se tu quiseres vens mesmo. — Sou um homem ocupado, não sou um pinga-amor — exclamou Morris muito sério.

A voz dele era tão artificial e tão dura que ela, olhando-o desesperada, se afastou; e então ele colocou rapidamente a mão no puxador da porta. Sentia-se como se estivesse exatamente a fugir dela. Mas num momento ela estava de novo junto dele, murmurando num tom que não era menos penetrante por ser grave: — Morris, tu vais deixar-me.

— Vou, sim; por um tempo.

— Por quanto tempo? — Até voltares a ser razoável.

— Assim, nunca serei razoável. — E tentava segurá-lo ali por mais tempo; era quase uma luta. — Pensa só no que eu fiz! — implorou ela. — Morris, eu desisti de tudo.

— Vais ter tudo de volta.

— Não dirias isso se não houvesse qualquer coisa.

— O que é? O que aconteceu? Que fiz eu? Que foi que te fez mudar? — Eu escrevo-te, é o melhor — gaguejou Morris.

— Ai, tu não vais voltar mais! — gritou ela desfazendo-se em lágrimas. — Querida Catherine — disse ele — não penses isso. Prometo-te que vamos ver-nos de novo. — E tratou de se ir embora, fechando a porta atrás de si.

## CAPÍTULO 30

Esta foi quase a última explosão de angústia da vida dela; pelo menos, nunca se entregou a outra, que o mundo saiba. Mas esta foi longa e terrível; atirou-se para o sofá e deu largas à sua dor. Mal sabia o que se passara; aparentemente, apenas tinha tido uma desavença com o noivo, como as outras moças já tiveram, e isso não só não significava um rompimento, como também ela não tinha obrigação de o encarar sequer como uma ameaça. Parecia-lhe que do rosto dele uma máscara tinha subitamente caído. Quisera fugir dela; fora duro e cruel, dissera coisas estranhas, com um ar estranho. Estava sufocada e atordoada; enterrou a cabeça nas almofadas, soluçando e falando consigo. Mas por fim levantou-se, com receio de que o pai ou a tia entrassem; depois ali ficou sentada, olhando em frente, enquanto a sala se ia tornando mais escura. Dizia para si mesma que talvez ele voltasse para lhe afirmar que não queria dizer o que dissera; e pôs-se à escuta do toque dele na campainha da porta, esforçando-se por acreditar que ele poderia surgir. Passou muito tempo, mas Morris continuava ausente; as sombras acumulavam-se; a noite instalava-se na escassa elegância da sala de cores claras; o fogo extinguiu-se. Quando escureceu, Catherine foi até à janela e olhou para fora; ali ficou durante meia hora na mera expectativa de que ele subisse a escada. Por fim retirou-se porque viu o pai entrar. Ele vira-a à janela olhando para fora; parou por um momento ao fundo dos degraus brancos, e solenemente, com um ar de exagerada cortesia, tirou-lhe o chapéu. O gesto foi tão deslocado perante a situação dela, aquele tributo de respeito para com uma pobre moça desprezada e abandonada foi tão inoportuno, que lhe provocou uma espécie de horror, e correu para o quarto. Parecia-lhe que já desistira de Morris.

Teve de se apresentar meia hora depois, e o que a susteve à mesa foi a enormidade do seu desejo de que o pai não se apercebesse de que algo tinha acontecido. Isto constituiu depois para ela uma grande ajuda, e serviu-lhe (embora não tanto como supunha) desde o princípio. Nessa altura o Dr. Sloper estava bastante falador. Contou muitas histórias acerca de um cão-de-água maravilhoso que vira em casa de uma senhora que visitara profissionalmente. Catherine não só se esforçava por parecer que ouvia as anedotas do cão — de-água, como também tentava interessar-se por elas, de modo a não pensar na cena com Morris. Era talvez uma alucinação; ele estava enganado e ela tinha ciúmes; as pessoas não mudam assim de um dia para o outro. Depois lembrou-se de que já tivera dúvidas antes — suspeitas esquisitas que eram ao mesmo tempo vagas e inquietantes — e de que ele se tinha sempre mostrado diferente desde que ela viera da Europa; e com isto tentou de novo escutar o pai, que contava histórias tão bem. Depois foi direita para o quarto; passar o começo da noite com a tia era coisa que estava para além das suas forças. Durante toda a noite, sozinha, ela interrogou-se. A sua aflição era terrível; mas seria tudo produto da sua imaginação engendrado por uma sensibilidade extravagante, ou representaria uma realidade bem definida e teria acontecido na realidade o pior? Mrs. Penniman, com um tato tão fora do habitual como louvável, tomou a atitude de a deixar sozinha. A verdade é que, tendo sido assaltada por suspeitas, sentiu o desejo, natural numa pessoa tímida, de que a explosão estivesse localizada. Enquanto o ar ainda vibrasse, ela mantinha-se afastada. Passou e voltou a passar pela porta de Catherine diversas vezes no decorrer da noite, como se esperasse ouvir, vindo lá de dentro, um choro lamentoso. Mas o quarto continuava perfeitamente silencioso; e por isso, a última coisa que fez antes de se retirar para os seus aposentos, foi pedir para entrar. Catherine estava sentada muito direita, segurando um livro que fingia ler. Não lhe apetecia ir para a cama porque não esperava dormir. Depois de Mrs. Penniman a ter deixado, ficou sentada metade da noite, e não encorajou a visita a que ficasse. A tia entrou furtivamente com passinhos abafados e aproximou-se dela com solenidade. — Parece-me bem que estás com problemas, minha querida. Posso fazer alguma coisa para te ajudar? — Não estou de modo nenhum com problemas, e não preciso de ajuda — disse Catherine, mentindo descaradamente, e provando assim que não só os nossos erros mas também as nossas desgraças mais involuntárias nos corrompem o moral.

— Não te aconteceu nada?

— Nada de nada.

— Tens mesmo certeza, filha?

— Toda certeza.

— E não posso realmente fazer nada por ti?

— Nada, tia, a não ser deixar-me só, por favor — disse Catherine.

Mrs. Penniman, embora anteriormente receasse uma recepção demasiado calorosa, ficou depois desapontada com aquele acolhimento tão frio; e, ao contar depois a história de como terminara o noivado da sobrinha — como fez para tanta gente e com consideráveis variações de pormenores — tinha quase sempre o cuidado de referir que a jovem, em determinada ocasião, a tinha "empurrado" para fora do quarto. Era característico de Mrs. Penniman relatar este fato, nem por sombras por maldade para com Catherine, de quem tinha uma razoável pena, mas por uma predisposição natural para arrebicar qualquer assunto que mencionasse.

Como já disse, Catherine esteve sentada metade da noite, como ainda esperasse ouvir Morris Townsend tocar à porta. No dia seguinte esta esperança era menos despropositada; mas não foi recompensada pela reaparição do rapaz. Nem sequer escrevera; não houve uma palavra de explicação ou de conforto. Felizmente para Catherine, ela conseguia disfarçar a sua excitação, que se tornara intensa, graças à determinação de que o pai nada notasse. Teremos ocasião de vir a conhecer a eficácia com que enganou o pai; mas as inocentes habilidades de Catherine de pouco serviram perante uma pessoa de rara perspicácia como Mrs. Penniman. Esta via facilmente que ela estava agitada, e se surgisse um excesso de agitação, Mrs. Penniman não era pessoa para prescindir do seu quinhão. Voltou à carga na noite seguinte, e pediu à sobrinha que confiasse nela, que aliviasse o co ração. Talvez lhe fosse possível explicar certas coisas que agora pareciam obscuras, e de que ela sabia mais do que Catherine supunha. Se na noite anterior Catherine se mostrara gelada, nessa noite estava arrogante.

— Está completamente enganada, e não faço a menor ideia do que quer insinuar. — Não sei o que está a pretender atribuir-me e nunca na minha vida precisei menos de explicações.

Assim falou a moça, que continuava a pôr a tia no seu lugar. A curiosidade de Mrs. Penniman também continuava a crescer. Teria dado o dedo mindinho para saber o que Morris tinha dito e feito, que tom usara, que pretexto encontrara. Escreveu-lhe, naturalmente, pedindo uma entrevista; mas, também naturalmente, não recebeu resposta ao seu pedido. Morris não estava com disposição para escrever, pois Catherine enviara-lhe dois curtos bilhetes que não foram acusados. Estes bilhetes eram tão breves que podemos transcrevê-los na íntegra. "Não queres dar-me um sinal de que não pretendias ser tão cruel como foste na terça-feira?" — foi o primeiro o outro foi um pouco mais longo: Se não tive razão ou fui desconfiada na terça-feira, se te aborreci ou te perturbei de qualquer modo, peço-te perdão, e prometo não voltar a ser tão estúpida. Estou suficientemente castigada, e não compreendo. Meu querido Morris, estás a matar-me". Estes bilhetes foram enviados na sexta-feira e no sábado; mas sábado e domingo passaram sem trazerem à pobre moça a satisfação que desejava. O seu castigo acumulava-se; e ela continuava a suportá-lo com muita coragem superficial. No sábado de manhã, o doutor que andara a observar em silêncio, falou com a irmã Lavinia.

— A coisa aconteceu! O canalha pôs-se a andar! — Nunca! — exclamou Mrs. Penniman, que pensara no que diria a Catherine, mas não arranjara uma linha de defesa contra o irmão, de modo que aquela negação indignada foi a única arma que teve à mão.

— Pediu um adiamento, se preferires! — Parece que te faz muito feliz terem brincado com o afeto da tua filha. — E faz — disse o doutor; — porque eu previ isto! É um grande prazer ter razão! — Os teus prazeres dão arrepios! — exclamou a irmã. Catherine entregava-se rigidamente às suas ocupações habituais, até ao ponto de ir com a tia à igreja no domingo de manhã. No geral, ia também ao serviço da tarde; mas aqui a coragem esmoreceu-lhe, e pediu a Mrs. Penniman que fosse sem ela. — Tenho certeza de que tens um segredo — disse Mrs. Penniman com grande ênfase, olhando para ela um tanto severamente.

— Se tenho, guardo-o comigo! — respondeu Catherine afastando-se.

Mrs. Penniman saiu para a igreja; mas antes de lá chegar, parou e voltou para trás, e ainda não eram passados vinte minutos tornou a entrar em casa, olhou para as salas vazias e depois subiu as escadas e bateu à porta do quarto de Catherine. Não teve resposta; Catherine não estava no quarto, e Mrs. Penniman logo se certificou de que também não estava em casa. "Foi ter com ele! Fugiu". Lavinia chorava, torcendo as mãos com

admiração e inveja. Mas depressa se apercebeu de que Catherine não levava nada. Todos os objetos pessoais do quarto estavam intatos. E então deu um salto perante a hipótese de a moça ter ido longe demais, não por ternura, mas por ressentimento. "Seguiu-o até à porta dele! Apareceu-lhe lá no apartamento". Era nestes termos que Mrs. Penniman imaginava a fuga da sobrinha, o que, visto a esta luz, agradava ao seu sentido do pitoresco apenas um nadinha menos do que a ideia de um casamento clandestino. Visitar o noivo, por entre lágrimas e censuras, na sua própria residência, era uma imagem tão agradável ao espírito de Mrs. Penniman, que ela sentiu como que um desapontamento estético por lhe faltar, neste caso, o acompanhamento harmonioso da escuridão e da tempestade.

Uma tarde calma de domingo parecia-lhe um cenário pouco próprio; na verdade, Mrs. Penniman estava bastante mal disposta com as condições do tempo, que passava muito lentamente enquanto ela, sentada na sala da frente com o seu chapéu e o seu xale de caxemira, aguardava o regresso de Catherine.

O que aconteceu finalmente. Viu-a, da janela, subir a escada e foi esperá-la no vestíbulo, onde se precipitou para ela mal entrou em casa. Arrastou-a para a sala, fechando a porta majestosamente. Catherine estava corada e tinha os olhos brilhantes. Mrs. Penniman não sabia o que pensar.

— Posso atrever-me a perguntar onde estiveste?inquiriu.

— Fui dar um passeio — disse Catherine. — Pensava que a tia tinha ido à igreja.

— E fui à igreja; mas o serviço foi mais curto do que de costume. E olha lá, aonde foste passear? — Não sei! — disse Catherine.

— Essa ignorância é extraordinária! Minha querida, podes confiar em mim.

— Porque é que devo confiar em si? — Por causa do teu segredo. da tua dor.

— Não tenho dor nenhuma! — disse Catherine furiosa.

— Minha pobre pequena — insistiu Mrs. Penniman — não consegues enganar-me. Sei tudo. Pediram-me que tivesse uma conversa contigo.

— Não quero conversas! — Vais ficar aliviada. Não conheces os versos de Shakespeare: "A dor que não fala!" Minha querida, é melhor assim! — O que é que é melhor? — perguntou Catherine. Estava realmente a ser perversa demais. Uma certa perversidade era admissível numa jovem cujo noivo a abandonara; mas não tanto que a mostrasse inconveniente aos defensores dele.

— Que sejas razoável — disse Mrs. Penniman com certa dureza; — que acates a prudência deste mundo, e que te submetas a considerações de ordem prática; que concordes com a. com a separação.

Até ao momento Catherine tinha-se mostrado gelada, mas com esta palavra indignou-se.

— Separação? O que é que sabe da nossa separação? Mrs. Penniman abanou a cabeça com uma tristeza em que quase havia uma sensação de ofensa.

— O teu orgulho é o meu orgulho, e as tuas susceptibilidades são também minhas. Entendo perfeitamente a tua posição, mas também — e sorria com uma intencionalidade melancólica — também entendo a situação no seu todo.

Esta intencionalidade não teve efeito em Catherine, que repetiu a pergunta com violência.

— Porque é que fala de separação? O que é que sabe disso?

— Temos de procurar resignação — disse ao acaso Mrs. Penniman hesitante mas sentenciosa.

— Resignação com quê? — Com a mudança dos... dos nossos planos.

— Os meus planos não mudaram! — disse Catherine, com um risinho. — Ah, mas os do Townsend mudaram — respondeu a tia com muita brandura.

— O que é que quer dizer com isso? Havia nesta pergunta um tom de laconismo imperioso contra o qual Mrs. Penniman se sentiu inclinada a protestar; a informação que decidira dar à sobrinha era, afinal, um favor. Tentara ser incisiva e tentara ser áspera, mas de nada lhe serviu; estava chocada com a obstinação da moça.

— Ah, bom, se ele não te disse! — e afastou-se. Catherine observou-a por um momento em silêncio; depois seguiu-a fazendo-a parar antes de chegar à porta.

— Disse-me o quê? A que é que a tia se refere? O que está a insinuar e com que me está a ameaçar? — Não está tudo acabado? — perguntou Mrs. Penniman.

— O meu noivado? Nem por sombras! — Nesse caso, peço perdão. Falei cedo demais! — Cedo demais? Cedo ou tarde — explodiu Catherine — fala tolamente e com crueldade! — Então o que se passou entre vocês? — perguntou a tia, alertada com a sinceridade desta exclamação; porque aconteceu com certeza alguma coisa. — Não aconteceu nada, a não ser eu amá-lo cada vez mais.

Mrs. Penniman Ficou calada.

— Se calhar foi por isso que foste procurá-lo esta tarde.

Catherine corou como se lhe tivessem batido.

— Pois fui, fui mesmo procurá-lo! Mas isso é comigo.

— Então muito bem; não vamos falar disso. — E Penniman dirigiu-se novamente para a porta; mas foi obrigada a parar por um súbito grito suplicante da moça.

Tia Lavinia, para onde foi ele? — Ah, então admities que ele se foi embora! Não to disseram em casa dele? — Disseram-me que saiu da cidade; não fiz mais perguntas; tive vergonha — disse Catherine com simplicidade.

— Não precisavas de ter feito uma coisa tão comprometedora se tivesses tido um pouco mais de confiança em mim — observou Mrs. Penniman com grandes ares.

— Foi para Nova Orleans? — continuou Catherine sem fazer caso.

Era a primeira vez que Mrs. Penniman ouvia falar de Nova Orleans em relação a este assunto; mas não queria deixar Catherine perceber que estava às escuras. Tentou iluminar Catherine, conforme as instruções que recebera de Morris.

— Minha querida Catherine — disse — se concordou com uma separação, para quanto mais longe ele for, melhor.

— Se concordou? Ele concordou consigo a esse respeito? — Durante os últimos cinco minutos, assaltara a a perfeita certeza da loucura metediça da tia, e ficou angustiada com o pensamento de que Mrs. Penniman fizera o que lhe apetecera em relação à sua felicidade.

— É verdade que ele me avisou por vezes — disse Mrs. Penniman.

— Então foi a tia que o modificou e que o fez parecer tão pouco natural? — exclamou Catherine. — Foi a tia que o convenceu a deixar-me? Ele não lhe pertence, e não entendo como é que tem alguma coisa a ver com o que se passa entre nós! Foi a tia que fez esta intriga e lhe disse para me deixar? Como pôde ser tão malvada, tão cruel? O que foi que eu lhe fiz? Porque não me deixa em paz? Eu bem receava que estragasse tudo; porque a tia estraga mesmo tudo o que toca! Tive sempre medo de si, todo o tempo que estivemos fora; não ficava descansada quando pensava que estava constantemente a falar com ele. Catherine prosseguiu com crescente veemência, extravasando, na sua amargura e na clarividência da sua paixão (que, de súbito, a fez julgar a tia, decisivamente e sem apelo) a inquietação que durante tantos meses pesara sobre o seu coração.

Mrs. Penniman ficou assustada e desorientada; não viu maneira de introduzir na conversa a sua referenciuzinha à pureza dos motivos de Morris.

— És muitíssimo ingrata! — gritou. — Censuras-me por conversar com ele? Tenho certeza de que nunca falamos senão de ti.

— Pois; e foi assim que a tia o aborreceu; fartou-o do meu próprio nome! Quem me dera que nunca lhe tivesse falado de mim; eu nunca lhe pedi ajuda! — Tenho certeza de que, se não fosse por mim, ele nunca teria vindo cá a casa, e tu nunca terias sabido o que ele pensava de ti — acrescentou Mrs. Penniman, muito justamente.

— Quem me dera que ele nunca tivesse vindo cá a casa e que eu nunca o tivesse conhecido! Seria melhor do que isto — disse a pobre Catherine. — És uma pessoa muito ingrata — repetiu a tia Lavinia.

A explosão de raiva de Catherine e a sensação de injustiça deram-lhe, enquanto duraram, a satisfação que vem de qualquer manifestação de força; estimularam-na, e há sempre uma espécie de prazer em aclarar a atmosfera. Mas, no fundo, ela detestava ser violenta e tinha consciência da sua falta de aptidão para ressentimentos prolongados. Acalmou-se com grande esforço mas também com grande rapidez e pôs-se a passear pelo aposento por uns momentos, tentando dizer a si mesma que a tia fizera tudo pelo melhor. Não

conseguiu dizê-lo com grande convicção, mas daí a pouco pôde falar com bastante calma.

— Não sou ingrata, mas sou muito infeliz. É difícil ser grato por isso — disse ela. — Quer fazer o favor de me dizer onde é que ele está? — Não faço a mínima ideia; não me correspondo com ele em segredo! — E Mrs. Penniman desejou na verdade corresponder-se mesmo com ele, para lhe poder contar como Catherine a injuriara, depois de tudo que ela fizera.

— Ele tinha então intenção de romper? — Nesta altura Catherine estava completamente calma.

Mrs. Penniman vislumbrava de novo uma oportunidade para explicar. — Ele retraiu-se. retraiu-se — disse; — faltou-lhe coragem, mas coragem para te prejudicar! Não pôde suportar a ideia de fazer cair sobre ti a maldição do teu pai.

Catherine ouviu isto com os olhos fixos na tia, e continuou a olhá-la espantada ainda por algum tempo. — Ele pediu-lhe para me dizer isso? — Pediu-me para dizer muitas coisas, todas tão delicadas, tão conscienciosas; e pediu-me para te dizer que esperava que tu não o desprezasses.

— Não o desprezo — disse Catherine; e acrescentou: — E ele foi-se embora para sempre? — Ora, para sempre é muito tempo. O teu pai talvez não viva para sempre. — Talvez não.

— Tenho certeza de que tu o aprecias, de que compreendes, embora tenhas o coração a sangrar — disse Mrs. Penniman. — Se calhar acha-lo escrupuloso demais. Eu também, mas respeito os seus escrúpulos. O que ele te pede é que faças o mesmo.

Catherine olhava ainda para a tia espantada, mas por fim falou como se não a tivesse ouvido ou entendido.

— Então foi mesmo um plano. Rompeu deliberadamente; desistiu de mim.

— Por agora, Catherine querida, ele apenas adiou.

— Deixou-me sozinha — prosseguiu Catherine.

— Não me tens a mim? — perguntou Mrs. Penniman com certa solenidade.

Catherine abanou a cabeça lentamente.

— Não acredito! — E saiu da sala.

## CAPÍTULO 31

Embora se tivesse forçado a estar calma, preferiu praticar esta virtude a sós, e absteve-se de aparecer para o chá — refeição esta que, aos domingos pelas seis horas, substituía o jantar. O Dr. Sloper e a irmã estavam em frente um do outro, mas Mrs. Penniman nunca encontrou o olhar do irmão. Mais tarde, foi com ele mas sem Catherine a casa da irmã Almond, onde a infeliz situação de Catherine foi discutida entre as duas senhoras com uma franqueza condicionada por muitas misteriosas reticências por parte de Mrs. Penniman.

— Estou encantada por ele não casar com ela — disse Mrs. Almond. — Mas mesmo assim acho que ele devia ser chicoteado.

Mrs. Penniman chocada com a rudeza da irmã, replicou que ele fora levado pelos motivos mais nobres: o desejo de que Catherine não ficasse pobre. — Estou muito feliz por a Catherine não ficar pobre, mas espero que a ele nunca lhe sobre um tostão E o que te diz a pobre pequena? — perguntou Mrs. Almond.

— Diz que eu sou um gênio para a consolar — respondeu Mrs. Penniman.

E foi assim que ela descreveu os acontecimentos à irmã, e foi talvez com a consciência de ser um gênio que, ao voltar essa noite a Washington Square, se apresentou à porta do quarto de Catherine. Catherine veio abrir; estava aparentemente muito calma.

— Só queria dar-te um conselho — disse. — Se o teu pai te perguntar, diz-lhe que tudo continua.

Catherine tinha a mão no puxador da porta e olhava para a tia, mas não lhe pediu que entrasse.

— Acha que ele me vai perguntar? — Tenho certeza que sim. Perguntou-me mesmo agora, quando vínhamos da casa da tia Elizabeth. Expliquei tudo à tia Elizabeth. Disse ao teu pai que não sabia de nada.

— Acha que ele me vai perguntar, quando vir... quando vir? — Mas Catherine calou-se.

— Quanto mais vir, mais desagradável se mostrará — disse a tia.

— Pois vai ver tão pouco quanto possível! — declarou Catherine.

— Diz-lhe que vais casar.

— E vou — disse Catherine com brandura; e fechou a porta na cara da tia.

Não poderia dizer isto dois dias depois; na terça-feira, quando recebeu finalmente uma carta de Morris Townsend. Era uma epístola de tamanho considerável, com cinco grandes páginas quadradas, e escrita em Filadélfia. Era um documento explicativo, e explicava muitas, muitas coisas, sendo a principal as considerações que haviam levado o autor a aproveitar uma urgente ausência profissional para tentar banir do seu espírito a imagem daquela cujo caminho cruzara, apenas para o encher de escolhos. Atrevia-se a esperar apenas um sucesso parcial nesta tentativa, mas podia prometer-lhe que, fosse qual fosse o seu insucesso, nunca mais se interporia entre aquele coração generoso com brilhantes perspectivas e os deveres filiais. Terminava com a sugestão de que os seus deveres profissionais poderiam obrigá-lo a viajar durante alguns meses, e com a esperança de que, quando ambos se tivessem adaptado ao que estava implacavelmente envolvido nas suas respetivas posições — mesmo que tal não fosse atingido durante anos — se pudessem encontrar como amigos, como irmãos do sofrimento, como vítimas inocentes, mas conformadas, de uma grande lei social. Que a vida dela fosse calma e feliz era o maior desejo daquele que ainda ousava subscrever-se seu mais atento servidor. A carta estava muito bem escrita, e Catherine, que a guardou durante muitos anos, conseguiu, quando a percepção da mordacidade do seu significado e da falsidade do seu tom se tornou menos aguda, admirar a elegância de expressão. Para já, e durante muito tempo depois de a ter recebido, tudo o que ela possuía para a ajudar era a determinação, cada dia mais forte, de não apelar à compaixão do pai.

Este deixou passar uma semana e depois, um dia de manhã a uma hora em que ela raramente o via, entrou na sala das traseiras. Tinha estado atento e encontrou-a sozinha. Estava sentada com um trabalho nas mãos e ele foi colocar-se em frente dela. Ia a sair; tinha posto o chapéu e estava a calçar as luvas.

— Não me parece que estejas a tratar-me com toda a consideração que mereço — disse ele de repente.

— Não sei o que é que eu fiz — perguntou Catherine com os olhos no trabalho.

— Aparentemente baniste da memória o pedido que te fiz em Liverpool antes de embarcarmos: o pedido que me avisasses com antecedência antes de deixares a minha casa.

— Não deixei a sua casa — disse Catherine.

— Mas tencionas deixá-la e, pelo que me deste a entender, a tua partida deve estar iminente. A verdade é que, embora ainda cá estejas em corpo, já estás ausente em espírito. A tua mente fez residência com o teu marido em perspectiva, e tu também poderias bem viver sob o teto conjugal, dado o grande benefício que tiramos da tua companhia.

— Vou tentar ser mais alegre — disse Catherine.

— Claro que devias estar alegre; se não estás é porque pedes muito. Ao prazer de casar com um rapaz encantador juntas o de fazeres a tua vontade; para mim és uma jovem cheia de sorte! Catherine levantou-se, estava sufocada. Mas dobrou o trabalho deliberada e corretamente, inclinando sobre ele o rosto ardente. O pai continuava onde se tinha plantado; ela tinha esperança de que ele se fosse, mas ele alisava e abotoava as luvas, e depois pôs as mãos sobre as ancas. — Seria conveniente que eu soubesse quando posso esperar que a casa fique vazia — prosseguiu ele. Quando tu fores, a tua tia marcha.

Por fim ela olhou-o com um olhar demorado e silencioso que, a despeito do seu orgulho e da sua resolução deixava transparecer parte do apelo que desejara não fazer. Os frios olhos cinzentos do pai sondaram os dela e ele insistiu na sua.

— É amanhã? É na próxima semana, ou na que se segue?

— Não vou embora! — disse Catherine.

O doutor arqueou as sobrancelhas: — Ele recuou?

— Rompi o noivado.

— Rompeu?

— Pedi para sair de Nova York e ele foi embora por muito tempo.

O doutor estava simultaneamente intrigado e desapontado, mas resolveu a sua perplexidade dizendo

para consigo que a filha simplesmente deturpava os fatos, o que era justificável; e aliviou o desapontamento de alguém que perdera a oportunidade de gozar um pequeno triunfo que contava, com algumas palavras que proferiu em voz alta: — Como foi que ele recebeu a ruptura? — Não sei! — disse Catherine menos habilidosamente do que falara até então.

— Queres dizer que não te interessa? És um tanto cruel, depois de o encorajares e de teres brincado com ele durante tanto tempo! O doutor tivera a sua vingança, afinal.

## CAPÍTULO 32

Até aqui a nossa história tem avançado a passos muito curtos, mas como se aproxima do fim temos de ir a passos largos. À medida que o tempo passava, pode ter parecido ao doutor que o relato da ruptura feito pela filha, que considerara uma mera fanfarronada, era até certo ponto justificado por tudo o que se seguiu. Morris continuava tão ininterrupta e rigorosamente ausente como se tivesse morrido com o coração destroçado, e Catherine tinha aparentemente enterrado a recordação deste episódio estéril, tão fundo como se ele tivesse terminado por opção sua. Nós sabemos que ela ficara profunda e incuravelmente ferida, mas o doutor não tinha maneira de o saber, e teria dado muito para descobrir a verdade exata; mas o seu castigo foi nunca vir a sabê-la — o seu castigo, quero eu dizer, pelo abuso do sarcasmo nas suas relações com a filha. Havia uma boa porção de autêntico sarcasmo no fato de ela o manter na ignorância e, neste sentido, o resto do mundo conspirava com ela sendo sarcástico. Mrs. Penniman nada lhe disse, em parte porque ele nunca lhe perguntou — tinha-a em fraca conta para isso — e em parte porque lhe agradava a ideia de que uma reserva arreliadora e uma serena profissão de ignorância a vingariam da teoria do irmão segundo a qual ela se intrometera no caso. Foi visitar Mrs. Montgomery por duas ou três vezes, mas Mrs. Montgomery nada tinha para informar. Sabia apenas que o noivado do irmão se rompera: e agora que Miss Sloper estava fora de perigo, preferia não dar qualquer testemunho contra Morris. Tinha-o feito antes — embora contra vontade porque tivera pena de Miss Sloper. Mas agora não tinha de todo pena de Miss Sloper — pena nenhuma. Morris nada lhe dissera acerca das suas relações com Miss Sloper na altura própria, e desde então também não lhe contara nada. Estava sempre fora e raramente lhe escrevia; estava convencida de que ele fora para a Califórnia. Segundo a irmã, Mrs. Almond "tinha-se dedicado" muito a Catherine desde a recente catástrofe; mas, embora a moça lhe estivesse muito grata pelo seu carinho, não lhe revelava os seus segredos e a boa senhora não podia satisfazer o doutor. Porém, mesmo que lhe pudesse contar a história do amor infeliz da filha, dar-lhe-ia um certo conforto deixá-lo na ignorância; porque nesta altura Mrs. Almond não estava de todo em sintonia com o irmão. Tinha adivinhado por si própria que Catherine fora cruelmente abandonada — nada soube por Mrs. Penniman que não se atrevera a apresentar-lhe a famosa explicação das razões de Morris, embora pensasse que ela servia perfeitamente para Catherine — e achava o irmão demasiado indiferente ao que a pobre moça devia ter sofrido e devia estar ainda a sofrer. O Dr. Sloper tinha a sua teoria, e raramente alterava as suas teorias. O casamento teria sido abominável, e fora uma bênção a filha ter escapado. Não havia que ter pena dela por isso, e fingir lamentá-la seria admitir a ideia de que ela tivera sempre o direito de pensar em Morris.

— Desde o princípio que fui contra essa ideia e continuo a sê-lo — disse o doutor. — Não vejo nisso nada de cruel e nunca será demais manter esta atitude. A isto respondeu Mrs. Almond mais do que uma vez que, se Catherine se livrara do seu indesejável apaixonado, o mérito fora dela, e que sujeitar-se à esclarecida opinião do pai sobre o assunto lhe devia ter custado um esforço que ele tinha a obrigação de apreciar.

— Não tenho certeza alguma de que foi ela que se livrou dele — disse o doutor. — Não existe a mínima probabilidade de que ela tenha subitamente atendido à razão, depois de ter sido durante dois anos teimosa como uma mula. É muitíssimo mais provável que tenha sido ele a livrar-se dela. — Mais uma razão para ser carinhoso com ela.

— Eu sou carinhoso com ela. Mas não posso ser patético; não posso bombear lágrimas até aos olhos para parecer simpático pela coisa mais afortunada que lhe aconteceu na vida.

— Não tens compaixão — disse Mrs. Almond nunca foi o teu forte. Basta olhar para ela para ver que,

mal ou bem, e quer a ruptura tenha partido dele ou dela, o seu pobre coraçãozinho está gravemente ferido.

— Tratar feridas ou mesmo derramar lágrimas sobre elas não as torna melhores! O que me compete é ver que ela não sofra mais choques, e disso vou tratar com o maior cuidado. Mas não concordo de todo com a descrição que fazes da Catherine. Não me parece de todo uma moça que anda à procura de consolo. A verdade é que me parece muito melhor do que quando o tipo andava à volta dela. Está perfeitamente tranquila e florescente; come e dorme, dá as suas voltas habituais e, como de costume, farta-se de fazer trabalhos de mão. Está sempre a tricotar qualquer bolsa ou a bordar qualquer lenço, e parece-me que os termina tão rapidamente como sempre. Não tem muito para dizer; mas quando foi que ela teve alguma coisa para dizer? Dava o seu pezinho de dança e agora fica sentada descansando. Desconfio que, no fundo, até gosta.

— Gosta como se gosta de nos vermos livres de uma perna que foi esmagada. O estado de espírito depois de uma amputação é, sem dúvida, de relativo repouso.

— Se a perna é uma metáfora para o jovem Townsend, garanto-te que ele nunca foi esmagado. Esmagado? Ele, nunca! Está vivo e perfeitamente intato; e é por isso que eu não estou satisfeito.

— Gostaria de matá-lo? — perguntou Mrs. Almond.

— Ah, sim, gostaria muito. Acho que é muito possível que tudo seja uma simulação.

— Uma simulação?

— Uma combinação entre eles. *Il fait le mort*, como dizem em França; mas espregueada pelo canto do olho. Podes ter certeza de que ele ainda não queimou os barcos todos. Guardou um para regressar. Quando eu tiver morrido, ele volta a embarcar e então ela casa com ele.

— É interessante saber que acusas a tua única filha de ser a mais vil das hipócritas — disse Mrs. Almond.

— Não vejo que diferença faz ela ser a minha única filha. É preferível acusar uma do que uma dúzia delas. Mas não acuso ninguém. Não há na Catherine a mínima hipocrisia, e nego que ela sequer finja estar muito infeliz.

A ideia do doutor de que a coisa era uma "simulação" teve as suas intermitências e renovações; mas pode dizer-se que, no todo, aumentava à medida que ele envelhecia, juntamente com a sua convicção do estado tranquilo e florescente de Catherine. Evidentemente, se ele não encontrou razões para a considerar uma donzela desprezada durante os dois anos que se seguiram à sua grande aflição, tão pouco as encontrou na altura em que ela já recuperara completamente o seu autodomínio. Era obrigado a reconhecer que, se os dois jovens estavam à espera de que ele lhes saísse do caminho, esperavam pelo menos com muita paciência. De tempos a tempos ouvia dizer que Morris estava em Nova York. Mas nunca lá ficava muito tempo e, que o doutor soubesse, não comunicava com Catherine. Tinha certeza de que nunca se encontravam, e tinha razões para acreditar que Morris nunca lhe escrevia. Depois da carta mencionada, ela soube dele mais duas vezes, com intervalos consideráveis; mas em nenhuma dessas ocasiões ela própria escreveu. Por outro lado, conforme o doutor observava, ela furtava-se firmemente à ideia de casar com qualquer outra pessoa. As oportunidades de o fazer não eram muitas, mas ocorriam com frequência suficiente para testar as suas intenções. Recusou um viúvo, um homem de mau gênio mas com uma grande fortuna e três filhas pequenas (que ouvira dizer que ela gostava muito de crianças e pensava nas suas com certa confiança); e fez orelhas moucas às solicitações de um jovem e inteligente advogado que, na perspectiva de uma grande clientela e com a reputação de ser um homem extremamente agradável, tivera a esperteza, quando decidiu procurar mulher, de acreditar que ela lhe serviria muito melhor do que outras mais jovens e mais bonitas. Mr. Macalister, o viúvo, quisera fazer um casamento de conveniência e escolhera Catherine pelo que ele julgava serem as suas qualidades latentes de mãe de família; mas John Ludlow, que era um ano mais novo do que a moça e de quem sempre se dizia ser um homem que poderia ter a sua linhagem, estava seriamente apaixonado por ela. Mas Catherine nem sequer o via; fê-lo saber que achava que ele a visitava com demasiada frequência. Depois ele consolou-se e casou com uma pessoa muito diferente, a pequenina Miss Sturtevant, cujos atractivos eram óbvios ao entendimento mais bronco. Na altura destes acontecimentos, Catherine deixara já para trás os trinta anos, e passara a ocupar o seu lugar de solteirona. O pai preferiria que ela casasse, e disse-lhe uma vez que esperava que ela não fosse demasiado

exigente.

— Antes de morrer, gostaria de te ver casada com um homem honesto — disse ele.

Isto depois de John Ludlow ter sido obrigado a desistir, embora o doutor o aconselhasse a teimar. O doutor não exerceu mais pressões, e tinha a reputação de não se preocupar com o celibato da filha; a verdade é que se preocupava mais do que parecia, e houve longos períodos em que ele tinha certeza de que Morris Townsend estava escondido atrás de qualquer porta. "Se não está, porque não se casa ela?" interrogava-se. "Por muito limitada que seja a sua inteligência, deve compreender perfeitamente que é feita para fazer o que é costume. Porém, Catherine tornou-se uma solteirona admirável. Ganhou hábitos, regulou os seus dias segundo um sistema próprio, interessou-se por instituições de caridade, hospícios, hospitais e associações de beneficência; e percorreu, com passo harmônico e discreto, os rígidos afazeres da sua vida. Esta tinha, no entanto, uma história secreta e uma história pública — se é que se pode falar da história pública de uma solteirona madura e tímida, para quem a publicidade era sempre um conjunto de terrores. Do seu ponto de vista, os grandes fatos da sua vida eram Morris Townsend ter brincado com o seu amor, e o pai ter despedaçado a sua juventude. Nada poderia jamais alterar estes fatos; estavam sempre ali; tal como o seu nome, a sua idade, o seu rosto vulgar. Ninguém poderia jamais desfazer o mal ou curar a ferida que Morris lhe infligira, e nada poderia jamais fazê-la sentir pelo pai o que sentira quando era nova. Na sua vida algo morrera, e o seu dever era tentar encher o vazio. Catherine reconhecia este dever ao máximo; desaprovava totalmente choros e lamentos. Não tinha, evidentemente, disposição para apagar as suas recordações divertindo-se; mas participava livremente nos divertimentos habituais da cidade, e tornou-se por fim uma figura inevitável em todos os acontecimentos sociais. Era muito estimada e, à medida que o tempo passava, transformou-se numa espécie de simpática tia solteirona das gerações mais jovens. As moças gostavam de lhe confiar os seus casos amorosos (o que nunca fizeram com Mrs. Penniman) e os rapazes gostavam dela sem saber porquê. Desenvolveu algumas excentricidades inofensivas; os seus hábitos, uma vez adquiridos, eram rigidamente conservados; as suas opiniões sobre questões morais e sociais eram extremamente conservadoras; e antes dos quarenta anos já era considerada uma pessoa à moda antiga e uma autoridade em costumes já extintos. Em compensação, Mrs. Penniman era uma figura pueril; ficava cada vez mais nova à medida que avançava na vida. Não perdeu nada do seu gosto pela beleza e pelo mistério, mas tinha poucas oportunidades para o exercer. Com os pretendentes de Catherine nunca mais conseguiu estabelecer relações tão íntimas como as que lhe tinham proporcionado horas tão agradáveis na companhia de Morris Townsend. Esses senhores tinham uma desconfiança indefinível dos seus bons ofícios e nunca conversavam com ela a respeito dos encantos de Catherine. Os seus caracóis, as suas fivelas e as suas pulseiras brilhavam mais com o correr dos anos, e ela continuava a ser a mesma intrometida e imaginativa Mrs. Penniman — uma estranha mistura de impetuosidade e circunspecção que já conhecemos. Contudo, no que toca a determinado ponto, prevaleceu a circunspecção, pelo que devemos dar-lhe o devido crédito. Durante mais de dezessete anos nunca mencionou à sobrinha o nome de Morris Townsend. Catherine estava-lhe grata, mas este silêncio prolongado, tão pouco próprio do carácter da tia, fazia-a desconfiar, e nunca conseguiu livrar-se completamente da suspeita de que Mr. Penniman tinha alguma vez notícias dele.

## CAPÍTULO 33

Pouco a pouco, o Dr. Sloper retirara-se da profissão; visitava apenas os doentes em cujos sintomas detetava uma certa originalidade. Voltou à Europa e por lá ficou dois anos; Catherine foi com ele, e dessa vez Mrs. Penniman fez parte do grupo. Aparentemente, a Europa tinha poucas surpresas para Mrs. Penniman que, nos lugares mais românticos, observava frequentemente: "Sabem, tudo isto me é familiar." Deve acrescentar-se que estas observações não eram habitualmente dirigidas ao irmão, nem sequer à sobrinha, mas a outros turistas que estivessem à mão, ou mesmo ao cicerone ou ao chefe dos grupos. Um dia, depois de regressar da Europa, o doutor disse à filha uma coisa que a fez estremecer; parecia vir de um passado tão distante! — Gostava que me prometesses uma coisa antes de eu morrer.

— Porque fala em morrer? — Porque tenho sessenta e seis anos.

— Espero que viva muito tempo — disse Catherine.

— Espero que sim! Mas um dia destes apanho uma constipação e então não interessa muito o que se espera. Será a maneira de eu sair de cena, e quando isso acontecer, lembra-te do que eu te disse. Promete-me que não casas com o Morris Townsend depois de eu desaparecer.

Foi isto que fez Catherine estremecer, como já disse; mas o seu estremecimento foi silencioso, e por alguns momentos não respondeu nada.

— Porque é que fala nele? — perguntou por fim.

— Discutes tudo o que eu digo. Falo nele porque é um assunto de conversa como qualquer outro. Um dia vai aparecer, como qualquer outra pessoa, e continua à procura de mulher; já teve uma mas livrou-se dela não sei como. Ultimamente tem estado em Nova York em casa da tua prima Marian; a tia Elizabeth viu-o lá.

— Nenhuma delas me disse — respondeu Catherine.

— O mérito é delas e não teu. Está gordo e careca, e não fez fortuna. Mas não consigo acreditar que estes fatos só por si te endureçam o coração em relação a ele, e é por isso que te peço que me prometas.

"Gordo e careca". Estas palavras apresentavam à memória de Catherine uma imagem estranha, pois nela a recordação do rapaz mais bonito do mundo nunca se desvanecera.

— Acho que o pai não compreende — disse ela. Penso muito raramente em Mr. Townsend.

— Então será muito fácil continuar assim. Promete-me que, depois de eu morrer, farás o mesmo.

Durante alguns momentos, Catherine ficou de novo calada. O pedido do pai espantava-a profundamente; abria uma velha ferida e fazia-a doer novamente.

— Acho que não posso prometer isso — respondeu.

— Seria uma grande satisfação — disse o pai.

— O pai não percebe. Não posso prometer isso.

O doutor ficou calado por um minuto: — Peço-te por uma razão especial. Estou a alterar o testamento.

Esta razão não chocou Catherine; e na verdade ele mal a entendeu. Todos os seus sentimentos se fundiam na sensação de que ele pretendia tratá-la como a tratara anos atrás. Sofrera então com isso; e agora toda a sua experiência, toda a tranquilidade e austeridade adquiridas protestavam. Fora tão humilde na sua juventude que podia agora permitir-se algum orgulho, e havia no pedido dele e no fato de se julgar no direito de formular algo que parecia uma ofensa à sua dignidade. A dignidade da pobre Catherine não era agressiva; nunca estava pronta a atacar; mas se se forçasse bastante era possível encontrá-la. O pai forçara demais.

— Não posso prometer — repetiu ela simplesmente.

— És muito teimosa — disse o doutor.

— Acho que o pai não compreende.

— Então explica, por favor.

— Não sei explicar — disse Catherine — e não posso prometer.

— Palavra de honra — exclamou o pai — não fazia ideia de quanto és teimosa! Ela própria sabia que era teimosa, e isso dava-lhe uma certa alegria. Era agora uma mulher de meia-idade.

Cerca de um ano depois disto aconteceu o acidente de que o doutor falara: apanhou uma enorme constipação. Ao ir a Bloomingdale num dia de Abril para ver um doente louco que estava internado num hospício particular e cuja família queria uma opinião médica de um clínico notável, foi apanhado por uma chuvada de Primavera e, como ia de buggy sem capota ficou encharcado até aos ossos. Chegou a casa com uns arrepios de mau goirotto e na manhã seguinte estava gravemente doente.

— É uma infecção pulmonar — disse para Catherine. — Preciso de muitos cuidados. Não vai fazer diferença, porque não vou melhorar; mas quero que se faça tudo até ao mais pequeno pormenor, como se fosse. Detesto um quarto de doente mal arranjado, e terás a bondade de me tratar, na hipótese de me curar. Disse-lhe quais dos seus colegas devia mandar chamar e deu-lhe uma imensidade de indicações minuciosas; era uma hipótese optimista ela tratá-lo. Mas ele nunca se enganara na sua vida e também não se enganava agora. Estava quase com setenta anos e, embora fosse bem constituído, o seu domínio sobre a vida perdera firmeza. Morreu após três semanas de doença, durante as quais Mrs. Penniman, assim como a filha, foram assíduas junto do seu

leito.

Quando se abriu o testamento, depois de um intervalo decente, verificou-se que ele consistia em duas partes. A primeira datada de dez anos antes, e continha uma série de disposições pelas quais deixava à filha a maioria dos seus bens, com doações importantes para as duas irmãs. A segunda era um apêndice de origem recente que mantinha as anuidades para Mrs. Penniman e Mrs. Almond mas reduzia a parte de Catherine para um quinto do que lhe legara primeiro.

Ela já tem bastante pelo lado da mãe — dizia o documento — nunca tendo gasto mais do que uma fracção do seu rendimento desta proveniência; e por isso a sua fortuna é agora mais do que suficiente para os aventureiros sem escrúpulos que ela me deu razões para acreditar que continua a considerar uma classe interessante. Portanto, o muito que restava dos seus bens, o Dr. Sloper tinha-o dividido em sete partes desiguais que deixou como doação a muitos e diferentes hospitais e escolas médicas em diversas cidades da União.

A Mrs. Penniman parecia monstruoso que um homem pregasse semelhantes partidas com o dinheiro dos outros; porque depois da sua morte, como ela dizia, o dinheiro era dos outros.

— Está claro que vais imediatamente anular o testamento — observou ela para Catherine.

— Ah, não — respondeu Catherine. — Gosto muito dele. Só queria que estivesse redigido de uma maneira um pouco diferente!

## CAPÍTULO 34

Era seu hábito ficar na cidade até quase ao fim do Verão; preferia a casa de Washington Square a qualquer outra, e era protestando que costumava ir para a praia durante o mês de Agosto. Junto do mar, passava o seu mês num hotel. No ano em que o pai morreu interrompeu este costume, pensando que ele não era consentâneo com o luto pesado; e no ano seguinte adiou a partida até tão tarde que o meio de Agosto ainda a encontrou na solidão aquecida de Washington Square. Mrs. Penniman, que gostava de mudar, estava geralmente ansiosa por uma visita ao campo; mas nesse ano sentia-se perfeitamente satisfeita com as impressões rurais que, da janela da sala, podia colher dos aliantos por trás da cerca de madeira. O perfume peculiar destas árvores misturava-se com o ar da noite, e Mrs. Penniman, nas noites quentes de Julho, ficava por vezes sentada à janela a respirá-lo. Era uma época feliz para Mrs. Penniman; depois da morte do irmão sentia-se mais livre para seguir os seus impulsos. Da sua vida desaparecera uma vaga opressão, e gozava a sensação de liberdade da qual não tivera consciência desde os tempos memoráveis e tão distantes quando o doutor fora para o estrangeiro com Catherine e a deixara em casa, recebendo Morris Townsend. O ano que passara desde a morte do irmão fizera-a recordar esses tempos felizes porque, embora Catherine ao envelhecer se tivesse tornado uma pessoa difícil, no entanto a sua companhia era uma coisa muito diferente, como dizia Mrs. Penniman, da de um tanque de água fria.

A senhora mal sabia o que fazer desta maior largueza da sua vida; ficava sentada a olhar para ela, como fizera muitas vezes, com a agulha na mão, em frente do bastidor. Porém, tinha uma esperança confiante em que os seus preciosos impulsos, o seu talento para bordar, ainda haviam de encontrar aplicação, e esta confiança foi justificada antes de terem decorrido muitos meses.

Catherine continuava a viver na casa do pai, apesar de lhe parecer que uma senhora solteira de hábitos pacatos podia encontrar um lugar para morar mais conveniente numa das casas menores com fachada de pedra marrom que nessa altura começavam a enfeitar as ruas transversais da parte mais alta da cidade. Gostava daquela estrutura mais antiga — que nessa época já começava a ser chamada de "casa velha" — e propunha-se acabar nela os seus dias. Se era grande demais para duas senhoras sem pretensões, esse defeito era melhor do que o oposto; pois Catherine não queria ver-se com a tia em instalações mais acanhadas. Esperava passar o resto da vida em Washington Square e gozar a companhia de Mrs. Penniman durante todo o tempo, pois estava convencida de que, por muito que vivesse, a tia viveria pelo menos tanto e conservaria sempre o seu brilho e atividade. Mrs. Penniman sugeria-lhe a ideia de uma vitalidade magnífica.

Numa dessas noites quentes de julho que já referi, as duas senhoras estavam sentadas junto da janela aberta olhando para fora, para a praça tranquila. Estava quente demais para candeeiros acesos, para ler ou trabalhar; até poderia parecer quente demais para conversar, pois Mrs. Penniman estava calada havia muito tempo. Estava inclinada para a frente na janela, meia no parapeito, trauteando uma canção. Catherine estava dentro da sala numa cadeira de balouço baixinha; tinha um vestido branco, e agitava lentamente um grande leque de palmito. Naquela estação, era deste modo que tia e sobrinha passavam o fim da tarde, depois do chá.

— Catherine — disse finalmente Mrs. Penniman — vou dizer-te uma coisa que te vai surpreender.

— Diga lá — respondeu Catherine — gosto de surpresas e agora anda tudo tão calmo.

— Então, bem; estive com o Morris Townsend.

Se Catherine ficou surpresa não o mostrou; não estremeceu nem fez exclamações. Durante uns momentos ficou na verdade muito quieta, o que pode muito bem ter sido um sintoma de emoção.

— Espero que ele esteja bom — disse por fim.

— Não sei; está muitíssimo mudado. Gostaria muito de te ver.

— Eu prefiro não o ver — disse Catherine rapidamente.

— Receava que dissesses isso. Mas não pareces surpreendida.

— Estou, estou muito.

— Encontrei-o em casa da Marian — disse Mrs. Penniman. — Ele costuma lá ir e eles receiam que tu o encontres lá. Estou convencida de que é por isso que ele lá vai. Quer tanto ver-te.

Catherine não respondeu a isto, e Mrs. Penniman prosseguiu: — Ao princípio não o reconheci, está tão mudado! Mas ele reconheceu-me logo. Diz que eu não mudei nada. Sabes como ele era sempre amável. Vinha a sair quando eu cheguei e ainda demos uns passos juntos. Ainda está muito bonito, só que parece mais velho, claro, e não está tão, tão vivo como era. Há nele um toque de tristeza; mas já antes havia nele um toque de tristeza, principalmente quando se foi embora. Parece-me que não teve grandes êxitos, que nunca chegou a estabelecer-se completamente. Acho que não é suficientemente trabalhador e afinal é isso que conta neste mundo.

Mrs. Penniman não mencionava o nome de Morris Townsend à sobrinha havia mais de vinte anos; mas agora que quebrara o enguiço, parecia querer recuperar o tempo perdido, como se tivesse sentido uma espécie de alegria ao ouvir-se pronunciá-lo. Contudo, prosseguiu com certa cautela, interrompendo-se de vez em quando para deixar Catherine dar algum sinal. Catherine não deu qualquer outro sinal além de ter deixado de balouçar a cadeira e de abanar o leque; estava imóvel e calada.

— Foi na terça-feira passada — disse Mrs. Penniman — e desde então tenho hesitado em to contar. Não sabia se gostarias. Por fim pensei que tudo aconteceu há tanto tempo que tu, se calhar, já não sentias nada de especial. Voltei a vê-lo depois de o encontrar em casa de Marian. Encontrei-o na rua e caminhamos juntos um bocadinho. A primeira coisa que disse foi a teu respeito; fez-me imensas perguntas. A Marian não queria que eu te contasse; não queria que soubesses que o recebem. Eu disse ao Morris que tinha certeza de que depois de todos estes anos, já não podias estar sensível a isso; não podias querer que ele não fosse a casa da própria prima. Eu disse-lhe que se tu fizesses isso, então estarias na verdade muito azeda. Marian tem uma ideia extraordinária sobre o que se passou entre vocês; parece que julga que ele se comportou de uma maneira muito esquisita. Eu tomei a liberdade de lhe lembrar os fatos autênticos, e de pôr as coisas no seu lugar. Ele não está azedo, Catherine, posso garantir; e seria desculpável que estivesse, pois parece que as coisas não lhe correram muito bem. Andou por todo o mundo e por toda a parte tentou estabelecer-se. Mas a sua estrela má estava contra ele. Tudo falhou; tudo exceto, sabe, lembra seu espírito nobre e orgulhoso. Creio que se casou com uma senhora em algum lugar da Europa. Mas sabe, na Europa se casam de uma maneira tão terra-a-terra; chamam de casamento de conveniência. Ela morreu pouco depois; apenas passou rapidamente pela vida dele, conforme disse. Há dez anos que não vinha a Nova York; chegou há poucos dias. A primeira coisa que fez foi perguntar-me por ti. Ouviu dizer que nunca casaste; parecia muito interessado nisso. Disse-me que tu foste o verdadeiro romance da sua vida.

Catherine deixara a companheira ir de pormenor em pormenor e de pausa em pausa sem a interromper.

Fixou os olhos no chão e escutou. Mas a última frase que citei foi seguida de uma pausa de especial significado e então, finalmente, Catherine falou. Devemos notar que, antes de o fazer, recebera muitas informações sobre Morris Townsend.

— Por favor, não diga mais nada; por favor, não continue com esse assunto.

— Não te interessa? — perguntou Mrs. Penniman com certa malícia tímida.

— Faz-me sofrer — disse Catherine.

— Temia que dissesse isso. Mas não achas que podes habituar-te? Ele quer tanto ver-te.

— Por favor, não, tia Lavinia — disse Catherine levantando-se do seu lugar. Foi-se embora rapidamente

para a outra janela, que dava para a sacada; e aí, escondida da tia pelas cortinas brancas, ficou muito tempo, olhando a escuridão morna. Tivera um grande choque; era como se o abismo do passado se tivesse aberto de repente e uma figura espectral tivesse saído dele. Havia coisas que ela julgava ter ultrapassado, sentimentos que supunha estarem mortos; mas aparentemente havia ainda neles uma certa vitalidade. Mrs. Penniman agitara-os. Era apenas uma agitação momentânea, disse Catherine para consigo; logo passaria. Tremia, e o coração batia-lhe de tal maneira que podia senti-lo; mas também isto se desvaneceria. E então, subitamente, enquanto aguardava o regresso da calma, desatou a chorar. Mas eram lágrimas que corriam silenciosas, e Mrs. Penniman não reparou nelas. Contudo, foi talvez porque as pressentiu que nessa noite não voltou a referir-se a Morris Townsend.

## CAPÍTULO 35

A sua atenção de novo despertada para esse senhor não tinha os limites que Catherine desejava para si própria; demorou o tempo suficiente para ela ter de esperar outra semana antes de o mencionar novamente. Foi nas mesmas circunstâncias que, mais uma vez, abordou o assunto. Estava sentada ao fim da tarde com a sobrinha e, como o tempo não estava tão quente, tinham o candeeiro aceso, e Catherine sentara-se junto dele com um bordado na mão. Durante meia hora, Mrs. Penniman esteve sozinha na sacada; depois entrou e andou vagamente pelo aposento. Por fim sentou-se junto de Catherine, com as mãos entrelaçadas e um arzinho de excitação.

— Zanga comigo se eu falar dele outra vez? — perguntou.

Catherine olhou-a calmamente: — Quem é ele?

— Aquele que você amou noutros tempos.

— Não me zango, mas não gosto.

— Mandou um recado — disse Mrs. Penniman. Prometi dar, e tenho de cumprir a promessa.

— Em todos estes anos Catherine tivera tempo para esquecer o pouco que tinha a agradecer à tia na fase da sua desgraça; há muito perdoara a Mrs. Penniman o ter-se intrometido demais. Mas por um momento, esta atitude de intervenção e de indiferença, este levar e trazer recados e cumprir promessas, trouxe-lhe de novo a sensação de que a tia era uma mulher perigosa. Dissera que não ficaria zangada; mas por um instante ficou irritada.

— Não quero saber da sua promessa — respondeu. Porém, Mrs. Penniman, com a sua concepção da santidade dos compromissos, insistiu na sua.

— Já fui longe demais para desistir — disse, embora não se desse ao trabalho de explicar o que esta frase significava exatamente. — Mr. Townsend deseja muito ver-te, Catherine; acredita que se tu soubesses quanto e porque o deseja, consentirias.

— Não pode haver nenhuma razão, nenhuma razão válida — disse Catherine.

— A felicidade dele depende disso. Não é uma razão válida? — perguntou Mrs. Penniman incisivamente.

— Para mim não. A minha felicidade não depende disso.

— Acho que vai se sentir mais feliz depois que o vir. Ele vai outra vez embora, vai retomar as viagens.

Tem uma vida muito solitária, muito inquieta e sem alegrias. Antes de partir quer falar com você; é uma ideia fixa que ele tem, está sempre a pensar nisso. Tem qualquer coisa muito importante a dizer-te. Acha que tu nunca o compreendeste, nunca o julgaste corretamente, e esta convicção tem-lhe sempre pesado terrivelmente. Pretende justificar-se; julga que o pode fazer em muito poucas palavras. Quer encontrar-se contigo como amigo. Catherine escutou este discurso maravilhoso sem deixar de trabalhar; tivera vários dias para se habituar de novo a pensar em Morris Townsend como real. Quando o discurso acabou, ela disse simplesmente: — Faça o favor de dizer a Mr. Townsend que eu quero que ele me deixe em paz.

Mal tinha acabado de falar quando a campainha da porta vibrou, aguda e insistentemente, pela noite de Verão. Catherine olhou para o relógio; marcava as nove e um quarto — uma hora tardia para as visitas,

especialmente estando a cidade vazia. No mesmo momento Mrs. Penniman estremeceu ligeiramente, e os olhos de Catherine voltaram-se para ela. Encontraram os de Mrs. Penniman, e por um instante sondaram-nos. A tia estava corada. Tinha um ar consciente, que confessava qualquer coisa. Catherine adivinhou-lhe o significado e levantou-se rapidamente da cadeira.

— Tia Penniman — disse num tom que assustou a outra — será que tomou a liberdade? — Minha querida Catherine — gaguejou a tia — espera até que o veja!

Catherine assustara a tia, mas ela própria estava também assustada: estava a ponto de ir dar ordens ao criado, que se dirigia para a porta, para que não deixasse entrar ninguém. Mas o receio de encontrar o visitante deteve-a.

— Mr. Morris Townsend.

Foi isto que ouviu, dito pelo criado vaga mas audivelmente, enquanto hesitava. Tinha as costas voltadas para a porta da sala, e por uns momentos manteve-se voltada, sentindo que ele entrara. Porém, não falara e por fim ela encarou-o. Viu então um senhor em pé no meio da sala, da qual a tia se retirara discretamente.

Nunca o teria reconhecido. Tinha quarenta e cinco anos, e a sua figura já não era a do rapaz desempenado e magro que ela recordava. Mas era uma presença muito agradável. e a barba bonita e lustrosa que se espalhava sobre o queixo largo contribuía para o efeito. Passado um momento, Catherine reconheceu a parte superior do rosto que, embora o cabelo farto e encaracolado se tivesse tornado raro, era ainda notavelmente bonito. Mantinha uma atitude profundamente diferente, e tinha os olhos postos no rosto dela.

— Atrevi-me, atrevi-me: — disse ele e calou-se olhando à sua volta, como se esperasse que ela o mandasse sentar. Era a antiga voz, mas não tinha o antigo encanto. Durante um minuto, Catherine teve consciência da determinação nítida de não o convidar a sentar-se. Porque viera? Tinha feito mal em vir. Morris estava embaraçado, mas Catherine não o ajudou. Não era que estivesse contente com o seu embaraço; pelo contrário, ele sugeria-lhe todas as suas sujeições do mesmo gênero, e magoava-a muito. Mas como podia recebê-lo com agrado, quando sentia tão intensamente que ele não deveria ter vindo? — Queria tanto. estava resolvido — prosseguia Morris. Mas calou-se de novo; não era fácil. Catherine continuava calada, e ele podia bem ter-se recordado da sua antiga aptidão para o silêncio. Contudo, continuava a mirá-lo e, enquanto isso, fez a mais estranha das observações. Parecia ser ele, e no entanto não era ele; era o homem que tinha sido tudo, e no entanto aquela pessoa não era nada. Há quanto tempo fora — quanto ela envelhecera — quanto vivera! Vivera de qualquer coisa relacionada com ele, e esgotara-a ao fazê-lo. Aquela pessoa não parecia infeliz. Estava bom e bem conservado, muito bem vestido, maduro e inteiro. À medida que Catherine o olhava, a história da vida dele definia-se nos olhos; levava uma vida confortável e nunca fora ferido. Mas mesmo enquanto a sua percepção se abria a este fato, não sentia desejo de o ferir; a sua presença era-lhe penosa, e só queria que ele se fosse embora.

— Não se senta? — perguntou ele.

— Acho que é melhor não — disse Catherine.

— Ofendo-a por ter vindo? — estava muito sério e falava num tom do maior respeito.

— Acho que não deveria ter vindo.

— A Mrs. Penniman não lhe disse. não lhe deu o meu recado? — Disse-me qualquer coisa mas não entendi.

— Gostaria que me deixasse dar-lho. me deixasse falar por mim.

— Acho que não é necessário — disse Catherine.

— Para si talvez não, mas é para mim. Seria uma grande satisfação, e eu não tenho muitas. — Parecia querer aproximar-se; Catherine afastou-se.

— Não podemos ser outra vez amigos? — perguntou ele.

— Não somos inimigos. Só tenho por si sentimentos amistosos.

— Pergunto-me se sabe a felicidade que me dá ouvi-la dizer isso! Catherine não lhe disse que media a influência das suas palavras; e ele prossegiu: — Não mudou. Os anos passaram por si com felicidade.

— Passaram muito calmamente — disse Catherine.

— Não deixaram marcas; está admiravelmente jovem. Desta vez consegui aproximar-se — estava junto dela; ela viu sua barba perfumada e lustrosa, e por cima dela os olhos pareciam estranhos e duros. Era muito diferente do seu antigo — do seu jovem rosto. Se o tivesse visto assim pela primeira vez, não teria gostado dele. Parecia que sorria, ou tentava sorrir.

— Catherine — disse baixando a voz — nunca deixei de pensar em você.

— Por favor, não diga essas coisas — respondeu ela.

— Você me odeia?

— Oh, não — disse Catherine.

Alguma coisa no tom dela o desanimou, mas logo se recompôs.

— Ainda tem alguma ternura por mim, então?

— Não sei por que veio fazer essas perguntas! — exclamou Catherine.

— Porque durante muitos anos tem sido o maior desejo da minha vida que nos tornemos de novo amigos.

— Isso é impossível.

— Por quê? Não é impossível se permitir.

— Não vou permitir — disse Catherine.

Ele olhou-a outra vez em silêncio.

— Estou a ver; a minha presença perturba-a e faz-lhe mal. Vou-me embora; mas tem de me dar licença para voltar.

— Por favor, não volte — disse ela.

— Nunca, nunca mais? Ela fez um grande esforço; queria dizer qualquer coisa que tornasse impossível ele alguma vez mais cruzar o limiar da sua porta.

— Está mal da sua parte. Não há decoro nisso, não há qualquer razão para isso.

— Ah, minha querida senhora, está a ser injusta comigo — exclamou Morris Townsend. — Apenas estivemos à espera, e agora somos livres.

— O senhor tratou-me mal — disse Catherine.

— Não tratei, se o encarar como deve ser. A senhora tinha a sua vida calma, com o seu pai, que foi justamente o que eu não consegui decidir-me a roubar-lhe. — Sim, isso eu tinha.

Morris sentiu que era um prejuízo considerável para a sua causa o fato de não poder acrescentar que ela tivera algo mais do que isso; pois escusado é dizer que ele soubera do conteúdo do testamento do Dr. Sloper.

No entanto, não se atrapalhou.

— Há sortes piores do que essa! — exclamou com ênfase; e poderia supor-se que se referia à sua própria situação desprotegida. Depois acrescentou, com uma doçura mais profunda: — Catherine, nunca me perdoou?

— Já o perdoei há anos, mas é escusado tentarmos ser amigos. — Não, se esquecermos o passado. Ainda temos um futuro, graças a Deus! — Não posso esquecer, não esqueço — disse Catherine. — Tratou-me mal demais.

Senti-o muito; senti-o durante anos.

E prosseguiu, com o desejo de lhe mostrar que não devia voltar a procurá-la desta maneira.

— Não posso recomeçar, não posso aceitar isso. Está tudo morto e enterrado. Foi sério demais; alterou muito a minha vida. Nunca esperei vê-lo aqui.

— Ah, está zangada! — exclamou Morris que desejava imensamente poder detetar uma centelha de paixão na calma dela. Nesse caso poderia ter esperanças.

— Não, não estou zangada. A raiva não perdura assim durante anos. Mas há outras coisas. As impressões ficam, quando foram fortes. Mas não quero falar.

Morris aflagava a barba de olhos ensombrados.

— Por que nunca casou? — perguntou abruptamente. — Teve oportunidades.

— Não quis me casar.

— Claro, é rica, é livre; não tinha nada a ganhar.

— Não tinha nada a ganhar — disse Catherine.

Morris olhou vagamente à sua volta e deu um suspiro profundo.

— Bem, tinha a esperança de que ainda poderíamos vir a ser amigos.

— Planejava mandar pela minha tia dizer, em resposta a seu recado, se tivesse esperado uma resposta, que era desnecessário vir nessa esperança.

— Então, adeus — disse Morris. — Desculpe a minha imprudência.

Ele fez uma vênia e ela afastou-se — e ali ficou, sozinha, com os olhos no chão, ainda por alguns momentos depois de o ouvir fechar a porta da sala. No vestíbulo encontrou Mrs. Penniman, agitada e ansiosa; parecia ter andado por ali, sob os impulsos irreconciliáveis da sua curiosidade e da sua dignidade.

— Foi um belo plano, o seu! — disse Morris dando pancadinhas no chapéu.

— Ela foi assim tão dura? — perguntou Mrs. Penniman.

— Não quer saber de mim! De todo! Com aqueles malditos modos secos!

— Foi muito seca? — inquiriu Mrs. Penniman, solícita.

Morris não fez caso da pergunta. Ficou a pensar um instante, com o chapéu na cabeça.

— Mas então por que diabos ela não se casou?

— Pois é. Por que, na verdade? — suspirou Mrs. Penniman.

E depois, como que reparando na insuficiência desta explicação: — Mas não vá desesperar. Vai voltar.

— Voltar? Não! — E Morris Townsend saiu, deixando Mrs. Penniman de olhos arregalados.

Entretanto, na sala, Catherine pegou o bordado e sentou-se novamente — para o resto da vida.

**FIM**